

REVISTA DA SEMANA

Nº. 43
27-10-1945
Cr\$ 1,50



DESDE
QUANDO
PEQUENINOS



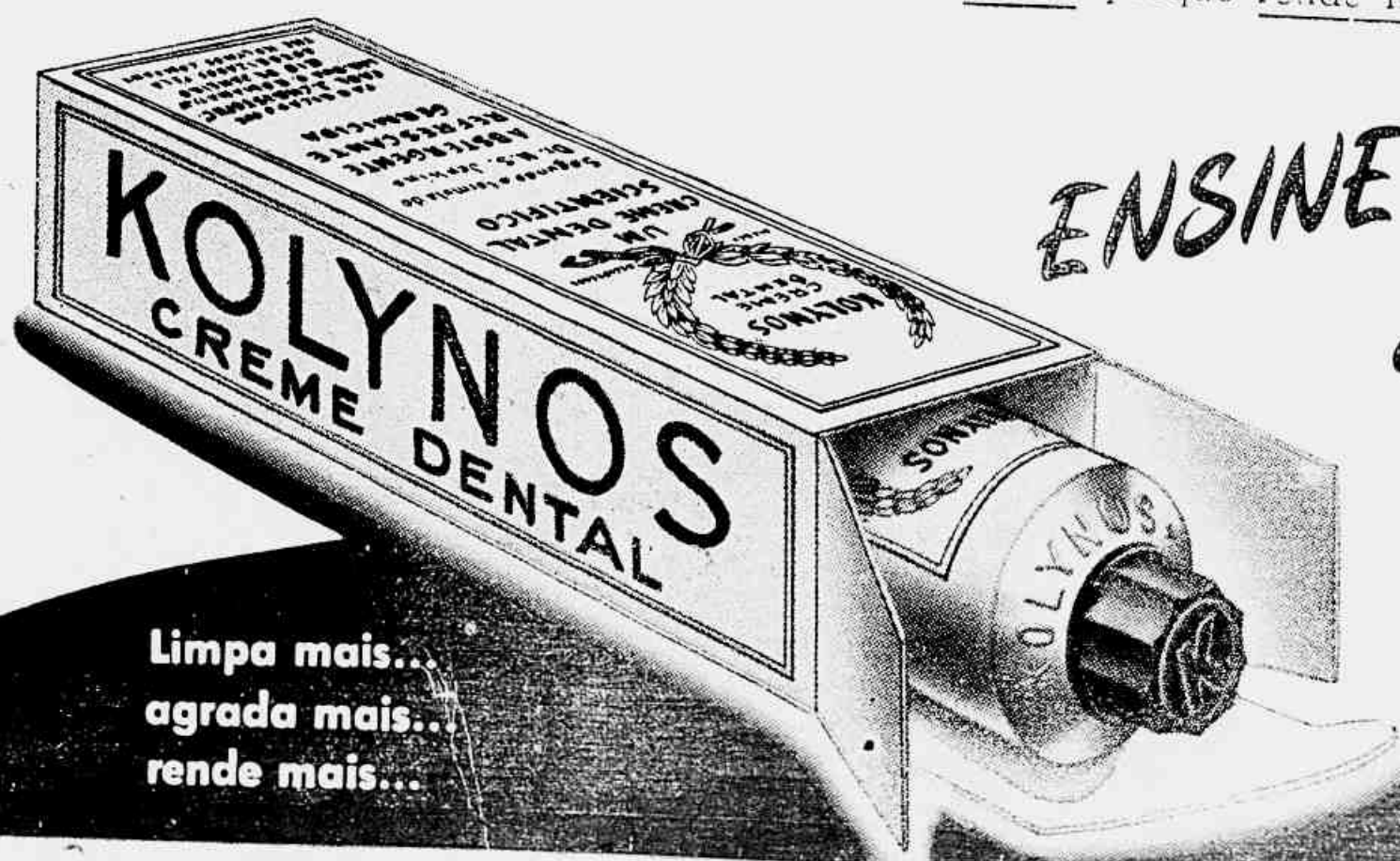
-É BOM QUE USEM KOLYNOS!

AS crianças em geral não se mostram alegres nas horas de escovar os dentes... se não o fazem com Kolynos. Esta é uma vantagem desse creme dental completo: graças ao seu sabor, as crianças aprendem, desde a mais tenra idade, um método de proteção dos dentes que lhes será útil para toda a vida. Um centímetro de Kolynos na escova seca é o bastante para assegurar uma perfeita higiene

bucal, pois a sua espuma antisséptica atinge todos os recantos dos dentes.

Seu filho prefere Kolynos por causa do sabor agradável; mas graças a isto, aprenderá a proteger os dentes e a saúde durante toda a vida.

Não é em vão que mais dentistas e mais famílias usam e recomendam este creme dental que custa muito menos porque rende muito mais!



Limpa mais...
agrada mais...
rende mais...

ENSINE seu filho
a usar o CREME
DENTAL
ANTISSEPTICO!

★ Ouça na Rádio Nacional, às 2.^{as} feiras
às 21,35 o "Rádio Almanaque Kolynos".

O Clube dos Treze é uma das instituições mais singulares que já existiram no Brasil. Tem uma coisa em comum com o Rotary Club: reúnem-se os seus membros, uma vez por mês, num dos restaurantes da cidade, para um jantar de cordialidade. Mas uma coisa o coloca em radical oposição ao clube rotariano. Enquanto que os sócios dessa sociedade internacional jantam fingindo que ouvem discursos, ou ouvem discursos fingindo que jantam, os escritores e artistas que fazem parte do Clube dos Treze simplesmente conversam uns com os outros, sendo absolutamente proibida qualquer expansão de caráter oratório. Não estão ligados uns aos outros senão pelo afeto e pela compreensão mútua, pois o Clube dos Treze não tem estatutos, não tem sede, não cobra mensalidades, não tem finalidade política ou de qualquer outra natureza que não seja a de criar a oportunidade de um encontro cordial entre pessoas que se estimam e que a vida prática, com suas exigências terríveis, muitas vezes impede que se vejam com a frequência que, por certo, desejariam.

E' exagêro, bem o sei, chamar-se êsse agrupamento de intelectuais o Clube dos Treze. O número de sócios é ilimitado. Mas há uma espécie de acôrdo tácito, para impedir a presença de elementos indesejáveis. O jantar mensal é dado sempre no dia 13 de cada mês, sendo rateada a despesa entre os presentes. Não se trata de um desafio à superstição ou de uma superstição pelo avêso, a escolha do dia 13 para essas reuniões de velhos amigos. Trata-se, simplesmente, de uma data fácil de fixar. Mesmo quando a gente não está atenta, não falta quem nos advirta: "Cuidado com o que vai fazer hoje... E' o dia 13". Imediatamente, liga-se essa advertência à idéia do jantar. No ano passado o Clube dos Treze comemorou o seu décimo aniversário, pois foi fundado em 1935, depois de uma série de jantares esporádicos, destinados a celebrar sucessos de elementos da então chamada "nova geração". A iniciativa partiu de Ribeiro Couto, o grande poeta e diplomata ilustre, hoje em Lisboa como encarregado de negócios do Brasil.

Lá houve, em nosso país, coisa parecida: o "Clube Rabelais", que se reunia no antigo Hotel Globo, de celebrada memória, e do qual Araripe Junier nos falou, uma vez, em crônica encantadora e evocativa. Nas suas "Memórias dos outros", Rodrigo Otávio nos fala do "canto da Cailléau", onde se reuniam Raul Pompéia, Aluizio Azevedo, Artur Azevedo, Olavo Bilac, José do Patrocínio e Coelho Neto. Luiz Edmundo nos evocou, no seu "Rio de Janeiro do meu tempo", as rodas literárias da Colombo e da Pascoal. Hoje, porém, já não existem êsses grupos de confeitarias, matando as tardes em conversas intermináveis, entre chopes e empadinhas. Os cafés "sentados" estão desaparecendo, substituídos pelos cafés "em pé", onde mal temos tempo de sorver o nosso cafezinho sem sermos acotovelados por um candidato ao lugar. O homem de letras de hoje tem uma vida muito mais intensa, muito mais dura, muito mais prática do que antigamente. Essa reforma dos hábitos citadinos, essa pressão que os tempos, bem mais bicudos hoje do que outrora, impuseram aos intelectuais brasileiros, acabaram por dispersá-los. O Clube dos Treze ou, melhor, o jantar do dia 13 de cada mês, constituiu um traço de união, um elo entre umas três dezenas d'êsses homens de espírito. Às vezes, a frequência diminui. Outras vezes, aumenta consideravelmente. Aumenta sobretudo quando Ribeiro Couto está no Brasil, porque êle está sempre atento, chamando os faltosos, lembrando aos convivas o compromisso não escrito, mas que é um compromisso de honra para todos êles.

O Clube dos 13 não é uma ante-sala da Academia Brasileira de Letras, mas o fato é que dentre os seus membros já saíram nada menos de quatro acadêmicos: Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Rodrigo Otávio Filho e Peregrino Junior. E há outros "trezistas" que inegavelmente terão no futuro boas probabilidades, porque são, sem a menor dúvida, "academizáveis". Entre êsses, alguns já deviam estar na Academia, como é o caso de Antenor Nascentes, por exemplo. Outros, serão um dia reclamados lá dentro. Porque, entre êles, podemos citar Helio Viana, jovem e brilhante historiador; o ensaísta e poeta Odilo Costa Filho, por mais de uma vez premiado pelo "Petit Trianon"; Martins de Oliveira, o intérprete das paisagens e dos costumes do rio São Francisco, hoje ausente, na Bahia; Joaquim Ribeiro, um dos nossos maiores folcloristas e continuador dos estudos filológicos de João Ribeiro; Dante Costa, que além de literatura médica faz crônicas magníficas e livros de viagem como o "Itinerário de Paris", tão louvado pela crítica; Luiz Martins, o romancista de "Fazenda", "Lapa" e "A Terra Come Tudo", hoje vivendo em São Paulo, mas presente sempre que possível; Castilhos Goycochea, o biógrafo corajoso de Plácido de Castro, historiador e sociólogo; etc. E, além d'êstes, Rafael Barbosa, Pinheiro de Lemos, Francisco de Assis Barbosa, Breno Pinheiro, ases do jornalismo; Leão Veloso, o grande escultor que nos deu a bela estátua de Tamandaré, que se ergue na praia de Botafogo, e muitos outros que seria longo citar, além de convivas estrangeiros esporádicos, em geral jornalistas, artistas e diplomatas.

A morte já abriu alguns claros nesse grupo, arrebatando duas figuras das mais queridas entre todos: Marcello Rizzi, o poeta italiano, nervoso e inquieto, que se suicidou; e Martins Castello, que durante tanto tempo iludiu a morte, vencendo-a com a sua formidável resistência, com o seu heroísmo e a sua vontade de viver. Com seus onze anos de existência, essa pequena sociedade, sempre à margem do noticiário, jamais buscando a publicidade, bem merece ser fixada nestas linhas, porque já representa, inegavelmente, uma das mais singulares tradições da nossa vida literária e artística.

REPORTAGENS

Da Rússia czarista ao solar de São Clemente	9/12
Sagramor, reporter em Nova York	18/19
Como se faz um "show"	21/26
Jockey Club	38
Figuras e Fatos	40/41

LITERATURA

Jantar a 13 (R. Magalhães Junior)	3
Machado de Assis — o cronista da cidade	14/15
O caso das mãos criminosas (John Dickson Carr)	17
Sic Transit (Maria Isaura Pereira de Queiroz)	32/33
A môça do vestido marron (Edgar Wallace)	34
De enderêço à História (Escragnolle Doria)	35
Livros Novos (J. L.)	36/37

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Aconteceu	7
Música — Esportes (Rob. Lyra F.º e Levy Kleiman) ..	42/43

FEMININAS

Conselhos (Jesy Barbosa)	27
Modêlo atômico	28
Modelos avulsos	54 e 58

CINEMA

Carmen na tela e na intimidade	29/31
--------------------------------------	-------

NOVELA

"Ressurreição" (último capítulo)	51/52
--	-------

CURIOSIDADES

Crime e Castigo	4/5
Os concursos da REVISTA	8

CARICATURA

De Bom Humor	16
"Charge" de Raul	58

NA CAPA

Ginger Rogers dispensa maiores comentários. Ela continua sendo a "estrêla" que se reafirma sempre mais artista, de filme para filme, nos estúdios da RKO.



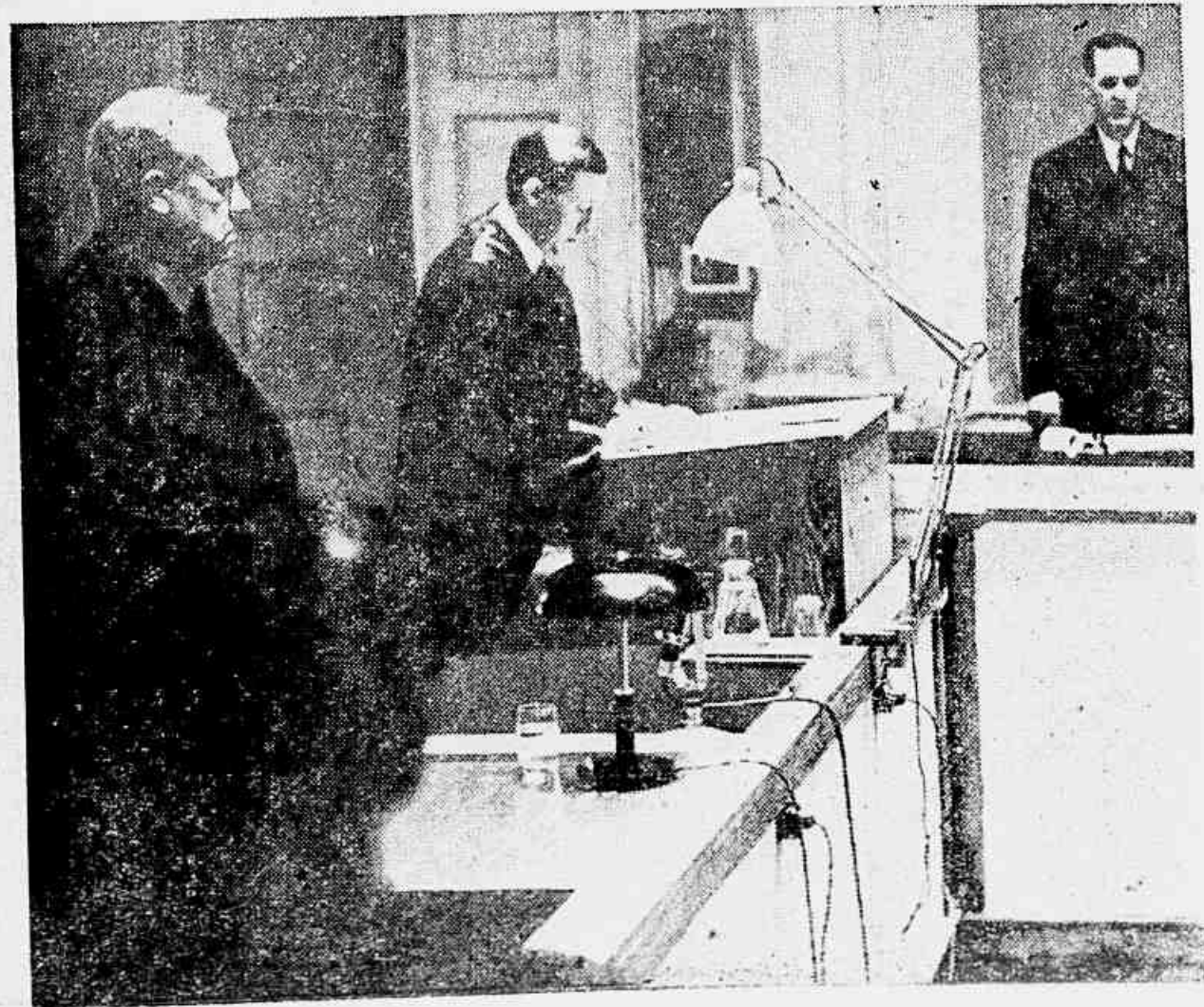
CRIME E CASTIGO



Este não quis também esperar pelo julgamento, e precipitou os acontecimentos ingerindo uma droga qualquer. Seus crimes infamantes não devem ser esquecidos, e a História se incumbirá de os gravar em suas páginas, para exemplos dos vindouros. Se outros criminosos surgirem, não haja dúvida, eles serão justicados, mais cedo ou mais tarde.

A obra imortal de Dostoiévsky deve ser recordada neste instante histórico, quando os criminosos de guerra, os traidores da Pátria e da Humanidade, os indivíduos que para salvar a própria pele não trepidaram em autorizar ou condescender na morte de muitos milhões de seus compatriotas, vão comparecendo, um a um, à barra dos tribunais. Agora mesmo, os primeiros vinte e quatro da

Este é Quisling, o traidor número um da Noruega, ouvindo a sentença de morte. O juiz conclui a leitura do precioso documento e pergunta a Vidkun Quisling "se entendeu bem a sentença e se pretende apelar". Certamente entendeu e muito bem... Até ser redigida esta legenda, não se procedeu à execução. Mas o castigo chegou e Quisling dele não escapará.



grande lista germânica, estão começando a desfilar perante os juizes. E mesmo facultando-se a cada criminoso o direito de defesa, é certo que, em face das hediondas torpezas por eles praticadas, não podem escapar com vida. Agora mesmo, há duas semanas, o mundo foi abalado com o fuzilamento de Pierre Laval, que talvez esperasse, do general De Gaulle, a clemência concedida ao marechal Pétain, convertendo em prisão perpétua a pena de morte. Mas o general não esqueceu os sofrimentos por que passou a gente de sua pátria, e foi ele quem primeiro deu o grito de alerta contra as traições desses maus franceses. Por isso, sob pena de ultrajar a memória dos milhões de inocentes mortos — velhos, mulheres, crianças, gente enfêrma e soldados destruídos pela sanha nazista, — De Gaulle cruzou os braços e ordenou a execução. Laval tentou suicidar-se. Mas de nada lhe adiantou o simulacro de coragem, porque assim mesmo foi arrastado ao local do fuzilamento.

Outros ali devem comparecer, e nos demais países, onde se processam julgamentos semelhantes, novos traidores pagarão com a vida o crime nefando de trabalhar, sob qualquer pretêxto, pela causa dos fascistas. O mundo aguardava essa hora do castigo, depois do crime ter sido praticado em tão larga escala. E os corações que agora se deixam sensibilizar, não devem esquecer nem insensibilizar-se com os crimes que esses justicados de hoje praticaram num "ontem" tão recente. E' o destino infalível de todos os tempos e tôdas as guerras. A justiça pode tardar, mas chega sempre. Fôssem vitoriosos os teutos, e que dias terríveis estaríamos vivendo com o direito da fôrça imposto a todos os povos sacrificados, dentre eles o Brasil!

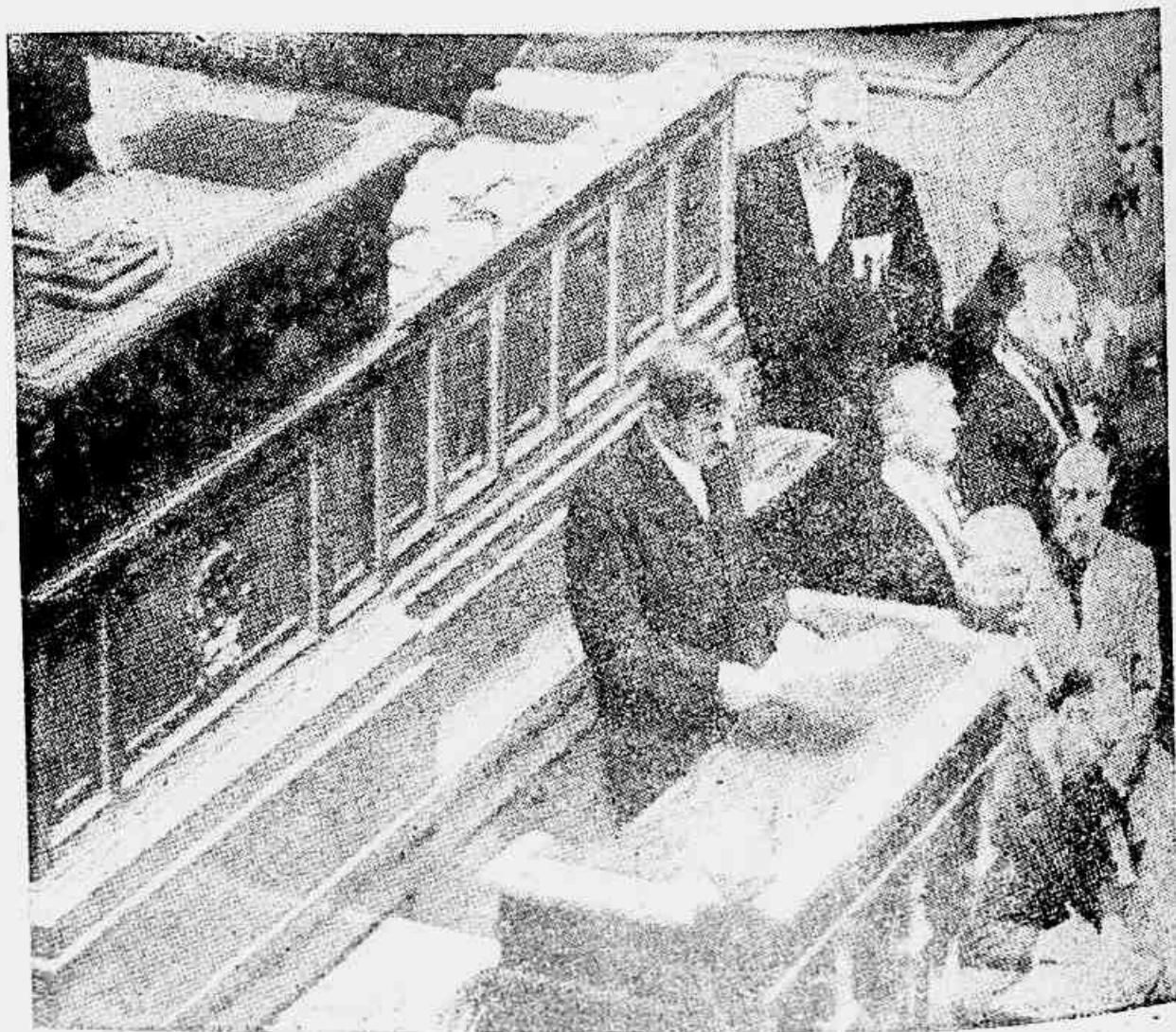
Por isso mesmo devemos lamentar, tal-



Este já foi condenado. Mereceu a clemência de De Gaulle e por isso não foi encostado no muro. Alguns dizem que teve maior sorte que a de Laval, outros afirmam que será muito mais desgraçado. Vivendo, assistirá ao desenrolar de acontecimentos empolgantes, dos quais não participará. Ele foi o herói de Verdun. E acabou sendo o colaboracionista de Hitler...

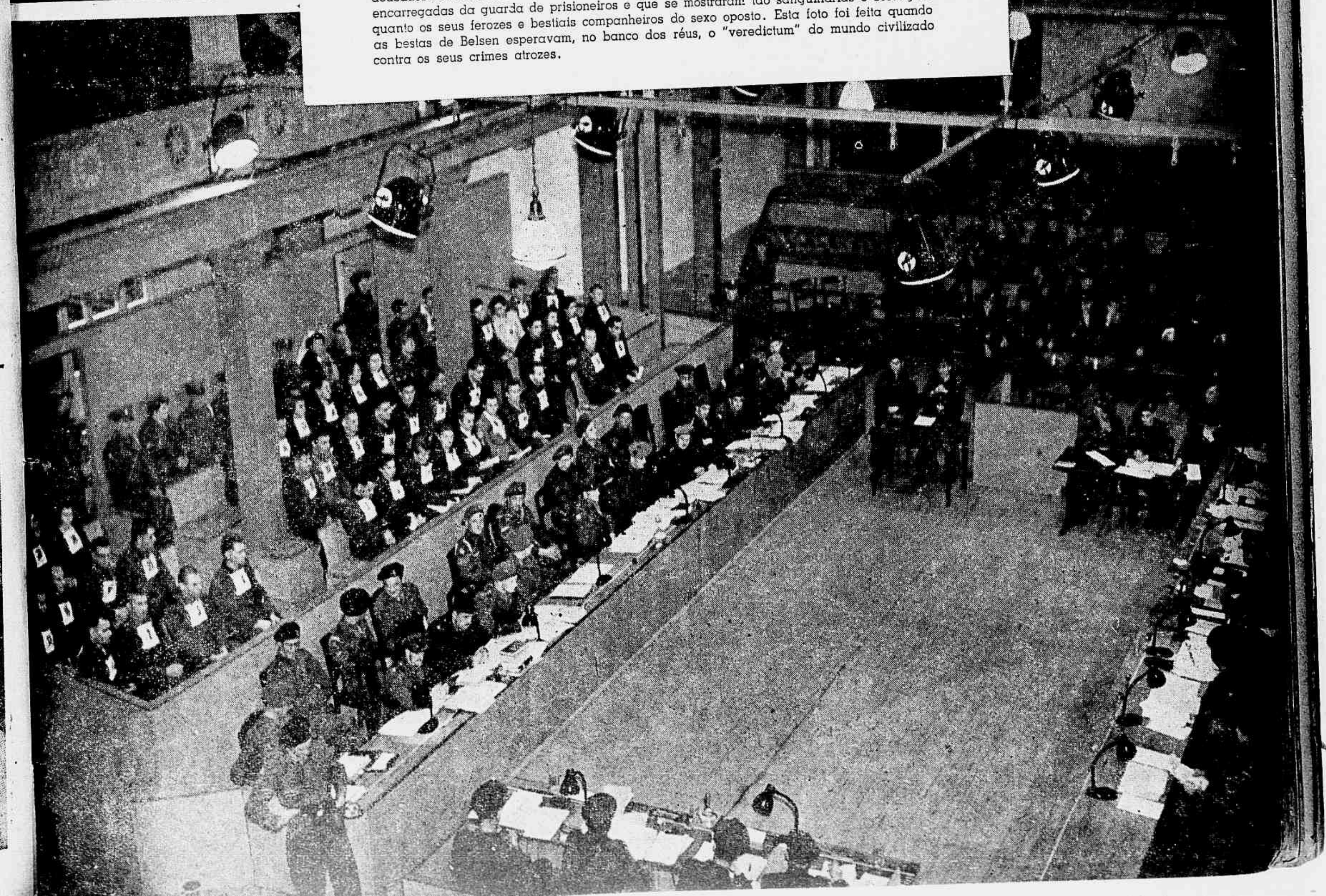
vez, o triste destino de homens que, a exemplo de Laval e Pétain, poderiam sagrar-se em bons serviços prestados aos seus compatriotas e à pátria gloriosa que os viu nascer. Mas daí até nos compadecermos da justiça agora feita, do castigo aplicado aos seus crimes hediondos, vai um abismo. Abismo que nos arrastaria para o seu vácuo se outro fôsse o epílogo da guerra.

E finalmente Laval, mas o Laval de seus bons tempos, quando, no Senado Francês, procedia ao elogio fúnebre do rei Alexandre da Sérvia. Era então considerado um ilustre homem público da França, mas, três anos depois, deveria romper a conflagração na qual "Pierrot" (alcunha de família) encontraria o ápice da sua torpeza para receber, por fim, o fuzilamento.





O mundo inteiro voltou-se horrorizado para os acontecimentos da Europa, quando os jornais revelaram os crimes cometidos pelos nazistas no Campo de Concentração de Belsen. Os fatos culminaram com o julgamento dos criminosos, acusados de milhares de mortes e de atrocidades desumanas. Na foto abaixo aparece um flagrante do júri, vendo-se os acusados exibindo números de ordem. O N.º 1 é Joseph Kramer. Acima, as mulheres S. S., encarregadas da guarda de prisioneiros e que se mostraram tão sanguinárias e selvagens quanto os seus ferozes e bestiais companheiros do sexo oposto. Esta foto foi feita quando as bestas de Belsen esperavam, no banco dos réus, o "veredictum" do mundo civilizado contra os seus crimes atrozes.



A SEMANA EM REVISTA

EÇA DE QUEIROZ E O SÉCULO XX



legítima da palavra, o grande literato não descansava enquanto não visse sem um erro sequer a composição corrida de seus romances. Desde muito cedo começou a compor as suas maravilhosas obras que até hoje são lidas e relidas, em todas

Homem comedido, sensato, cheio de cuidados, metódico em todos os seus atos e pensamentos, Eça de Queiroz, vivendo no século agitado das teorias precipitadas e dos conceitos apressados, revelou-se um burilador cuidadoso, sempre ocupado com a perfeição. Escreveu muito, mas escreveu sempre conscienciosamente, devagar, medindo cada letra e cada palavra, pesando cada opinião e cada conceito. Os seus livros eram revistos por ele mesmo, que se abalava do seu gabinete de trabalho para passar horas e horas, de lápis em punho, nas mesas sujas das tipografias, emendando as provas e corrigindo os erros.

Escritor nato, profissional da pena em a expressão mais

as línguas em que foram editadas. Morreu cedo, muito cedo. Mas depois de sua morte começaram os herdeiros a editar o refúgio literário que ele lhes legara, trancado dentro das gavetas esparsas. Eram obras que Eça deixara perder na poeira do ineditismo, por displicência ou por descuido. Ou talvez tenha sido ainda porque achasse que elas não eram dignas de letra de forma. O fato é que os seus descendentes foram logo lançando ao público aquele restolho de genialidade, que vinha desmoralizar o autor de "Os Maias". "Alves & Cia." é um volume que talvez não fosse assinado nem por Castilho. E no entanto ele leva a assinatura de Eça na capa. E agora mais: acaba de chegar ao Brasil, justamente quando se comemora o centenário do creador do Conselheiro Acácio, um neto de Eça, segundo há quem proclame, com poucas intenções literárias. Ai está o maior desfavor ao homem e ao escritor — um neto alheio à obra, um descendente acaciano. E hoje, depois de passados os efeitos dos petardos atirados por Eça à burocracia portuguesa, Pacheco vem reverenciar-lhe a memória.

OUTRA DO TIO SAM



Tôdas eram lindas, e os membros do júri ainda se consultavam em voz baixa, indecisos, quando apareceu sobre o tablado a figura de Mary Smith. A turma de juizes deixou cair no chão os papéis das súmulas, a multidão silenciou de assombro.

Outro concurso nos Estados Unidos que culmina com um pitoresco caso: numa cidade do Oeste, o prefeito resolveu apurar qual a mais bela môça solteira que vivia no perímetro de sua jurisdição. Ofereceu um avultado prêmio, estipulou as bases severas de um concurso de beleza rigoroso. Nomeou um júri, escolhido entre os melhores estetas da localidade. Mas as concorrentes tinham que ser solteiras. Bum! Bum! Bum! A charanga prorrompeu num dobrado triunfal. Os loquetes subiram ao céu. Começou o desfile das belezas, diante do júri circunspecto e da população boquiaberta. Os rapazes assobiavam coiros e as concorrentes passavam impavidas, dentro de "maillots" microscópicos.

Mary caminhava serena, mais bela que Juno caminhando por sobre as nuvens, mais linda que Vênus saída das espumas. Galatéia perto dela era pinto. Nada se poderia comparar à beleza serena de seu perfil de madona, nenhuma deusa jamais exibira no Olimpo um busto igual ao seu. A cintura era de vespa, o passe de gazela. Pigmaleão não seria capaz de talhar em mármore figura igual. As pernas, que pernas! Seria necessário um Omar Kayan para cantar tamanha perfeição. Diante dessas formas, o júri não titubeou: Mary Smith saiu vencedora, recebeu o prêmio. Depois desapareceu, como Diana, sem deixar rastro. Um dia depois estoura a bomba: Mary chamava-se Gladys Jones, era casada com um agente de correio de uma povoação vizinha e tinha três filhos! O prefeito mandou a polícia prendê-la. Vênus havia porém se perdido entre as nuvens. E ela, agente & filhos estão gozando neste momento, em algum lugar dos Estados Unidos, o dinheiro do prêmio. Uma bela bolada. E as môças solteiras que roam os dedos. Este episódio é verídico e todos os seus personagens são vivos e reais. Qualquer semelhança com pessoas e fatos de algum filme terá sido mera coincidência.

A HONESTIDADE DO SR. BARÃO



em voça antigamente entre certa classe de indivíduos. Hoje a honestidade é um vício muito caro. Paga-se por ele o preço do ridículo. Antigamente, quem roubava pouco era ladrão; quem roubava muito era barão, e quem não roubava era

No meio da confusão geral, entre um telegrama da Argentina e um artigo doutrinário, um jornal publicou o anúncio mais ou menos assim: "Quem levou o Barão ao Palácio Guanabara? Pede-se ao 'chauffeur' que conduziu ao Palácio Guanabara o Barão de Itararé, o obsequio de comparecer à redação de 'A Manhã', afim de receber a importância que lhe é devida pela corrida feita, cujo pagamento não foi efetuado na ocasião". Ai estão algumas linhas que servem de consolo. Cercados há tanto tempo pelos agentes do câmbio negro e corretores de imóveis, já íamos nos esquecendo de que existia uma coisa chamada honestidade, palavra designativa de uma virtude muito

honesto. Hoje, quem rouba muito é milionário, quem rouba pouco é ladrão mesmo, e quem não rouba nada é otário. O barão de Itararé não está neste caso. A ele é dado ser honesto. Descendente de uma das mais nobres famílias do Brasil, lidime representante da aristocracia progressista, conserva até hoje os hábitos patriarcais de seus maiores, entre os quais se conta o prestígio da barba, cujos fios têm o valor de notas promissórias. Talvez ele tenha deixado cair no estêdo do automóvel em que viajava alguns pêlos de sua espessa e conceituada barba, e seja este o motivo pelo qual se julga no dever moral de liquidar a corrida. O valor da corrida é entretanto insignificante. Talvez não alcance a cifra de cinquenta cruzeiros, quantia que, traduzida em mil réis, não ajudaria muito a economia do motorista. Mas se a conta relativa à corrida fôsse algo parecido com dez contos de réis, então, com permissão do querido diretor do grande "arrotativo", não nos caberia mais que encerrar esta nota com um trocadilho infame: haveria uma verdadeira corrida. Todos os "chauffeurs" da cidade iriam chorar as máguas na "Manhã", pois "quem não chora não mama". E quem não quer mamar num pacote de cem "vacas"?

"LIBERTAS QUAE SERA TAMEM"



passou a ser arma proibida, a música era propaganda subversiva. Para melhor combater a música noturna, a Central do Brasil começou a cobrar imposto sobre os instrumentos de música em trânsito pelas suas linhas. Cavaquinhos, banjos e

Há muito tempo que não choram, pelas esquinas suburbanas, os violões saudosos e as flautas melancólicas. Há anos que já não ouvimos, pelas noites de luar, as endearas dos trovadores românticos, que vão queixar-se à lua, serena e bela, das ingratidões de suas amadas e da tristeza de suas vidas solitárias. Podia ser ridículo, mas era bonito, lá isto era. A gente acordava e ficava ouvindo a serenata melancólica, que lá depois se perdendo em declínio, até terminar lá no fim da rua, num "pianissimo" indefinido. Um dia, os guardas-noturnos deram de implicar com os pobres seresteiros apaixonados. As serenatas foram postas no "index" dos distritos policiais. O violão

bandoneons não eram mais que mercadorias iguais a todas as outras. Um pláio e um saco de feijão branco não faziam diferença entre si. Agora, porém, os seresteiros estão vingados: o major Eurico de Souza Gomes Filho, sub-diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, acaba de baixar uma portaria determinando que estão isentos de qualquer ônus os instrumentos musicais em viagem nos trens daquela ferrovia. De agora em diante, descansados durante a tarde de sábado pelo advento da semana inglesa, os trovadores de Cascadura poderão descer à noite para a cidade e soltar suas endearas à lua, sem necessidade de entregar à môça da "borboleta" a passagem do pinho. O violão viaja de graça, o pandeiro pode circular à vontade pelas linhas da Central. Estão libertados, todos, do regime de imposto de trânsito. São "caronas" oficiais em todos os vagões da nossa maior estrada de ferro. De hoje em diante poderemos voltar a ouvir, nas noites calmas de luar, a voz do cantor choroso, que fala de virgens adormecidas. Ai vêm eles, pais de família! Preparai as latas d'água!

AQUI ESTAMOS, SENHORITA!

Numa secção de "pequenos anúncios" apareceu esta jóia:

"Marriage — Young lady desire to contract a conventional marriage, and divorce followed, fixed previous disposition and compensation for husband. Preference english or american gentleman. Demand large reference. Absolute secret. Letter's this journal, for..."

Foi assim que a môça, americana ou inglesa, anunciou pelo jornal que queria se casar. Com quem, não importa. Casava-se com qualquer cavalheiro, americano ou inglês de preferência, mas casava-se apenas para salvar as aparências. A anunciante adianta ainda que o noivo seria otimamente recompensado. Este anúncio encerra qualquer mistério. A môça quer se casar para divorciar-se logo a seguir. Será que ela conhece algum testamento que a institui herdeira uni-

versal de um milionário, que estipula a condição do estado civil? Ou será que ela quer se casar para evitar delicadamente um pretendente a quem não ama? De qualquer maneira, o anúncio é algo fora do comum e do natural. A môça deve ser rica, pois está disposta a recompensar generosamente o "noivo de ocasião". Deve ser bela, pois toda a mulher jovem tem algo de beleza. Assim, não lhe será difícil arranjar um marido eventual. O que achamos difícil é que um camarada casado com uma pequena bonita e cheia de dinheiro queira se divorciar depois. Seria interessante, como epílogo do caso, que o marido teimasse em conservar a esposa ao seu lado. Esta, por certo, não havia de achar muito engraçada a situação. Mas seria para ela um merecido castigo. Quem manda andar pondo anúncios desses nos jornais?

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 48,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; e número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro. Tel. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2650; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-6679; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-4002.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7096.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL. REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knope & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO. Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este número consta de 60 páginas.

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Se publicarem colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

Aconteceu...

Aconteceu aí por volta de 1912, há trinta e três anos, portanto. E aconteceu para fazer furor na muito ilustre Sebastianópolis do tempo da Avenida Central, escandalizando os provincianos com a sua "imensidão" de mar a mar, e o pontudo edifício do "Jornal do Brasil"... Certo dia, três chinesas espertinhas desembarcavam no Cais Pharoux, e subiam as redações dos jornais para oferecer suas habilidades "profissionais". Elas propunham-se, apenas, a extrair "bichos" dos olhos de quem sofresse dos mesmos. Foi um escândalo fantástico e, por muitos dias, a cidade inteira viveu preocupada com as chinesas "que tiram bichos dos olhos". Prêsas e levadas à presença das autoridades policiais, dizem as gazetas, ali praticavam a sua façanha, introduzindo dois pausinhos leves e compridos, por sob as pálpebras das vítimas, dali extraíndo meia dúzia de pequeninos vermes e dizendo-as com todos os seus males sanados. O Chefe de Polícia quis proibir-lhes o exercício dessas funções, mas os jornais protestaram; parece que chegou a registrar-se um comício no largo de São Francisco (ainda não utilizavam as escadarias do Municipal), e as capas das revistas ilustradas, inclusive da REVISTA DA SEMANA, publicavam "charges" alusivas. Um dia as chinesas desapareceram. Ninguém mais falou nos bichos nem nos pausinhos com que elas os extraíam dos olhos dos ilustres possuidores de cataratas... E era uma vez um fato sensacional do Rio de há trinta e três anos!

★

Nesse mesmo ano — 1912 — ocorrera, logo em princípios de fevereiro, a morte do Barão do Rio Branco. Isso exatamente "em cima" da hora H do Carnaval Carioca. A Prefeitura resolveu adiar a "maior festa popular brasileira", de fevereiro para abril, em sinal de luto, mas a emenda saiu pior que o soneto. Se a intenção das autoridades, sumamente louvável de resto, era a de suprimir os festejos carnavalescos, em lugar de um o carioca teve dois carnavais: o de fevereiro, mesmo mais fraco, e o de abril, que também não chegou a atingir o grau de entusiasmo costumeiro.

Foi mesmo em sinal de protesto que a REVISTA, em sua edição de 6-4-1912, quando se registrava o segundo "sábado gordo", se absteve de publicar qualquer assunto alusivo ao "Carnaval por partidas dobradas". Mas os foliões do Zé Pereira, das batalhas de "confetti" e lança-perfumes, os farristas de verdade, daquele tempo, brincavam duas vezes. E muitos, ainda hoje, recordam, com saudades e os olhos rasos d'água, as delícias do Carnaval na Quaresma...

★

Tópico de bom humor da REVISTA, nessa mesma data:

"Foi prêso há dias, por gatuno, um ex-soldado de polícia que, dizem, não pode ver um objeto qualquer sem o surripiar logo, logo... Chamam ao cleptômano "Moleque Genipapo".

Parece-nos que, dada a tendência que êle mostra para o avanço, ficava-lhe melhor: "Moleque Já no Papo"... — XIZ.

★

Mas no ano da graça de 1912 — a desgraça universal devia começar dois anos mais tarde — os trocadilhistas estavam no seu elemento. Era pôdre de "chic" fazer um trocadilho, mesmo quando se assassinava a gramática, o bom humor e os nervos do indivíduo. Por volta de junho, desembarcava no Rio o famoso caricaturista francês Sem. Tanto bastou para que se perpetuassem estas coisas deliciosas:

"Deve chegar hoje o caricaturista francês que se oculta sob o bem conhecido e aplaudido pseudônimo Sem. Um invejoso — e os há por aí a dar com pau — lembrou-se de assinar os seus pretensiosos trabalhos com êste rabisco:

Sem-rival.

E um outro, para dar quinau no invejoso, escreveu por baixo:

Sem-graça.

E Sem — o autêntico e aplaudido Sem, ao saber dessa história, dirá, quando souber português:

— Isso é Sem limites..."

★

Francamente. E' preciso ser muito Sem...vergonha para trocadilhar dêsse jeito! — X.

Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use **Regulador Gesteira**. Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use **Regulador Gesteira**

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, pêso e dormência nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

Trabalhadores ilustres

III

A ESPERANÇA DAS MÃES



D. Leonor Chrismán Mulé, o anjo tutelar da "Pro-Mat"

A bondade de coração e a habilidade profissional são as duas qualidades preponderantes no espírito de d. Leonor Chrismán Mulé, o anjo tutelar da "Pro-Mat". Ninguém ignora, realmente, como ela se desdobra no sentido de proporcionar às gestantes internadas naquela importante organização hospitalar, o conforto e o tratamento indispensável ao êxito das intervenções obstétricas, ali diariamente praticadas. Profissional que tem em seu favor mais de trinta anos de serviços, prestados com a máxima elevação e dignidade, d. Leonor requintou, através da longa prática da sua atividade, os conhecimentos, que desde mocinha adquiriu, quando aluna ainda da Maternidade das Laranjeiras, onde logo revelou a irresistível vocação, que iria propiciar-lhe os louros que já lhe cingem a jornada da vida. A sua opulenta constituição física, onde se percebem os sulcos deixados pela ação destruidora do tempo, esconde um coração depositário das mais belas filigranas da caridade e do amor ao próximo. D. Leonor não pode ver ninguém sofrer. Inquieta-se, deixa-se dominar pelo nervosismo, perde noites de sono e, enquanto isso, procura atenuar as dores alheias. Nada para preocupá-la mais do que um parto. As gestantes têm absoluta confiança na sua assistência. E, por isso mesmo, porque não a querem perder de vista, deixam-na levemente preocupada. Não que d. Leonor alimente quaisquer receios quanto à sua atuação, mas porque ela deseja que todas as parturientes aos seus cuidados sejam bem sucedidas. Isto, efetivamente, sempre aconteceu. Por causa da sua perícia, atraiu a simpatia de pais de famílias, pertencentes às mais diferentes classes sociais, não lhe faltando, constantemente, o carinho das mães e daquelas criaturas que ela viu nascer. D. Leonor é conceituada igualmente entre a classe médica da "Pro-Mat", sendo estimadíssima pelos estudantes de medicina internos daquele hospital e aos quais oferece, em muitas ocasiões, o subsídio precioso da sua experiência.

Infatigável, amante da profissão e querida de todos, d. Leonor vê aproximar-se a senectude com o prazer que experimentam todas as consciências certas de haverem cumprido, algumas vezes além das possibilidades, o seu dever.

(Assin.) Dr. Campos de Rezende (oculista)
Rua Buenos Aires, 212-1.º — Rio.

Um sedado da moda
para o marido elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

Os grandes concursos literários da "Revista da Semana"

CONTINUA REGISTRANDO FRANCO SUCESSO O "PRÊMIO AURELIANO MACHADO" — GRANDE QUANTIDADE DE ORIGINAIS DESTINADOS À SEGUNDA APURAÇÃO — O CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

Continuam a alcançar pleno sucesso em todos os meios literário do País os três grandes concursos estabelecidos pela REVISTA DA SEMANA, com o principal objetivo de incentivar os valores novos e premiar as verdadeiras vocações. Tanto o concurso de contos como o de romances e de peças teatrais têm atraído a atenção de quantos, desejosos de se iniciarem na literatura, nunca antes encontraram uma oportunidade análoga, que lhes abrisse de par em par as portas da popularidade.

O nosso concurso permanente de contos, que tem como patrono o saudoso jornalista Aureliano Machado, que durante muitos anos dirigiu a REVISTA DA SEMANA e a quem a pioneira das publicações ilustradas brasileiras deve em grande parte o prestígio de que hoje goza no conceito público, tem sido uma oportunidade da qual se valeram muitos jovens para se fazerem lidos. A primeira apuração desse certame, que tem caráter permanente, foi mais uma vitória para o já grande cartel de nosso semanário. Agora, começam a nos chegar às mãos os

originais de contos destinados à segunda seleção, a ter lugar no dia 2 de janeiro de 1946, na redação da REVISTA DA SEMANA.

O "Prêmio Apolônia Pinto" tem sido também outro motivo de grande interesse por parte dos intelectuais novos, que vêem nesse magnífico certame, que lhes faculta a quantia de Cr\$ 10.000,00 em sua estréia, um justo prêmio ao seu labor e à sua inteligência.

Assim como os outros, o concurso de romances. Dando aos novos uma magnífica oportunidade de lançar o seu livro de estréia, o "Prêmio REVISTA DA SEMANA" é um grande estímulo a quantos queiram se iniciar na difícil e espinhosa carreira de romancista.

Esses concursos são mais um motivo de orgulho para nós, porquanto vemos hoje que eles alcançaram plenamente os seus objetivos e foram compreendidos por todos os nossos leitores os nossos intentos e o nosso trabalho.

BASES DO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

(2.ª apuração)

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

De três em três meses, seleção de contos literários, que serão publicados nas páginas da REVISTA — Temas de preferência brasileiros mas também generalizados — Uma oportunidade para os novos — Cr\$ 100,00 para o autor de cada conto publicado

- 1) O prazo para o segundo concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 31 de dezembro.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, enredo, estilo e unidade de ação no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo de segundo trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono e antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 2 de janeiro de 1946, será iniciado o 3.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade um conto premiado.
- 11) Não serão devolvidos os originais, premiados ou não.

AVISO IMPORTANTE

Pedimos às pessoas que queiram concorrer à segunda apuração do nosso concurso de contos, o obséquio de, quando trouxerem pessoalmente os seus originais, entregá-los diretamente ao sr. Celestino Silveira, ou a um redator desta Revista, na sede da mesma, à rua Visconde de Maranguape, 15 — 1.º andar, afim de evitar possíveis extravios.

CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

"PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

Cr\$ 10.000,00 para o primeiro classificado, oferta do Clube Ginástico Português — Representação das peças colocadas em 2.º e 3.º lugares pela Escola Dramática da mesma instituição — As peças continuarão pertencendo exclusivamente aos autores

- 1) Fica instituído o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do "Prêmio Apolônia Pinto", promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patrocínio do Clube Ginástico

Português, podendo ao mesmo concorrer todos os escritores brasileiros que tenham ou não peças representadas.

- 2) O concurso será encerrado impreterivelmente dia 30 de novembro do corrente ano, de modo a ser conhecido o resultado em dezembro.
- 3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto aos temas e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, qualidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.
- 4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada, pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.
- 5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.
- 6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.
- 7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituída por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.
- 8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão Julgadora participar do concurso.
- 9) Todos os originais de peças devem ser diretamente remetidos a Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA, Rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 10) Além da peça colocada em primeiro lugar, o Clube Ginástico Português fará representar pela sua Escola Dramática os originais classificados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos da peça, bem como outros originais que julgar interessantes para esse fim.

A COMISSÃO JULGADORA DO "PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

A comissão julgadora do nosso concurso de peças teatrais está composta dos seguintes membros: Celestino Silveira, representante da REVISTA DA SEMANA; Joracy Camargo, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Daniel Rocha, do Clube Ginástico Português; Bandeira Duarte, como representante da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, e Floriano Faissal, pela Casa dos Artistas.

CONCURSO DE ROMANCES

"PRÊMIO REVISTA DA SEMANA"

- 1) Poderá concorrer ao "Prêmio REVISTA DA SEMANA", instituído para o melhor romance que nos for apresentado, qualquer escritor brasileiro, nato.
- 2) Os originais que nos forem remetidos deverão obedecer às seguintes normas:
 - a) serem absolutamente inéditos;
 - b) constarem de cento e cinquenta laudas de papel formato ofício, datilografadas em espaço dois, no mínimo, e de duascentas e cinquenta laudas idênticas, no máximo.
- 3) Respeitadas as condições do 1.º item, fica entretanto entendido que os temas podem obedecer a qualquer motivo, nacional ou não.
- 4) Os trabalhos serão julgados por uma comissão composta por um representante da REVISTA DA SEMANA, um romancista e um crítico literário.
- 5) Deverão vir, acompanhando os originais e nome, pseudônimo e endereço do autor.
- 6) O trabalho que obtiver primeiro lugar será premiado com uma medalha de ouro e um diploma honorífico, o que facilitará ao seu autor a edição da obra. A REVISTA DA SEMANA se encarregará ainda da propaganda do lançamento do romance.
- 7) A entrega de originais será encerrada definitivamente a 30 de novembro de 1945.

DA RUSSIA CZARISTA AO SOLAR DE S. CLEMENTE

AS FIGURAS DO ALEIJADINHO REUNIDAS NUMA MAGNÍFICA "CEIA DO SENHOR" — DIMITRI ISMAILOVITCH, MARIA MARGARIDA E A QUESTÃO DO NEGRO BRASILEIRO — UM ASSISTENTE ECLESIÁSTICO PARA ASSUNTOS RELIGIOSOS — UMA VISITA A MINAS COLONIAL

DIMITRI ISMAILOVITCH veio da Rússia para o Brasil, hoje sua pátria, após ter percorrido Stambul, Atenas, Londres, Nova York e Washington, onde expôs vários dos seus trabalhos.

Nascido em Kiew, estudou pintura com os professores Zinovieff, Selezneff e Dmitrieff Kavkasky, tendo frequentado a Escola de Belas Artes da Ucrânia e sido então aluno do professor Juk. Naquela cidade realizou sua primeira exposição individual, ainda em 1918.

No seu universalismo pictórico, Ismailovitch não deixa de ser uma ressonância, e das mais sensíveis, não obstante os aspectos próprios que atinge, da escola bizantina, na qual terá formado sua alma de eslavo. Versando temas de caráter marcadamente ocidental ou pintando as águas adormecidas do Bóster, reflete aquele estilo de civilização que encerra também um estilo de beleza e que encheu o seu tempo de maneira inapagável. Afluem-lhe as reminiscências dessa arte hierática, de angustiada gravidade, que se completa no tocante dos coloridos e dos ornatos, onde a inspiração sagrada assume uma ânsia de inédita fantasia. Tão profundo é esse conteúdo da sua arte que, ao retratar suas famosas madonas, mantendo exuberante fidelidade ao tipo étnico dos modelos, pode-se observar na composição certos pormenores de melhor bizantinismo. Não sabemos se o artista procura às vezes esse eleito, de modo deliberado, pois ali a figura feminina se exalta num plano todo sutil de requintes espirituais, à semelhança das imagens de Bizâncio. Entretanto, jamais há uma idéia servil de cópia, seja num detalhe, num friso que ilustre o desenho, seja no olhar que surge na face impassível da retratada como um símbolo de verdade toda interior. Ismailovitch é um creador pessoal, dotado da capacidade de sugerir e resolver seus próprios sonhos e problemas artísticos, sem a preocupação de se deter no passado. Este, porém, como acontece sempre, entrega-lhe sua experiência, seu legado de emoções, sua mais pura mensagem de vida já vivida. Assim se deu e se dá com os grandes artistas,

que são como que elos de uma época para outra, compõe a própria harmonia da sucessão de movimentos estéticos.

A obra mais recente de Ismailovitch é a sua coleção de quadros sobre Ouro Preto, Congonhas do Campo e Sabará, exposta agora. Esse amigo sincero e feliz da nossa luz, da nossa paisagem e de nossos templos tradicionais, cujos quadros sobre as igrejas da Bahia constituem valioso depoimento artístico-cultural, foi encontrar naquelas cidades da nossa história colonial os motivos para a sua missão mais importante de artista. A série de telas que fez, de suas velhas casas, suas ruas de aspectos descompassados e sua porção de igrejas, consagra definitivamente um destino artístico e honra o país que o acolheu. É a grande homenagem de Ismailovitch ao Brasil e é a sua obra maior. Sobre tudo porque nesses quadros o pintor está por inteiro entregue à nossa natureza, às nossas coisas, àquela época brasileira. O sentimento poderoso de tudo isso chega a dominar as características anteriores da sua arte, integrando-o ao meio num impulso irresistível. Tudo o mais quando era contribuição de outras terras e civilizações como que se dilui, é superado, dando lugar a uma nova e mais surpreendente feição da sua pintura. Atinge ele a cristalização dos seus processos artísticos, evidenciando sua mestria.

Em relação aos trabalhos do Aleijadinho é que isso melhor se positiva. Ismailovitch apaixonou-se por essas esculturas soberbamente primitivas. Empolgado pelos Profetas talhados na pedra pelo gênio de Antonio Francisco Lisboa, pinta uma Ceia do Senhor tendo-os como modelos. A idéia desse quadro é de todo original, apresentando uma visão nova da cena cristã. Os apóstolos estão todos de mãos unidas, no gesto habitual da prece, cercadas suas cabeças de um halo de luminosidade. Jesus aparece fazendo a bênção bizantina. Judas, com a mão fechada sobre o coração, em atitude de arrependimento. A mesa é vista apenas de modo a ressaltar o cálice, em pedra-sabão, com o vinho santificado. E neste detalhe está a expressão mais viva da admiração do artista pela obra do Aleijadinho.

ZENAIDE ANDRÉA

ATRAS de uma porta de vidro fôsko está a casa de Ismailovitch. Não é uma casa comum, com sala de visitas, saletas e refeitório: é uma galeria de arte. Os quadros dominam tudo com a sua presença,

e entre eles se perdem os móveis e utensílios domésticos, sumidos dentro daquela exposição numerosa de pintura. Pelos corredores e salas as paredes estão cobertas de quadros. Naturezas mortas e figuras espalham-se por

todos os compartimentos, penduradas ou empilhadas pelos cantos. Um verdadeiro museu de pintura se estende por todos os recantos. Telas ainda incompletas se misturam com velhos trabalhos. A história da evolução artís-

O PINTOR DE KIEW HOMENAGEIA O ALEIJADINHO — Dimitri Ismailovitch, pintor russo que é hoje uma das glórias da arte nacional, fotografado diante da "Ceia de Jesus" de sua autoria, quando se preparava para prosseguir os trabalhos. Esse óleo representa as figuras dos apóstolos talhadas em pedra-sabão por Antonio Francisco Lisboa e erguidas no adro da matriz de Congonhas do Campo. Aparecem ainda as reproduções de um São Jorge e de outra imagem de Ouro Preto. O Cristo faz a bênção bizantina, que será modificada, por sugestão do padre Dutra, assistente do professor em assuntos religiosos. Este quadro terá o título: "Homenagem ao Aleijadinho".



tica e da vida do pintor russo Dimitri Ismailovitch pode ser contada por essas telas que foram a sua casa em toda a extensão. Cada uma delas é o resultado de muitos dias de trabalho e compreende uma página do calendário que marca a vida de Dimitri Ismailovitch. Foi diante desse calendário ilustrado que conversamos com o artista, em sua casa solarenga da rua São Clemente, onde vive hoje esse antigo combatente russo. Foi lá que Ismailovitch nos falou de sua vida e de sua obra; as passagens que ele omitia, por modéstia ou por esquecimento, eram sempre lembradas por Maria Margarida, sua discípula, que também participou da entrevista. E, por tudo que nos foi dado observar e ouvir em casa do pintor, concluímos que a obra de Maria Margarida não pode ser separada da obra de Ismailovitch, ao lado de quem ela se formou e ao lado de quem trabalha até hoje, com confiança e afinho.

"MAGISTER DIXIT" — O professor Dimitri Ismailovitch tem uma discípula dedicada e fiel — Maria Margarida. A grande pintora brasileira segue à risca a escola do seu velho mestre. Com o seu colorido notável, ela tem conseguido efeitos maravilhosos, tais como o de um velho oratório cheio de símbolos fetichistas, reproduzidos por ela numa tela magnífica. Eis aqui o mestre e a discípula diante de um óleo da última, que reproduz a silhueta do professor Agache. Maria Margarida continua a observar em suas pinturas o velho lema dos artistas de Bisâncio: "Magister Dixit".

UM PINTOR BRASILEIRO NASCIDO EM KIEW

Dimitri Ismailovitch é hoje uma das glórias da pintura nacional. Residente no Brasil há mais de dezoito anos, o velho artista russo, com uma sinceridade franca, na qual não há o mínimo resquício de vontade de agradar, declara sempre:

— Nunca encontrei país melhor. Não pretendo morar nunca mais fora do Brasil.

Quando Ismailovitch nos repetiu essas palavras, perguntamos interessados:

— Mas não acha que em outras terras conseguiria um campo mais vasto para a sua arte?

A resposta veio rápida:

— Nenhum país como o Brasil poderá me oferecer melhor campo para o meu trabalho. Hoje sou um pintor brasileiro cem por cento. Pelo menos, assim me considero. Viajando

por Minas, senti-me preso àquela terra e àqueles monumentos históricos, por um sentimento que poderia chamar patriotismo com muita propriedade. Nunca me senti mais à vontade do que quando pintava os motivos coloniais de Ouro Preto e Sabará.

— E a "Homenagem ao Aleijadinho"? Foi sugestão de alguém ou idéia própria?

— Idéia própria. Ela representa entre tanto uma homenagem muito modesta. Julgo apenas que poderá ser um bom exemplo aos artistas brasileiros, pois em verdade nada há de mais injusto que o silêncio que se tem feito em torno do nome desse grande artista. Com a "Homenagem" tentei tão somente reavivar nos espíritos brasileiros a memória de Antonio Francisco Lisboa, que foi, a meu ver, a maior figura de Minas colonial, depois de Tiradentes.

Estava nesse ponto a conversa com Dimitri Ismailovitch, quando entrou na sala a pintora Maria Margarida. Após a apresentação, cercamo-la também de perguntas. E é ela quem fala a respeito do mestre quando este, por modéstia, deixa de responder ao que lhe interrogamos.

Mas os nossos entrevistados foram três, em verdade. Sim, pois pouco depois da entrada de Maria Margarida aparecia também o padre Dutra, conhecido jornalista mineiro que, de visita ao Rio, foi "agarrado" por Ismailovitch para servir-lhe de assistente em assuntos religiosos. O sacerdote também conversa conosco sobre o pintor, pelo qual tem, como Maria Margarida, uma admiração afetiva e camarada.

Enquanto o padre permanece no fundo da casa, apreciando o desenvolvimento dos trabalhos da "Homenagem ao Aleijadinho", o artista e sua discípula conversam conosco na sala de música. É ela quem nos conta a história do russo Dimitri Ismailovitch, nascido em Kiew e consagrado em Stambul.

DA FRENTE AUSTRIACA AS IGREJAS DO ALEIJADINHO

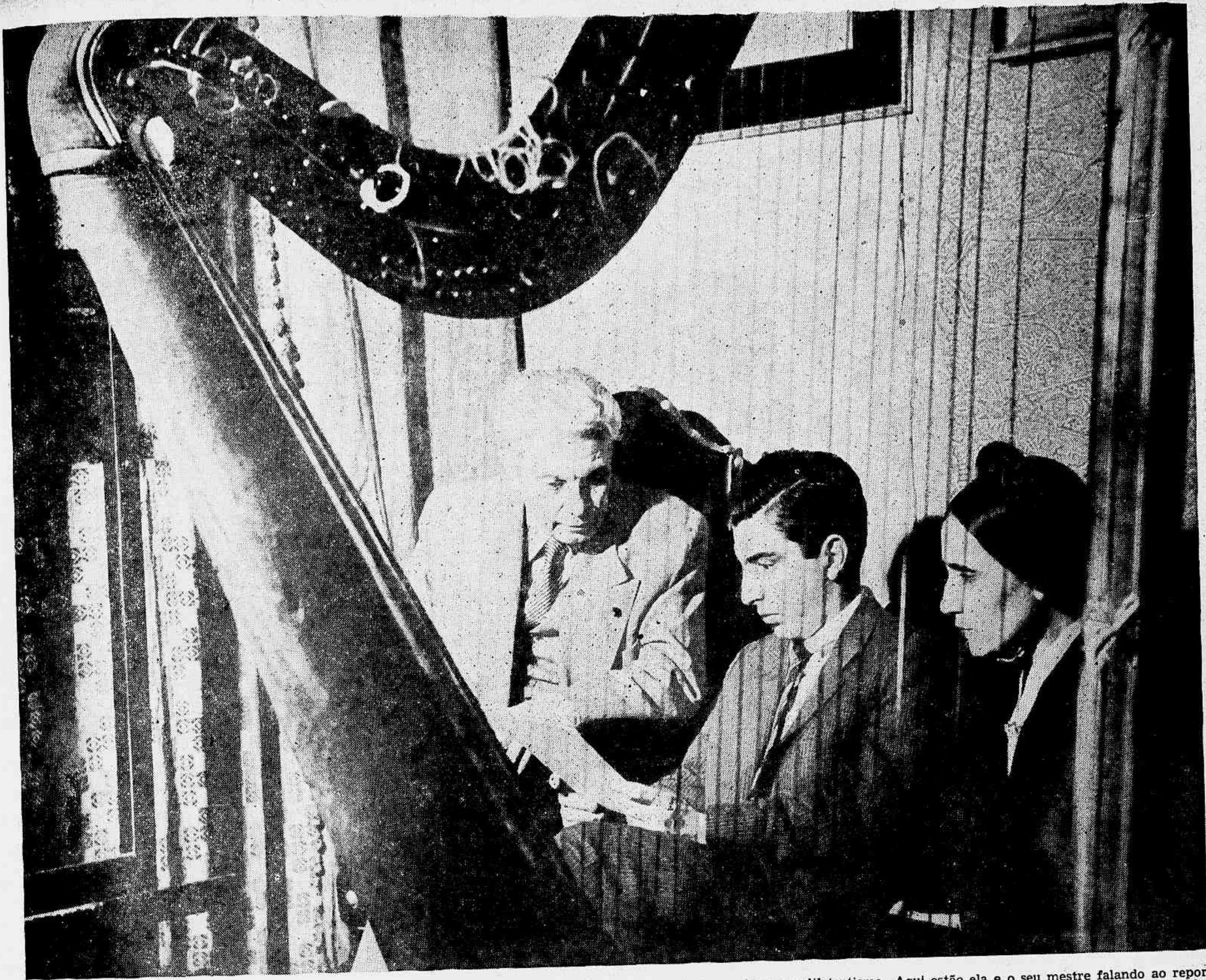
Desde menino Dimitri Ismailovitch revelou sua acentuada vocação para as coisas da pintura. Rabiscava nos papéis, muito garoto ainda, figuras inteligíveis, reveladoras de um artista em formação. Mas, como todas as pessoas de sua classe, era destinado ao exército do Czar. Ninguém escapava à regra. Nicolau II precisava de oficiais como um banqueiro precisa de cofres-fortes.

Assim, saiu um dia da academia de Petrogrado o aspirante Dimitri Ismailovitch, do Imperial Exército da Rússia. O jovem não abandonara entretanto a pintura. Mesmo na escola pintava sempre, embora fossem raros os seus momentos de folga. Trazendo sempre na alma o desejo irresistível de se fazer pintor, Ismailovitch ascendia na escala hierárquica.

Veio a guerra de 14. Mobilizaram-se os exércitos de Nicolau II. E o jovem oficial de infantaria Dimitri Ismailovitch seguiu para a frente austriaca. Eram duros os reveses e eram contados mais mortos que heróis na campanha ingrata da frente oriental. Os mujiks mobilizados para o serviço ativo das tropas imperiais eram camponeses a menos que se contavam nos latifúndios infundáveis dos senhores feudais, onde os velhos arados dormiam inúteis no fundo dos celeiros vazios. A fome milenar do proletariado russo espalhou as palavras de Lenine por toda a extensão do vasto império, desde a frente polonesa aos confins da Sibéria Tártara. Dimitri Ismailovitch voltou da frente num grupo de prisioneiros. Liberado mais tarde pelo governo bolchevique, não encontrou o exército onde servia. A guarda vermelha substituíra-o.

O artista abandonou a Rússia e seguiu





DOIS ARTISTAS FALAM AO REPORTER — Maria Margarida, em seus momentos de lazer, toca harpa e piano por diletantismo. Aqui estão ela e o seu mestre falando ao reporter, na sala de música da casa do artista. Ismailovitch mostra-nos fotografias de antigos trabalhos seus, naturezas mortas e figuras que o fizeram famoso em todo o mundo. Muitos museus de Paris, Roma e Londres guardam hoje suas telas, como preciosidades artísticas. Maria Margarida não desmerece a escola. A sua série de estudos sobre os negros é algo de grandioso e inédito na história da pintura brasileira.

RUA DO PILAR — Este é um dos quadros que figuram na exposição de Ismailovitch sobre Minas colonial. Num colorido magnífico e expressivo, o artista conseguiu apanhar um trecho da ladeira da rua do Pilar, em Ouro Preto, um dos aspectos mais típicos da cidade dos Inconfidentes. Nenhum pintor brasileiro retrataria por certo com tanto sentimento uma paisagem nossa, como esse artista nascido em Kiew.

para Stambul. Ali realizou a sua primeira exposição. O êxito foi grandioso. Tanto assim, que pouco depois embarcava para Atenas, onde fôra chamado pelo governo grego, afim de efetuar uma série de exposições. Durante muitos anos Dimitri Ismailovitch trabalhou no oriente europeu, passando depois às grandes capitais da Europa Central, onde se consagrou também. Hoje todos os grandes museus do mundo guardam as suas obras.

Quando, em 1927, chegou ao Brasil, já a fama de sua arte aportara ao Rio. Consagrado pela crítica de todo o mundo, Ismailovitch escolheu o Brasil como pátria e aqui fixou residência definitiva. As suas exposições levantavam cada vez mais alto o seu nome de artista. E ele começou a retratar tôdas as figuras do nosso mundo artístico, literário e cultural. Era uma glória tão grande quanto a Academia ou a Câmara um retrato feito por Ismailovitch.

A quantidade de retratos talvez tenha mesmo impedido que ele se dedicasse com maior frequência às naturezas mortas e aos estudos humanos, dos quais nos dá agora magníficos quadros.

O MESTRE E A DISCÍPULA

Viajando por Minas colonial, Ismailovitch ficou encantado com as obras do Aleijadinho. E, dentro do seu temperamento de artista brasileiro (pois ele agora de fato o é), sentiu a injustiça do silêncio que cerca o nome do grande escultor mineiro.

Voltando ao Rio, com os "croquis" das figuras talhadas pelo Aleijadinho na pedra-





ESTUDO DE UM DETALHE — O pintor, sua discípula Maria Margarida e o padre Dutra, seu assistente em assuntos sacros, estudam o detalhe de uma tela, num velho alfarrábio. Sobre qualquer coisa relativa à liturgia ou à história bíblica, Ismailovitch procura sempre se informar com o padre Dutra, pois a perfeição é uma das características de seu trabalho.

MINAS COLONIAL — Ninguém como o mineiro poderá sentir com maior intensidade a obra de Ismailovitch sobre as coisas e aspectos de Ouro Preto. Esta visão da matriz do Pilar é um dos trabalhos que aparecem na exposição do pintor, sobre motivos coloniais mineiros. Representa um trecho de rua de Ouro Preto, com a velha igreja servindo de fundo. Magnífica obra-prima da pintura brasileira.

sabão, o pintor reuniu-as numa tela maravilhosa, que reproduz a Ceia do Senhor. O próprio cálice que aparece sobre a mesa em torno da qual se encontram Jesus e seus discípulos é também a reprodução de um trabalho de Antonio Francisco Lisboa. Esse cálice, talhado em pedra, pertence a uma igreja de Ouro Preto e se encontra agora em casa do artista, para servir de modelo.

A "Homenagem ao Aleijadinho", assim se intitula a Ceia, talvez tenha sido até hoje a obra mais interessante de Ismailovitch. E ele tem se dedicado a essa tela com um amor verdadeiramente paternal. Sente-se que ele ama aquela pintura, que representa a homenagem sincera de um artista do século ao pobre escultor deformado de Sabará.

Tanto esmero e carinho tem o pintor dedicado ao quadro que os trabalhos, para maior perfeição de detalhes, contam com a colaboração técnica do padre Dutra, ilustre jornalista mineiro, que vai dando opiniões em torno do quadro, corrigindo alguma falha que porventura surja, quanto ao aspecto bíblico da cena. Uma dessas falhas foi apresentada pela bênção de Cristo, que o pintor, bisantino por nascimento e instinto, fez à maneira da igreja grega. O padre Dutra protestou. A pintora Maria Margarida foi ouvida, e a bênção aparece agora segundo os moldes da igreja romana.

Hoje, toda a atenção de Ismailovitch e de sua discípula Maria Margarida se voltam para a Ceia, que com certeza há de ser, em futuro próximo, a obra-prima do mestre. Esse quadro, como aliás todos os trabalhos do pintor de Kiew, revelam o estilo bisantino a que se prende o artista, embora os motivos de suas obras, como as de sua discípula, sejam temas quase sempre sociais.

Distanciados do exagêro do modernismo sectário e dos traços impressionistas dos pintores revolucionários, mestre e discípula abordam muitas vezes temas sociais de grande importância, tais como o problema do negro, em

torno do qual Maria Margarida elaborou uma série de quadros maravilhosos, que são um protesto eloquente contra o preconceito de raça e exploração do negro pelo branco.

Diante dos quadros dessa série de trabalhos sobre o negro, não pudemos deixar de perguntar à pintora onde conseguira ela os modelos para os mesmos. Maria Margarida conta-nos então como ela e o professor Ismailovitch percorriam os bairros pobres em busca de assunto para a sua pintura. Um notável estudo de traços étnicos, feito pelo professor, representa uma série de cabeças de brancos, mestiços, negros e índios. Nessa tela aparece ao lado de Vila Lobos a cabeça de "Abufá", conhecido e temido pai de santo, em cujo "terreiro" Ismailovitch colheu farto material para seus estudos raciais.

Ao nos despedirmos do pintor e de sua discípula, uma interrogação bailava em nossa cabeça: por que Ismailovitch, consagrado pela crítica de Paris e Londres, "persona grata" do governo grego, vive agora, trancado dentro do velho sobrado da rua São Clemente, como um autêntico brasileiro, pintando coisas nossas para a nossa gente?

E a resposta veio, do fundo do inconsciente, como jorro de água cristalina: tão somente porque ele, nascido e crescido em outros climas, soube melhor que os nossos artistas apreciar a riqueza de motivos que o Brasil oferece à imaginação do pintor. Porque ele soube ver o que há de belo na nossa paisagem, e soube também, sobre todas as coisas, discernir o grito de dor da alma das gentes brasileiras, expresso na fisionomia de "Pai Abufá", nos acordes de Vila Lobos, nos olhos dos negros dos morros e nas pedras talhadas pelo Aleijadinho.



CANÇÕES
CIDADES
SENTIMENTOS



EM CADA RITMO UMA LEMBRANÇA DE AMOR

URA

RESERVA DE MESAS

FONES: 26-5550 - 26-5558

MACHADO DE ASSIS O CRONISTA DA CIDADE

Foi o romancista do "Memorial de Ayres" um legítimo reporter carioca, mas um reporter à sua feição e dentro da sua época. A série de crônicas editadas por Machado de Assis na "Gazeta de Notícias" de abril de 1892 a março de 1897 e posteriormente reunidas em "A Semana", outra coisa não é mais que um repositório de excelentes reportagens, traçadas no dia-a-dia do jornal, com tôdas as feições características do seu engenho literário. O Rio do seu tempo ali está retratado em páginas que ainda hoje, mais de meio século transcorrido, despertam invulgar interesse, e das quais reproduzimos, aqui, alguns comentários pitorescos, espirituosos e em grande parte históricos para a crônica da cidade.

16 de Outubro 1892

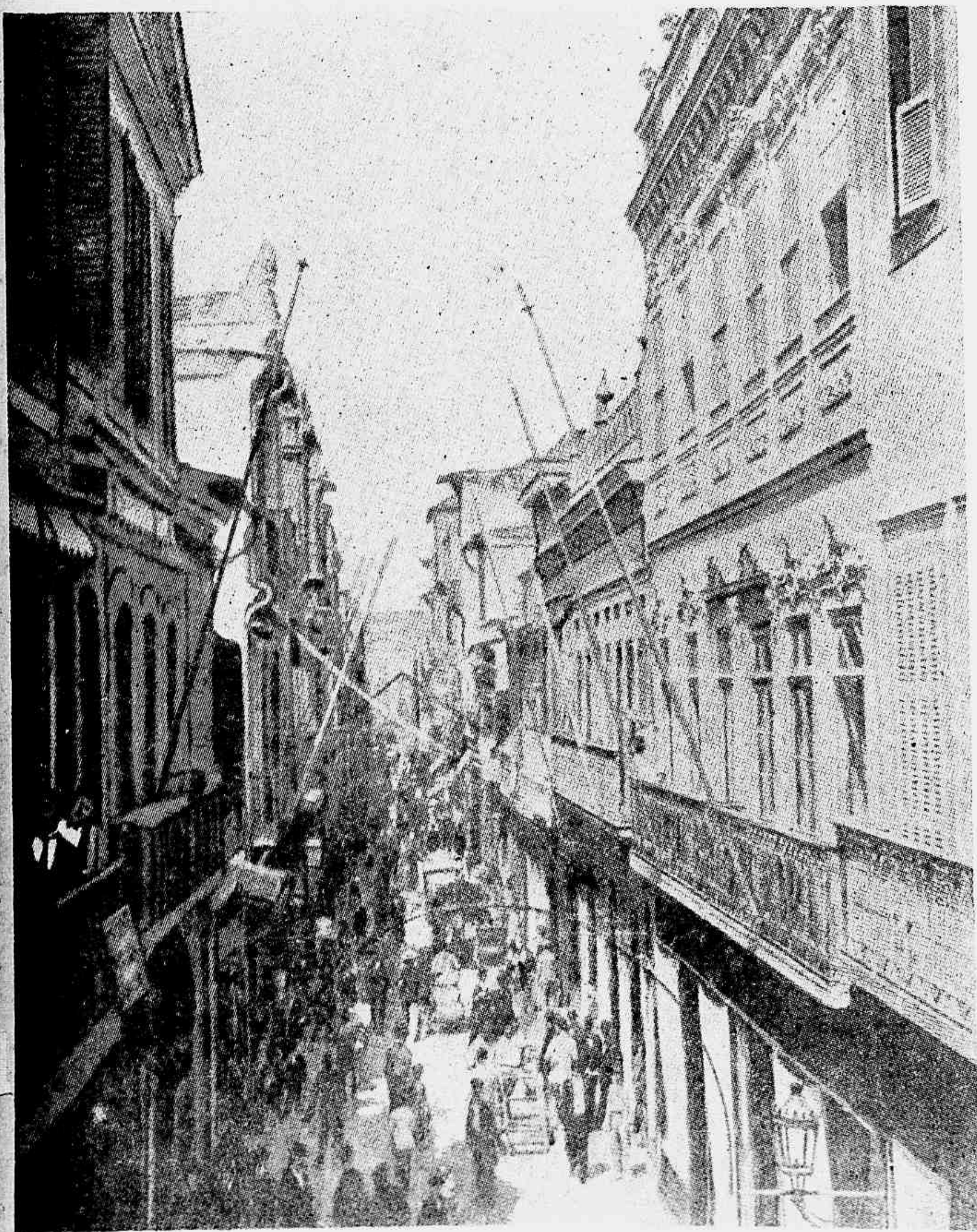
Não tendo assistido á inauguração dos bonds elétricos deixei de falar neles. Nem sequer entrei em algum, mais tarde, para receber as impressões da nova tração e conta-las. Daí o meu silêncio da outra semana. Antontem, porém indo pela praia da Lapa em um bond comum, encontrei um dos elétricos, que descia. Era o primeiro que estes meus olhos viam andar.

Para não mentir, direi que o que me impressionou, antes da electricidade, foi o gesto do cocheiro. Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu bond, com um grande ar de superioridade. Posto não fosse feio não eram as prendas físicas que lhe davam aquele aspecto. Sentia-se nele a convicção de que inventára, não só o bond eléctrico mas a propria electri-

cidade. Não é meu officio censurar essas meias glórias ou glórias de empréstimo, como lhe queiram chamar espiritos vadios. As glórias de empréstimo, se não valem tanto como as de plena propriedade merecem sempre algumas mostras de simpatia. Para que arrancar um homem a essa agradável sensação? Que tenho para lhe dar em troca?

Em seguida, admirei a marcha serena do bond, deslizando como os barcos dos poetas ao sopro da brisa invisível e amiga. Mas, como iam em sentido contrario, não tardou que nos perdessemos de vista, dobrando ele para o largo da Lapa e rua do Passeio, e entrando eu na rua do Cattete. Nem por isso o perdi de memoria. A gente do meu bond ia saindo aqui e ali, outra gente entrava adiante, e eu pensava no bond eléctrico. Assim fomos seguindo até que, perto do fim da linha e já

A rua do Ouvidor é frequentemente mencionada nos escritos de Machado de Assis. E' um flagrante da "principal artéria" daquele tempo, que reproduz a gravura, com a tradicional artéria carioca ainda iluminada a gás e entupida de carroças e carrinhos de mão.



noite, eramos só tres pessoas, o conductor, o cocheiro e eu. Os dois cochilavam, eu pensava.

De repente ouvi vozes estranhas, pareceu-me que eram os burros que conversavam, inclinei-me (ia no banco da frente), eram eles mesmos. Como eu conheço um pouco a lingua dos Houyhnhnms, pelo que dela conta o famoso Gulliver, não me foi difficil apanhar o dialogo: Bem sei que cavallo não é burro; mas reconheci que a lingua era a mesma. O burro fala menos, de certo é talvez o trapista daquela grande divisão animal, mas fala. Fiquei inclinado e escutei:

— Tens e não tens razão, respondia o da direita ao da esquerda.

O da esquerda:

— Desde que a tração eléctrica se estenda a todos os bonds, estamos livres, parece claro.

— Claro parece mas entre parecer e ser, a diferença é grande. Tu não conheces a historia da nossa especie colega; ignoras a vida dos burros desde o começo do mundo. Tu nem reflectes que, tendo o salvador dos homens nascido entre nós, honrando a nossa humildade com a sua, nem no dia de Natal escapamos da pancadaria cristã. Quem nos poupa no dia, vingasse no dia seguinte.

— Que tem isso com a liberdade?

— Vejo, redargui melancolicamente o burro da direita, vejo que ha muito de homem nessa cabeça.

— Como assim? bradou o burro da esquerda estacando o passo.

O cocheiro, entre dois cochilos, juntou as redeas e golpeou a parelha.

— Sentiste o golpe? perguntou o animal da direita. Fica sabendo que, quando os bonds entraram nesta cidade, vieram com a regra de se não empregar chicote. Espanto universal dos cocheiros: onde é que se viu burro andar sem chicote? Todos os burros desse tempo entoaram canticos de alegria e abençoaram a idéa dos trilhos, sobre os quaes os carros desliriam naturalmente. Não conheciam o homem.

— Sim, o homem imaginou um chicote, juntando as duas pontas das redeas. Sei tambem que, em certos casos, usa um galpo de arreio, ou uma vara de mar-meleiro.

— Justamente. Aqui acho razão ao homem. Burro magro não tem força; mas, levando pancada, puxa. Sabes o que a directoria mandou dizer ao antigo gerente Shannon? Mandou isto: "Engorde os burros, dê-lhes de comer, muito capim, muito feno traga-os fartos, para que eles se afeiçoem ao serviço; oportunamente mudaremos de política, *all right!*"

— Disso não me queixo eu. Sou de poucos comeres; e quando menos trabalho, é quando estou repleto. Mas que tem capim com a nossa liberdade depois do bond eléctrico?

— O bond eléctrico apenas nos fará mudar de senhor.

— De que modo?

— Nós somos bens da companhia. Quando tudo andar por arames, não somos já precisos, vendem-nos. Passamos naturalmente às carroças.

— Pela burra de Balaam! exclamou o burro da esquerda. Nenhuma aposentadoria? nenhum premio? nenhum sinal de gratificação? Oh! mas onde está a justiça deste mundo?

— Passaremos às carroças — continuou o outro pacificamente — onde a nossa vida será um pouco melhor não que nos falte pancada, mas o dono de um só burro sabe mais o que ele custou. Um dia, a velhice, a lazeira, qualquer coisa que nos torne incapaz, restituir-nos-ha a liberdade...

— Enfim!

— Ficaremos soltos, na rua, por pouco tempo arrancando alguma herva que aí deixem crescer para recreio da vista. Mas que valem duas dentadas de herva, que nem sempre é viçosa? Enfraqueceremos a idade ou a lazeira ir-nos-ha matando, até que, para usar esta metáfora humana, — esticaremos a canela. Então teremos a liberdade de apodrecer. Ao fim de tres dias a vizinhança começa a notar que o burro cheira mal; conversação e queixumes. No quarto dia um vizinho, mais atrevido, corre aos jornaes, conta o facto e pede uma reclamação. No quinto dia saí a reclamação impressa. No sexto dia, aparece um agente, verifica a exactidão da noticia; no sétimo, chega uma carroça, puxada por outro burro e leva o cadaver.

Seguiu-se uma pausa.

— Tu és lugubre, disse o burro da esquerda. Não conheces a lingua da esperança.

— Póde ser meu colega, mas a esperança é propria das especies fracas, como o homem e o gafanhoto; o burro distingue-se pela fortaleza. A nossa raça é essen-

cialmente filosofica. Ao homem que anda sobre dois pés, e provavelmente á aguiá, que vô alto, cabe a ciencia da astronomia. Nós nunca seremos astrónomos mas a filosofia é nossa. Todas as tentativas humanas a este respeito são perfeitas quimeras. Cada seculo...

O freio cortou a frase ao burro, porque o cocheiro encurtou as redeas, e travou o carro. Tinhamos chegado ao ponto terminal. Desci e fui mirar os dois interlocutores. Não podia crer que fossem eles mesmos. Entretanto, o cocheiro e o condutor cuidaram de desatrelar a parelha para leva-la ao outro lado do carro; aproveitei a ocasião e murmurei baixinho, entre os dois burros:

— *Houyhnhunms!*

Foi um choque eléctrico. Ambos deram um estremeção, levantaram as patas e perguntaram-me cheios de entusiasmo:

— Que homem és tu, que sabes a nossa lingua?

Mas o cocheiro, dando-lhes de rijo uma lambada, bradou para mim, que lhe não espantasse os animaes. Parece que a lambada devera ser em mim, se era eu que espantava os animaes; mas como dizia o burro da esquerda, ainda agora:

— Onde está a justiça deste mundo?

22 de Janeiro, 1893

A questão Capital está na ordem do dia. Tempo houve em que na Republica Argentina não se falou de outra cousa. Lá, porém, não se tratava de trocar a capital da provincia de Buenos Aires por outra, mas de tirar a cidade deste nome o duplo carater de capital da provincia e da Republica. Um dia resolveram fazer uma cidade nova, La Plata, que dizem ser magnifica, mas que custou naturalmente empréstimos grossos.

Entre nós, a questão é mais simples. Trata-se de mudar a capital do Rio de Janeiro para outra cidade que não fique sendo um prolongamento da rua do Ouvidor. Convém que o Estado não viva sujeito ao botão de Diderot, que matava um homem na China. A questão é escolher entre tantas cidades. A idéa legislativa até agora é Theresopolis; assim se votou ontem na assembléa. Era a do finado capitalista Rodrigues, que escreveu artigos, sobre isso. Grande *viveur*, o Rodrigues! Em verdade, Theresopolis está mais livre de um assalto: é fresca, tem terras de sobra, onde se edifique para officiar, para legislar e para dormir.

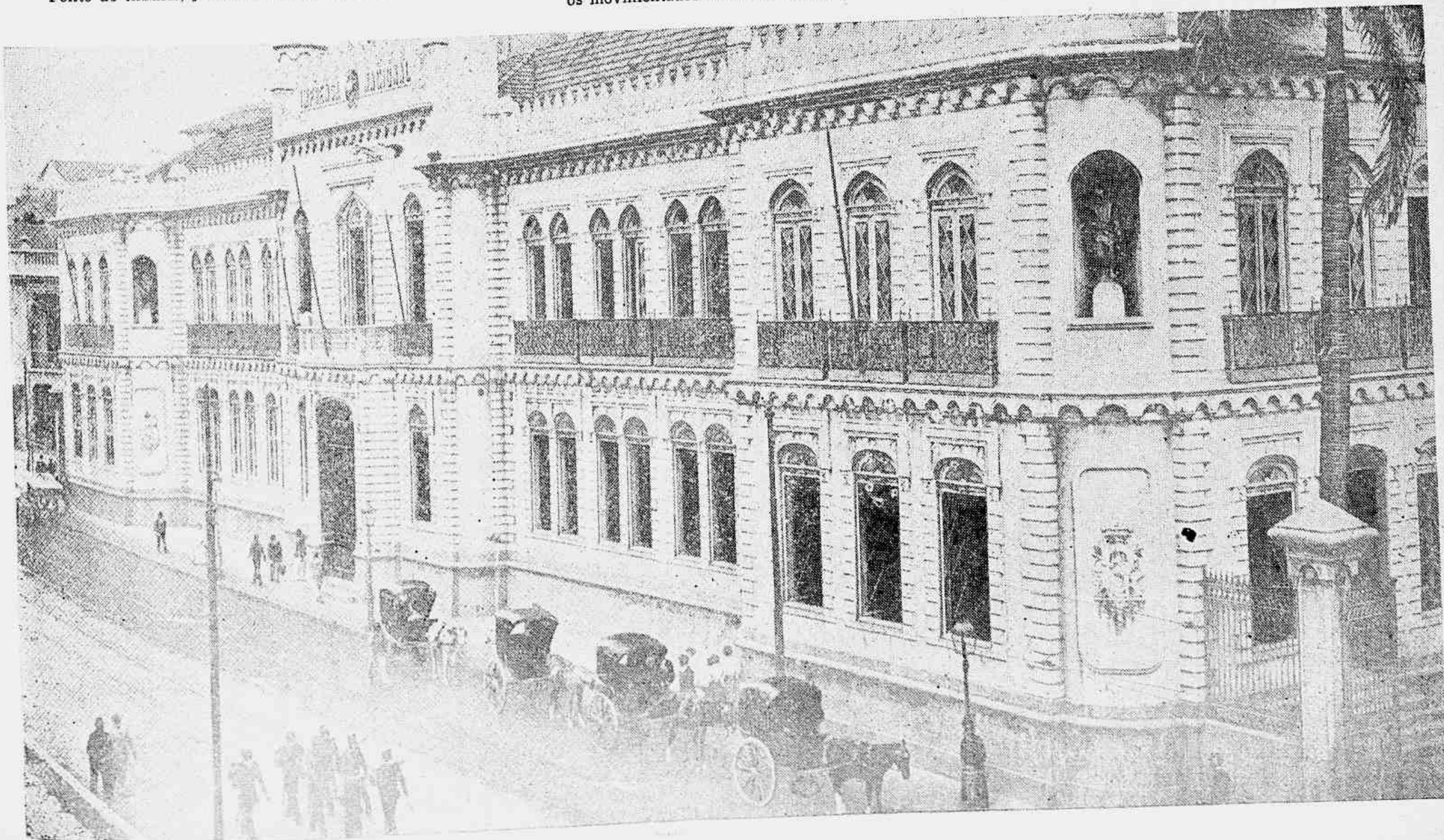
Campos quer tambem a capitalisação. Reune-se, discute, pede, insta. Vassouras não quer ficar atraz.

Rua da Carioca, no tempo de Machado de Assis, quando ainda iluminada a gás e com bondes a tração animal.

Velha cidade de um municipio de café julga-se com direito a herdar de Niteroi, e oferece dinheiros para auxiliar a administração. Petropolis tambem quer ser capital, e parece invocar algumas razões de elegancia e de beleza mas tem contra si não estar muito mais longe da rua do Ouvidor, e até mais perto, por dois caminhos. Tambem ha quem indique Nova-Friburgo e, se eu me deixasse levar pelas boas recordações dos hoteis Leuenroth e Salusse, não aconselharia outra cidade. Mas, além de não pertencer ao Estado (sou puro carioca), jámais iria contra a opinião dos meus concidadãos unicamente para satisfazer reminiscencias culinarias. Nem só culinarias, tambem as tenho coreograficas... Oh bons e saudosos bailes do salão Salusse! Convivas desse tempo, onde ides vós? Uns morreram, outros casaram, outros envelheceram; e, no meio de tanta fuga, é provavel que alguns fugissem. Falo de quatorze anos atraz. Resta ao menos este miseravel escriba, que, em vez de lá estar outra vez, no alto da serra, aqui fica a comer-lhes o tempo.

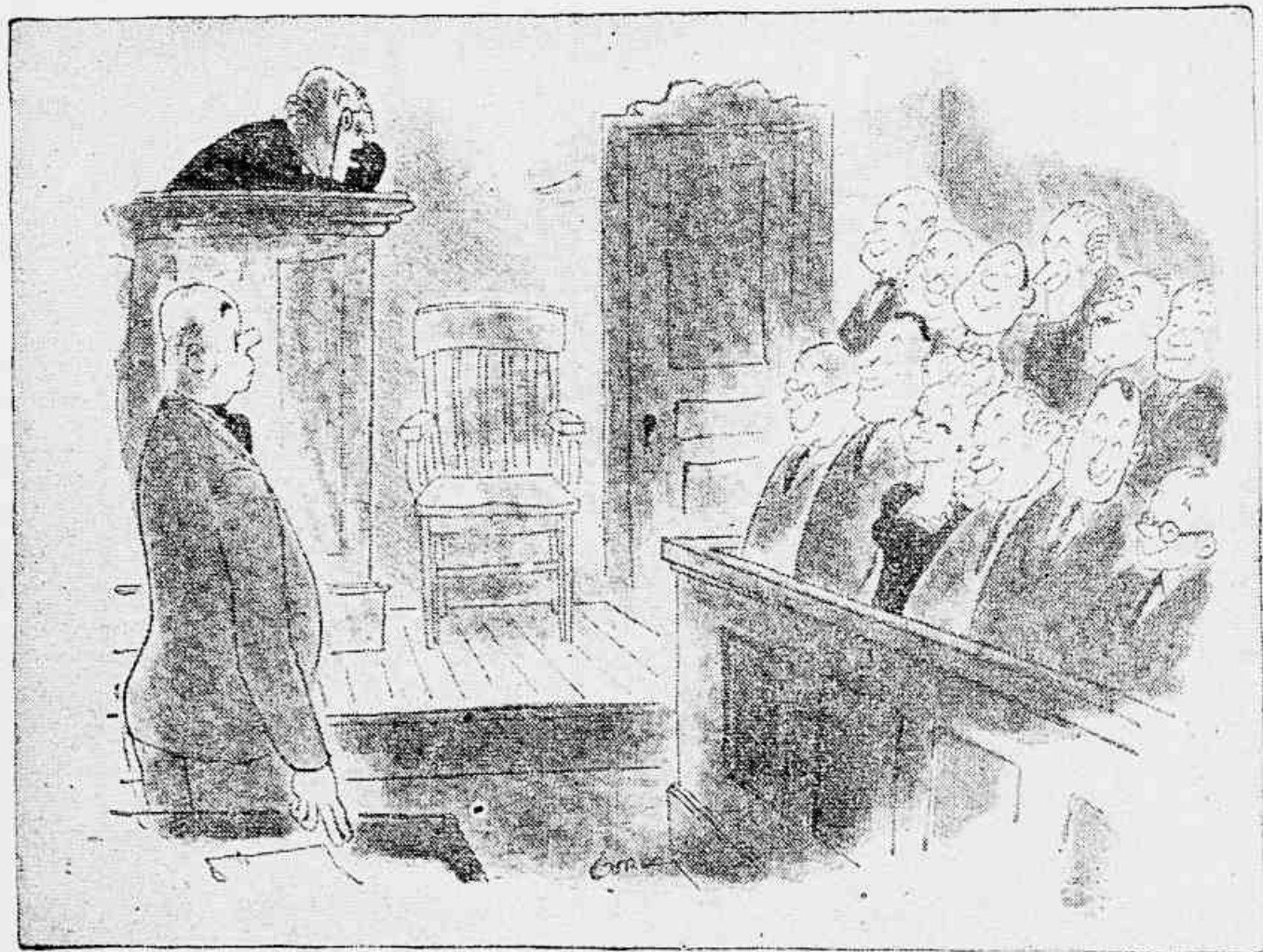
CONTINUA NA PAG. 49.

Ponto de tiburis, junto ao edificio da Imprensa Nacional, na rua 13 de Maio, próximo ao largo da Carioca, onde agora, demolido aquêlê próprio do Estado, se realizam os movimentados comícios políticos.

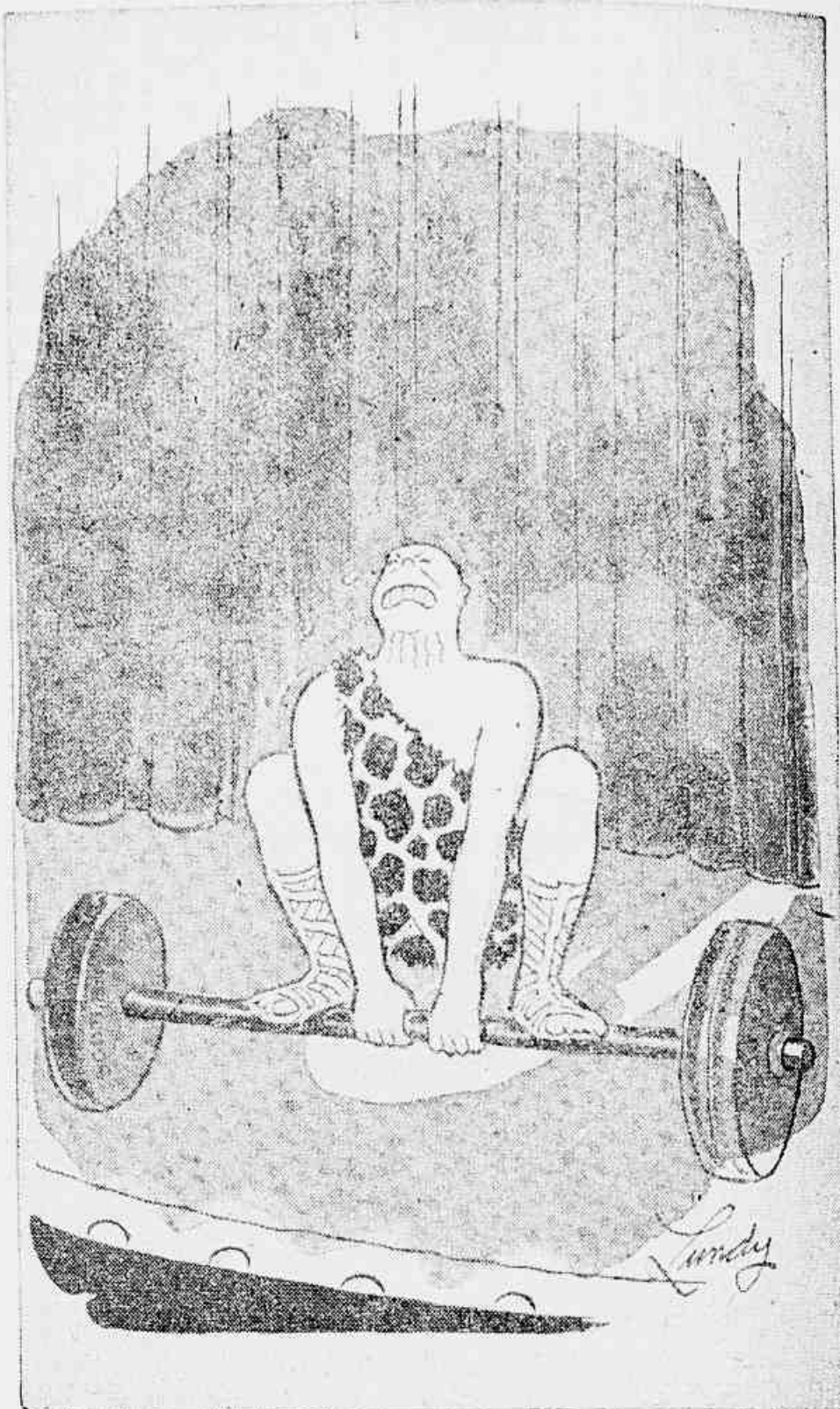
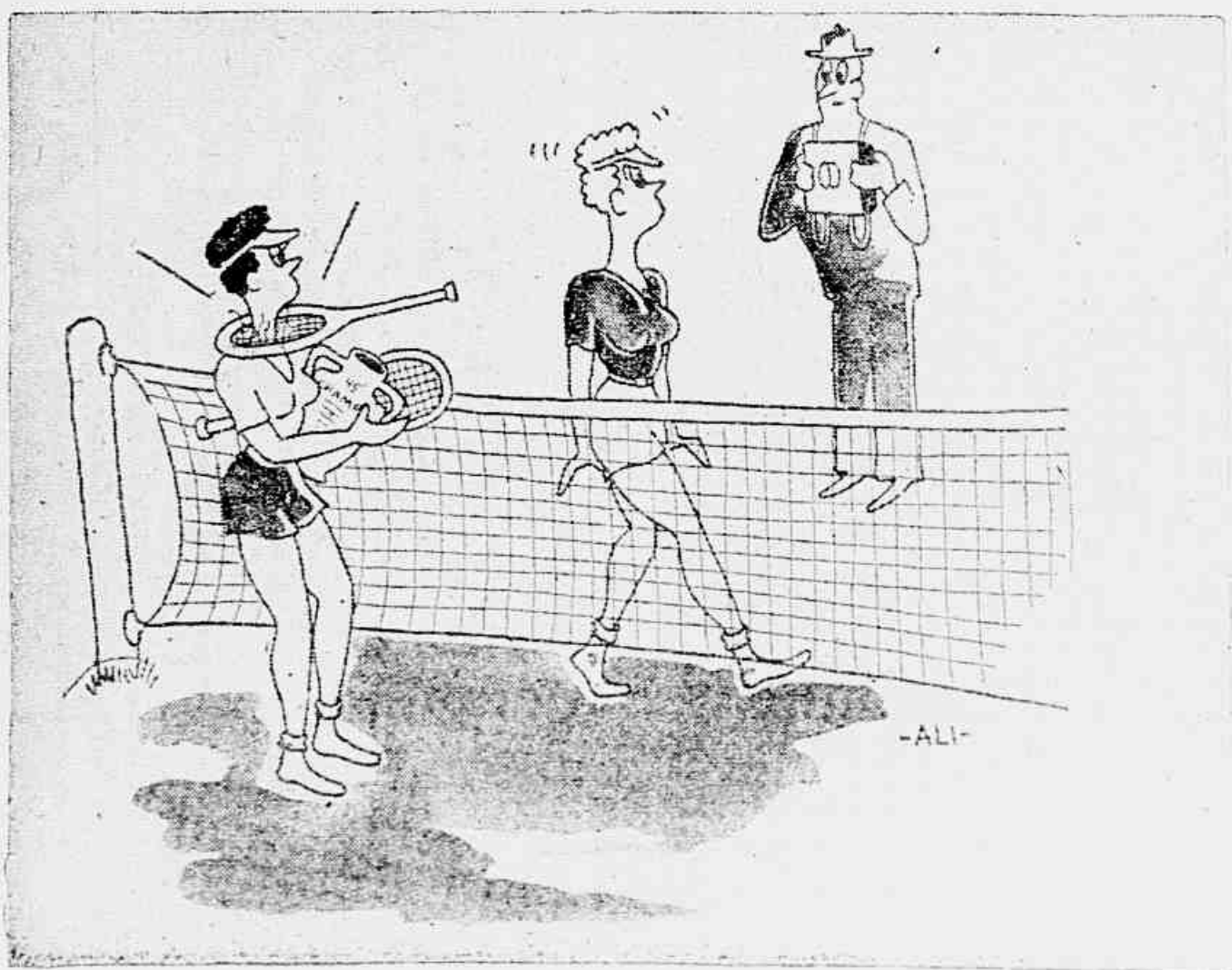




— Maricota, você não acha que nossa filha está na idade de usar vestido comprido?



— Como é, senhores jurados? Será que ainda não chegaram a um veredito?



DE BOM HUMOR



O caso das mãos criminosas

Ele nunca seguia os palpites porque, invariavelmente, eram errados. Uma vez tivera um palpite especial, linguagem dos sonhos traduzida a custo de muitas consultas a um velho livro de astrologia. O cavalo "Bright Boy" ganhará a corrida. Dizia o livro: "Os sonhos significam, em geral, o contrário do que são. Assim, se sonharmos com a morte, é certo que teremos à nossa frente longos anos de vida. Um desastre significa um acontecimento inesperado mas feliz. E assim por diante". Gary aplicou a lógica e deduziu que o cavalo "oposto" a "Bright Boy" venceria. Diante disso, consultou a lista e apostou numa égua, o único "oposto" que conseguiu encontrar. Os resultados encheram Gary de desânimo. "Bright Boy" chegou em primeiro lugar. A égua foi desclassificada. Dêse dia em diante ele assumiu, diante da sua consciência, com toda a solenidade de um juramento, o compromisso de nunca mais dar crédito aos seus palpites, intuições ou coisas semelhantes. Entretanto, a par da sua mania de presenciosos, havia, também, mania de crimes. Gary desvorava todos os romances policiais que conseguia obter.

— Que tal o romance de Agatha Christie que acaba de aparecer?

Nem era preciso perguntar se ele havia lido.

Nada mais natural, em vista dessa inclinação, do que associar as duas tendências de seu espírito: os crimes e os palpites. Em virtude do compromisso, entretanto, essas atividades tinham que se manter em campo teórico, exercendo-se em assuntos tais como descobrir quem era o criminoso entre os suspeitos, numa novela, ou o assassino procurado pela polícia nos casos divulgados pelos jornais.

Durante muito tempo, fiel à sua resolução, Gary afastou da vida prática e, muito especialmente, da vida econômica, a sua intuição adivinhadora dos fatos por ocorrer.

Certa tarde, estava o nosso herói bebendo um refresco numa confeitaria, quando notou as mãos de uma mulher que estava sentada à mesa mais próxima. Notou somente as mãos e nem deu atenção ao rosto, que era belo. Eram

--- NOVELA DE --- JOHN DICKSON CAR

as mãos que o preocupavam, porque, justamente quando deparou com elas, pensou: eis as mãos de uma assassina. Para explicar com minúcia os fundamentos de sua opinião, ele fez um grande esforço, e nada conseguiu. Entretanto persistia aquela preocupação insidiosa que o perturbava. Era um dever denunciar à polícia a criminosa. Mas baseado em que, fazia aquela acusação? Havia um certo quê nas mãos brancas, sem uma gota de sangue que as colorisse, que sugeria a luz mortífera de uma vela, tempestades, trovões, meia noite e um punhal. Ou veneno, que é a arma das mulheres. O veneno atraía outros pensamentos. Um xicara e um paciente. Atmosfera carregada de quarto de doente, tudo abafado. Entrava, lentamente, no quarto uma mulher que era mais uma sombra silenciosa. O doente mexia-se na cama, murmurava qualquer coisa, talvez um nome. E uma mão branca — Gary via aquele quadro — uma mão branca, alva, fria avançava com a xicara para os lábios murchos. O doente bebia, com sorrosos ruidosos. Depois virava-se na cama e adormecia. Um médico... No dia seguinte o paciente tivera uma recaída... Ninguém suspeitara.

Mas onde estavam as provas?

Gary estava abalado. Todos aqueles incidentes se recortavam com súbita nitidez no seu cérebro, e ele estava impressionado. Era preciso que alguém fizesse alguma coisa. A mulher estava pagando a conta, ia sair. Gary atirou uma nota na mesa, apressadamente, e seguiu-a, sem saber por que nem com que fim.

Ela seguiu, elegante e sinuosa, pela rua movimentada. Gary mal sabia o que estava fazendo. Seguiu-a maquinal-

mente, absorvido pelos pensamentos que acrescentavam detalhes à cena do crime imaginado.

Ela parou, subitamente. Ele parou igualmente.

Pausa.

De repente ela voltou-se e caminhou resolutamente, em direção a Gary. Seus olhos tinham uma expressão de terror.

— Ele mandou-o aqui? — disse ela.

Gary não respondeu, atônito, sem saber o que pensar.

— Diga: ele o mandou aqui? Mandou-o seguir-me? Oh, meu Deus, será possível que eu nunca mais deixarei de ser atormentada? Por piedade, deixe-me! E' dinheiro que quer? Eu pago! Eu pago!

"Eis aí o crime", pensou Gary. "Ela cometeu-o e agora teme a chantagem". Novamente a cena do envenenamento apareceu no seu cérebro, porém desta vez tinha mais uma personagem, que assistia a tudo, silenciosa, da porta do quarto. Ao terminar sua tarefa de morte, a criminosa ia saindo, e de repente, ao voltar-se, depara com aquela figura imóvel perto da porta.

— Oh!

Não continha a exclamação. Depois uma fuga desordenada, talvez uma mudança de nome. Ninguém a perseguiu, mas ela não podia esquecer o que vira e, cada vez que alguma coisa vagamente sugeriu perseguição, acreditava que era o homem que a perseguiu. ...

Gary resolveu ficar silencioso. Nada diria e aguardaria os acontecimentos.

— Quer dinheiro?

Ele fixou seu olhar nela, em silêncio.

— Venha comigo — disse ela, afinal, com voz ofegante.

Ele seguiu-a.

— Taxi!

CONTINUA NA PAGINA 46



SAGRAMOR, REPORTER EM NOVA YORK

Uma entrevista com Sonny Tufts — O berço de ouro — De Yale para a Europa e daí para a Broadway — O cinema e a criação de galinhas

Escreveu SAGRAMOR DE SCUVERO
(Especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

UM taxi espalhafatosamente pintado de amarelo e vermelho, como todos de Nova York, leva-me até o Sherry Netherland — o hotel que hospeda os grandes nomes do cinema. Vou entrevistar Sonny Tufts. Lembro-me da figura doce e tímida do menino que Paulette amou em "Legião Branca" — o Kansas.

Sonny Tufts era um artista inteiramente desconhecido do grande público até seu aparecimento em "Legião Branca", fazia um bisonho soldado enamorado de Paulette Goddard. Esse o entrevistado, em Nova York, pela nossa colaboradora, a quem o astro confiou ainda uma foto especial para a REVISTA.

Os artistas vivem anos e anos em Hollywood fazendo filmes. Mas às vezes essa ordem se altera e então um filme faz um artista. Foi o que aconteceu com Sonny Tufts. Ninguém tinha ainda ouvido falar nesses rapaz alto e forte, muito louro, de olhos azuis, a quem confiaram o papel de Kansas. Mas logo depois da exibição do filme, ele tornou-se um verdadeiro sucesso de bilheteria. Por que venceu assim tão depressa, com um papel apenas? Nunca se sabe... Na véspera desta entrevista eu mesma havia perguntado a Adolph Zukor como um artista vence, e ele me respondeu: "E' quase impossível vencer

sem talento. E com talento nem sempre se vence...". Essa resposta, cheia de segundas explicações, nada define mas nos faz entender muito...

Sonny tem talento. Muito. Mas deixo de lado as divagações, porque já me abrem a porta do apartamento. E' sua secretária que me recebe, a mim e Beatriz Schafran, amiga do artista, que vocês vêem no retrato. Sonny está acabando uma entrevista com um jornalista mexicano. A secretária oferece-nos "drinks" e cigarros, então raríssimos em Nova York. O mexicano se despede e começamos a nossa conversa. Sonny é bonito, como vocês adivinharam em "Legião Branca". Embora displicente, veste-se com elegância e simplicidade. E tem os ombros mais largos da Paramount. Nasceu em Boston. Vocês conhecem Campinas, no Estado de São Paulo? Uma cidade onde todos têm linhagem de quatrocentos anos, descendentes de barões e bandeirantes? Boston é a Campinas norte-americana. Todos são aristocratas. E o nosso "Kansas" recebeu na pia batismal um nome digno de suas tradições — Bowen Charleston Tufts III. Ele conta:

— Meu pai era banqueiro, como o foram meu avô e meu bisavô. Logo, eu também deveria ser. Tentar ser... porque nem sequer sei tomar conta do meu livro de cheques, quanto mais dos alheios...

— Viveu muito tempo em Boston?

— Toda a minha infância. Ali frequentei a escola primária e o curso de ginásio.

— E depois disso?

— Deveria ir para a Universidade de Harvard, como todos os homens de minha família; mas escolhi, por isso mesmo, a de Yale. Não gostava muito de fazer uma coisa que outros fizeram antes...

— Fez todo o curso?

— Mais ou menos...

— Por que?

— Eu estava estudando antropologia. Mas não tinha muito tempo: eu jogava futebol, remava, trabalhava no nosso teatro e ao mesmo tempo dirigia cinco orquestras de estudantes que eu mesmo organizara. Diante disso conseguia apenas passar de ano...

— E nas férias?

— Não ia para casa. Consequia para as minhas orquestras empregos a bordo de navios. Foi assim que conheci o Mediterrâneo e cruzei o Atlântico cinquenta vezes. Foram pedaços deliciosos de minha vida.

— E depois de Yale?

— Eu estava apaixonado pela música. Fui estudar canto na Europa.

— Chegou a ser cantor?

— Depois de muito estudo, de volta da Europa, consegui um "test" no Metropolitan. Disseram-me que eu tinha voz mas devia estudar mais. Prometi seguir o conselho, mas fui para a Broadway, onde cantei em duas peças — "Who's Who" e "Sing for Your Supper".

— Demorou-se na Broadway?

— Não. Tive propostas de famosos hotéis e "night-clubs", e neles cantei durante dois anos.

— E por que desistiu?

— Eu andava com saudades da luz, do sol... Trabalhava até 4 da manhã e dormia até cinco da tarde...

— E como veio a idéia do cinema?

— De maneira bem curiosa. Eu estava indeciso sobre minha vida. Não sabia se estudava mais e voltava ao Metropolitan, ou se tentava de novo a Broadway. Aí alguém me



Revista da Semana

Best Wishes

Sonny Tufts



Em seu apartamento, na grande metrópole norte-americana, o ator cinematográfico, hoje considerado entre os valores novos dos mais queridos, recebe a visita da jornalista brasileira. Flagrante batido quando Sonny Tufts autografava o seu retrato para os nossos leitores.

falou no cinema, porém eu já estava cansado e sabia que não era fácil entrar em Hollywood. Um velho amigo meu, diretor de uma série de hotéis famosos, Jack Donelly, se entusiasmou e resolveu levar-me até lá. Tinha amizades nos estúdios e queria tentar.

— Um padrinho?

— Um estranho padrinho, que resolveu tudo com um novo processo. Entrou comigo no escritório de Joe Egei da Paramount e disse calmamente: "Este é meu amigo Sonny. Ele quer entrar no cinema, e eu quero que você lhe dê um papel logo no primeiro filme que tiver. E veja lá se ele não vai passar tão depressa na fita a ponto de eu nem poder notá-lo...".

— E Joe Egei?

— Acho que ele nunca vira tanta calma e tanta franqueza. Riu, deu-me um *test* e logo depois o papel de Kansas.

— Gostou do papel?

— Muito. Em seguida fiz outra fita, escrita especialmente para mim e miss Goddard: "I Love a Soldier".

— Quantas fez depois de "Legião Branca"?

— Nove. Entre elas "Government Girl", para a RKO.

— Quais são as últimas?

— "Duffys Tavern" e "Cross My Hearth".

— Qual é a artista com quem mais gosta de trabalhar?

— Não sei... Já trabalhei com Paulette, Olivia de Havilland, Veronica Lake, Betty Hutton, Marjorie Reynolds e Suzie Eigel, uma novata que, tenho certeza, vai ser um sucesso.

Sôa a campainha do apartamento. Um "boy" entrega a Sonny uma caixa com uma coleção de seis gravatas. E' um presente do elegantíssimo Stork Club, com uma carta: "Esperamos vê-lo em nossos salões"... As gravatas, segundo a alta moda de Nova York, são vistosas, coloridas e têm os mais esquisitos motivos de decoração — flôres, papagaios, etc... Noto a gravata que ele usa no momento, de listas discretas, em duas cores. Observo-lhe, e é ele:

— Sei que a minha não está na moda; mas gosto das coisas simples.

Recomeço as perguntas:

— Falou-nos nas "estrêlas"; e quais são os "astros" que prefere ter em seus filmes?

— Bing Crosby. E' um artista vivo, natural, espontâneo. Quando trabalhamos juntos fugimos muito do "script" e enxertamos coisas nossas. Gosto também, e muito, de Spencer Tracy.

— E os diretores?

— Sou "fan" de dois — Mark Sandrich, que já morreu, e um novo, Jack Berry. O público nem sempre compreende o quanto vale um bom diretor e como a fita depende dele.

— Está sempre ocupado com o cinema?

— Quase sempre, e muito. Mas gosto do

trabalho. Eu detesto preocupar-me com qualquer coisa e o cinema não me dá preocupações. E ainda me sobra tempo para esquiar e pescar.

Sonny é o sexto campeão de "sky" dos Estados Unidos. Ele continua:

— Agora o estúdio proibiu-me esquiar. Isso porque sofri um acidente que me deixou algum tempo no hospital. Pela mesma razão não posso mais pescar.

— O estúdio acha que é perigoso pescar?

— Depende do jeito de pescar. Eu, por exemplo, pescava embaixo d'água, com máscara e aparelhos especiais, atacando o peixe quase diretamente.

— Nunca se aborreceu com essas proibições?

— Às vezes um pouco. Mas eu ponho minha carreira acima de tudo e compreendo que é ela que o estúdio defende.

— Quando vai voltar a filmar?

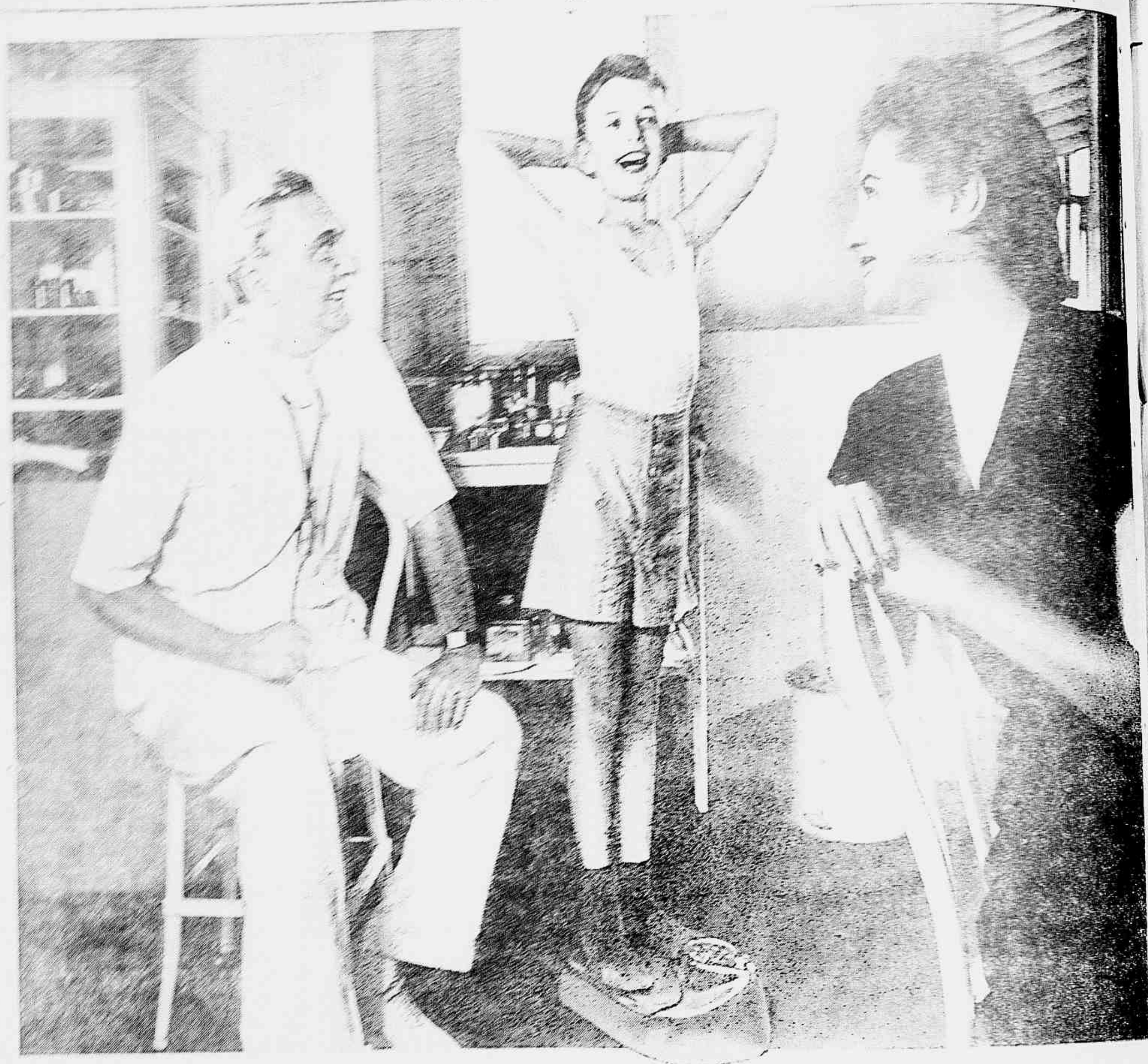
— Logo, em fins de outubro.

— E até lá?

— Acabei agora uma "tourné" pelos hospitais de feridos dos Estados Unidos. Vou descansar em minha casa, nos arredores de Hollywood.

Sonny Tufts mostra-me as fotografias de sua casa. Puro estilo inglês. Vai descrevendo:

— Aqui é o pomar. Tenho cem pés de



Quem é o mais orgulhoso ?

O orgulho de um médico que vê os seus companheiros não hesitarem e se alegrar de não desperdiçar o futuro dos filhos, sendo indispensáveis apenas com a satisfação do trabalho que asseguram a saúde de seus pacientes, evitando-lhe os perigos comuns a esta época da vida.

Hoje, graças ao conhecimento do médico e à prescrição de dietas e medicamentos apropriados, milhões de famílias encontraram a solução para o sério problema da nutrição deficiente.

Por isso mesmo, os cientistas dos laboratórios Squibb sentem-se orgulhosos por serem auxiliados pelo médico, pondo à sua disposição produtos vitamínicos de mais alta qualidade. Os produtos vitamínicos Squibb são garantidos por mais de 27 anos de conhecimentos de pesquisas farmacológicas.

1. o Azule das fórmulas dos Produtos Vitamínicos Squibb

é devido, em grande parte, à íntima cooperação mantida com as mais notáveis autoridades mundiais no campo da nutrição.

Seu médico sabe que a atividade e a estabilidade de cada Produto Vitamínico Squibb são garantidas por mais de 162 provas exatas de laboratório.

É de máxima importância a consulta a seu médico sobre as vitaminas, porque só ele pode prescrever o tratamento vitamínico adequado para você e sua família.

E. R. SQUIBB & SONS

Químicos farmacêuticos desde 1852

Destacam-se entre os produtos Squibb, os seguintes: Penicillina — Sulfonamidas — Anestésicos — Antiveneros — Vitamínicos — Vermíficos — Desinfetantes e preparados medicinais para a lar.



O INGREDIENTE DE VALOR INESTIMÁVEL DE TODO PRODUTO É A HONRA E A INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE

O FIGURINO

Uma vez escolhido o argumento, o primeiro passo a seguir é a confecção do vestuário. Este é preparado pelos figurinistas, com todos os detalhes de forma e de cor. Aqui está a costureira-chefe, observando o figurino preparado para um número de "show" baseado num motivo tirolês. Por esse esquema ela se guiará, executando a feitura dos vestidos das "girls" que devem aparecer em cena. Adquirido o material, o vestido é cortado e costurado por várias costureiras, sob suas vistas.

COMO SE PREPARA UM "SHOW"

Quem assiste a um "show", assentado à mesa elegante da "boîte", com a garrafa de "whisky" em frente e o garçon diligente ao alcance da voz, nunca pensa, quando aplaude os números artísticos, no trabalho que requer a apresentação da cena, que é o produto da imaginação de artistas, da criação dos técnicos e do esforço das coristas.

Um número de "show" tem que ser preparado conscienciosamente e estudado com vagar antes de sua execução perante o público. E essa preparação requer o emprego de um pessoal numeroso, que durante dias e dias se entrega de corpo e alma ao trabalho, para que o público possa se deliciar mais tarde com o produto de seu suor.

Nestas páginas procuramos dar aos nossos leitores uma idéia do que seja a preparação de um "show", através de fotografias colhidas durante ensaios e trabalhos de execução de vestuários e "toilettes".

A COSTURA

Um grande atelier de costura atende aos serviços do "show". O guarda-roupa de um só número representa, muitas vezes, o trabalho de longos dias de muitas costureiras. Cortados pela mestra, os vestidos são costurados por várias auxiliares suas, de acordo com as determinações do figurino. A fazenda vai tomando forma e ganhando graça e beleza.

A PROVA

Ficou pronto o vestido de uma corista. Ela vai experimentá-lo no atelier. Vestida com extremo cuidado pela costureira-chefe, a moça se dirige ao espelho e examina minuciosamente, detalhe por detalhe, todas as dobras e todas as costuras da indumentária. Como tudo no "show", o vestido tem que ser perfeito, para que não apresente uma nota destoante. O figurino de Alceu enfeita uma "girl" da Urca.



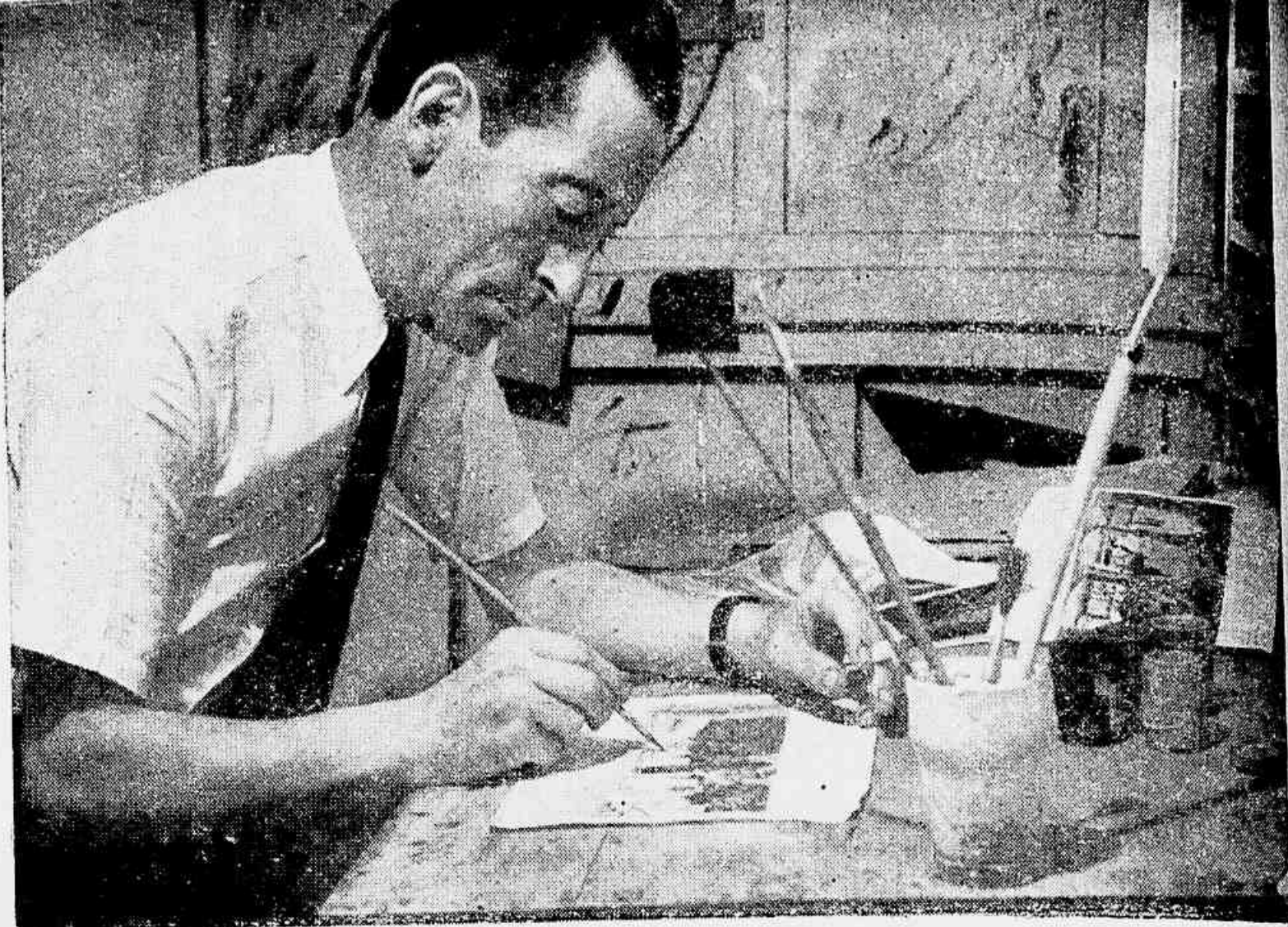


O MODELO

Afinal está pronto o vestido e provada a sua perfeição. A corista encarna-se numa pastora de Tirol e, diante mesmo das costureiras, executa os passos mais arrojados de sua dança, a ver se as costuras resistem de fato às variações coreográficas que o público deverá assistir.

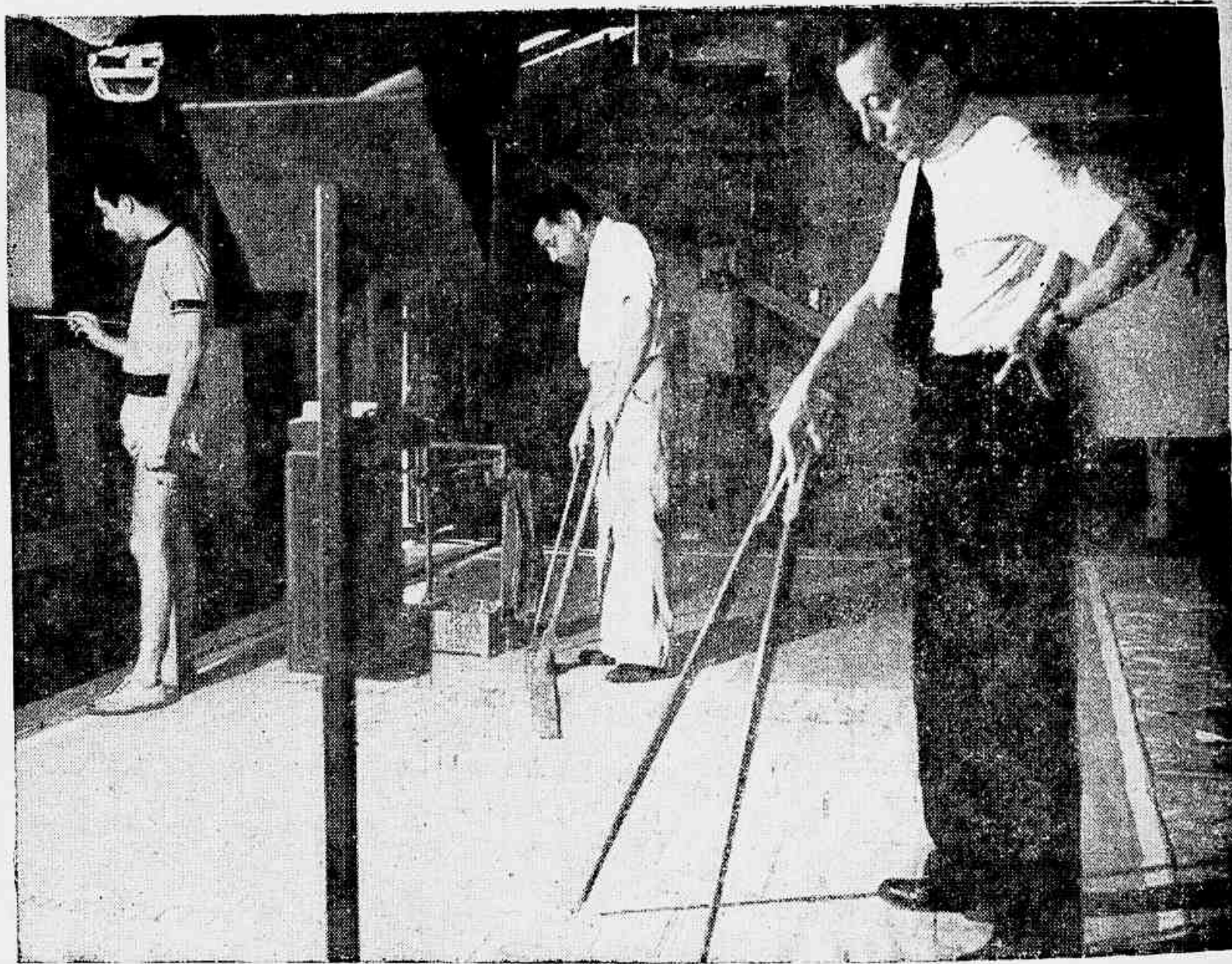
Por trás dos bastidores se esconde o trabalho de muitos técnicos, costureiras, cenógrafos, coreógrafos e ensaiadores. Tanto os cenários, quanto o guarda-roupa de um "grill-room", são preparados com cuidados extremos e grande dedicação. Simultaneamente trabalham as costureiras e os cenógrafos, dando forma às ricas indumentárias e aos artísticos cenários que marcarão mais tarde o sucesso de uma noite elegante. Enquanto eles produzem, já estão ensaiando os cantores, os comédicos e as coristas. Durante o dia o palco da "boite" se povoa de moças bonitas, que deslizam sobre o assoalho, em maravilhosos passos coreográficos, ao som do piano. Depois, diante do público, elas executarão os bailados, acompanhando a orquestra do casino. Mas o ensaio é marcado apenas pelas notas melodiosas do piano solitário e executado à meia luz, no palco de lâmpadas apagadas.

Esta reportagem foi feita no "grill" do Casino da Urca, durante um ensaio para o seu novo "show". Agradecemos a todas as "girls" e ao coreógrafo Yaconeli a sua colaboração.



CENÁRIOS

Enquanto se preparam os vestuários, trabalham os artistas na execução dos cenários que não são menos importantes que aqueles. Em cima, aparece o cenógrafo criando um cenário que servirá de fundo ao bailado das "girls". Em baixo: com o "croquis" montado sobre a estante, para dirigir os trabalhos, o artista e seus auxiliares passam para o papel apropriado o desenho original. São estas as fases de execução de um cenário: a criação e a execução.



1.ª FASE

Começou o ensaio. Todas as canções e bailados são executados diante do ensaiador, que se posta junto ao palco, corrigindo falhas e determinando o que deve fazer cada um, dentro de seu papel. O pianista acompanha o desenvolvimento do ensaio, pois durante o treino nunca está presente a orquestra. Esta é uma visão de um "grill-room", no momento de um ensaio: o pianista executa a música; a "vedette" canta com um cigarro entre os dedos. O ensaiador está atento.





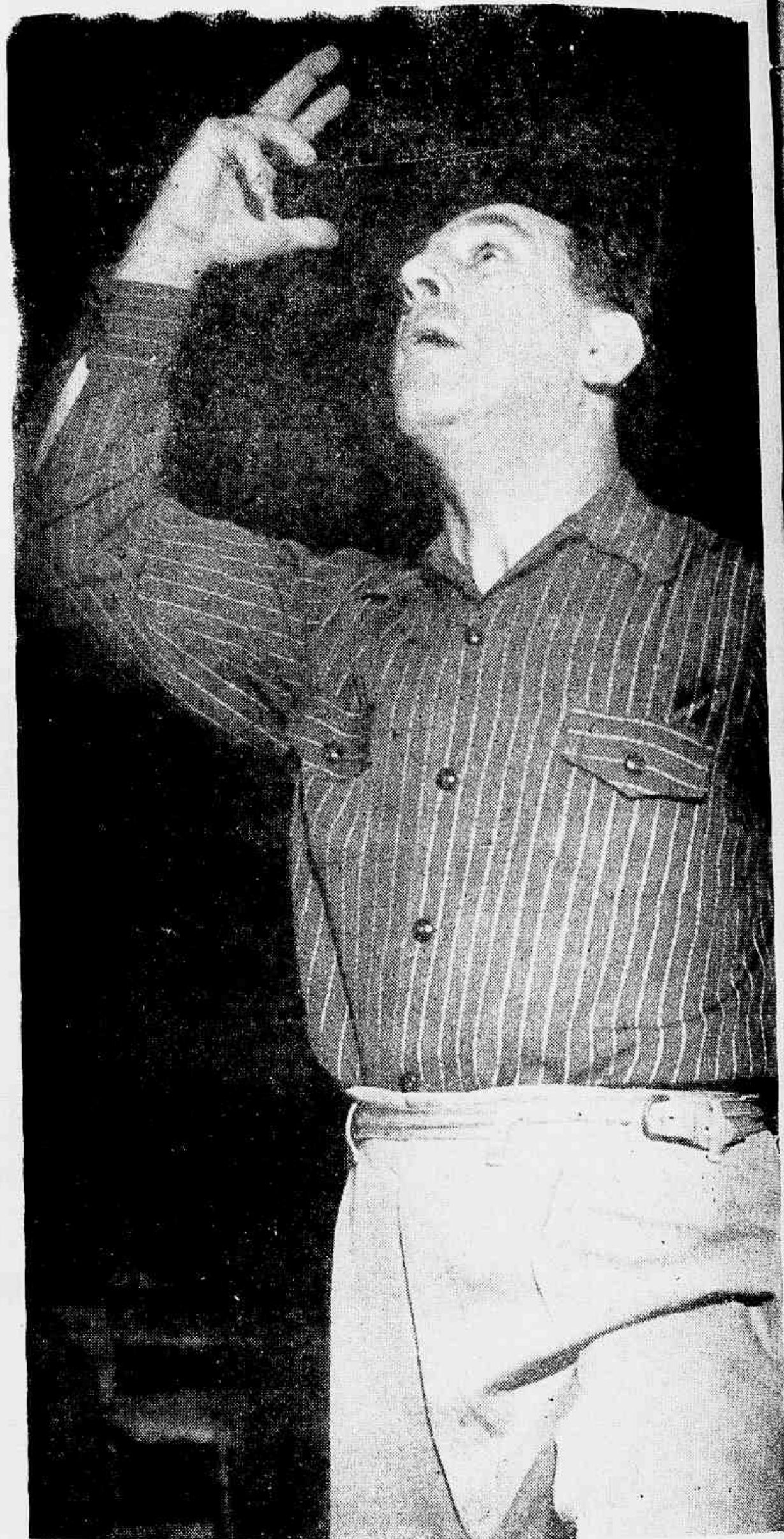
OS PRIMEIROS PASSOS

O treino em conjunto tem que ser rigoroso e constante. Muitos dias antes da estréia do novo "show", já não pode existir uma *lama sequer* na execução dos números artísticos. Nesta página vemos as primeiras fases do ensaio coletivo. Em cima, um grupo de quatro "girls" executa uma passagem do bailado. O fotógrafo conseguiu apanhar este flagrante expressivo e gracioso. Em baixo, outra passagem do mesmo bailado, vendo-se todo o conjunto. O coreógrafo marca o ritmo dos movimentos sincronizados.

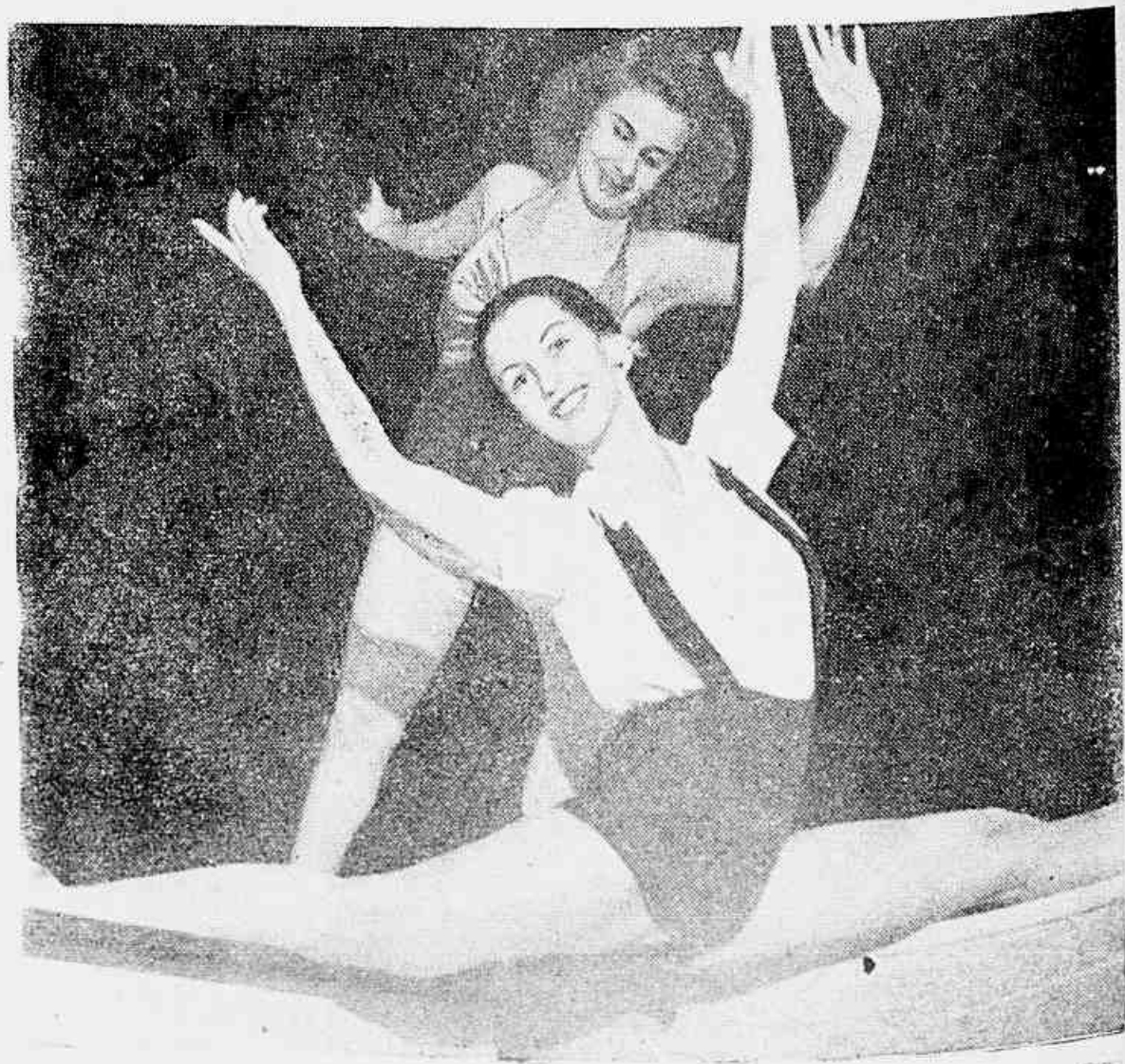




INTERVALO Não se pode trabalhar seguidamente como estas coristas, sem um repouso reconfortante de alguns minutos. Durante esse ligeiro descanso as moças se entregam aos mais diversos afazeres. Aqui temos dois aspectos desse ligeiro intervalo: ao alto, duas coristas se reconfortam com um copo de leite gelado. Em baixo, outra "girl" aproveita o descanso para bordar uma bela toalha de linho.

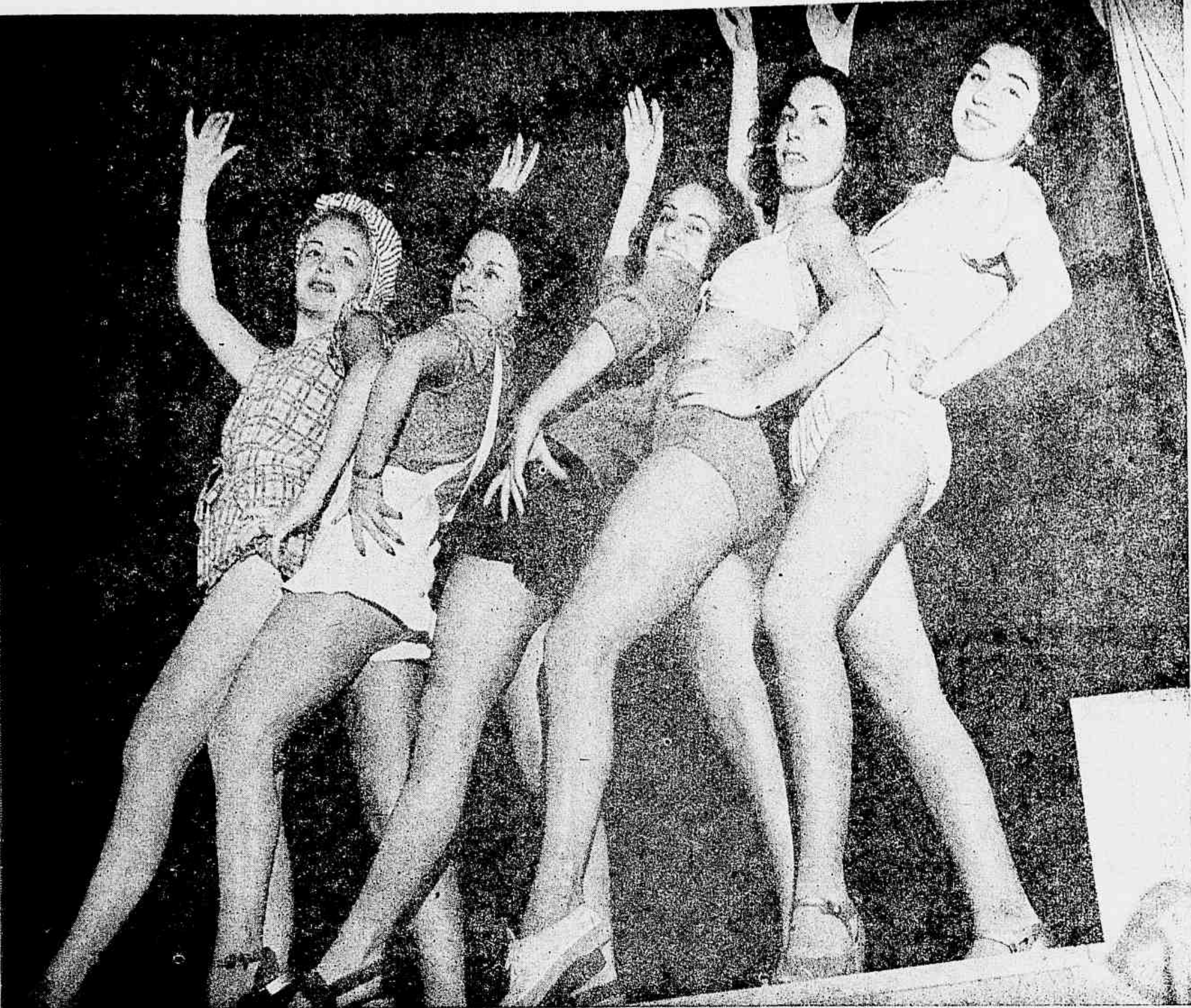


O MESTRE E AS ALUNAS O coreógrafo tem que trabalhar com afinco, para corrigir todos os erros e apresentar bailados à altura da expectativa do público. Ao alto vemos o mestre num magnífico flagrante, quando dava uma contra-ordem às coristas, durante o ensaio. Em baixo, duas e suas alunas, com os olhos postos nele e comandadas por sua mímica expressiva, executam passos difíceis de um bailado moderno.





m
e
m
lo.
ca



TREINANDO Quando o coreógrafo e o ensaiador se dão por satisfeitos, continuam os ensaios, para que todos os componentes do "show" permaneçam em forma até o momento de aparecer em cena. Eis aí um grupo gracioso de lindas coristas executando um balado, já ensaiado durante longos dias. Como se vê é trabalhosa e dura a vida de uma "girl" de casino. Além dos ensaios diários, elas terão que aparecer todas as noites em dois "shows" e trabalhar com perfeição, sem o menor deslize. Enquanto ensaiam o número do dia para não perder a forma, já está sendo preparado um novo número, para o qual terão que treinar logo mais.

EM CENA A primeira bailarina está sobre o cavalo. O público aplaude com entusiasmo a apoteose. As coristas sorriem para a platéia, permanecendo durante muito tempo na cansativa posição em que se encontram. O número do "show" foi finalmente apresentado e agradou. Os aplausos estrugem e os espectadores saem com saudades. Mas esta aclamação de alguns segundos compensará o trabalho exaustivo de tantos dias? O que é certo é que esta cena foi preparada durante muito tempo e exigiu o trabalho de mais de uma centena de homens e mulheres. As "girls" se cansaram nos ensaios de cada dia, para aparecer ao público durante quinze minutos. Mas o "show" representa também o trabalho incógnito dos coreógrafos, cenógrafos e costureiras.





MARTHA VICKERS (Warner)

Não pense você que o seu marido, pelo fato de a contemplar às vezes menos arrumada, esteja obrigado a vê-la sempre sob este aspecto. Ao contrário: você deve procurar reabilitar-se aos olhos de seu espôso, proporcionando-lhe, toda vez que possa, uma nova e bela impressão.

★

Seja, cada dia, uma nova mulher. Lembre-se de que os homens têm uma grande tendência para a poligamia. Realize, pois, cada dia, um milagre de renovação.

★

Não ande a rebuscar os bolsos e as carteiras de seu marido. A gente não deve andar atrás da infelicidade ou da desilusão.

★

Se seu marido é guloso, dê-lhe uma boa mesa; se é poeta, você deve dar-lhe poesia; se é literato, dê-lhe literatura; se é cientista, procure respeitá-lo sua ciência. Mas lembre-se de que, acima de tudo, ele é homem e quer, sobretudo, que você seja sempre e inquestionavelmente uma perfeita mulher.

Iesy Barbosa.

CONSELHOS

MODÊLO ATÔMICO

O termo — atômico — está muito em moda. Nasceu com as duas bombas que, segundo uns, resolveram o conflito no Oriente, ou, segundo outros, não resolveram tal. Certo é que o "atômismo" entrou em evidência, na condição de símbolo do dinamismo, da velocidade, do extravagante... Este penteado de Marguerite Chapman foi denominado "modelo atômico", saiba-se lá por que... Mas, se isoladamente a "estrela" da Columbia não logra destacar-se com semelhante penteado, em conjunto com a blusa-camiseta e o calção "short", mostra-se de fato perturbadora. Na certa alguém irá dizer que o rôlo apôsto à cabeça de miss Chapman é também muito recomendável para os vendedores ambulantes. Particularmente os que negociam com garrafas vazias... Tudo não terá passado de simples perfídia. Na realidade, Marguerite Chapman está bonita e elegantíssima. Ela vai aparecer assim em um filme estrelado com Paul Muni.





CARMEN

NA TELA E NA INTIMIDADE

Carmen Miranda continua em ordem do dia. Esta semana, um telegrama foi publicado aqui no Rio, anunciando sua provável visita ao Brasil, com o propósito de tomar parte em um filme que a Fox pretendia realizar, naturalmente com o assunto transcorrido em nossa terra. Seria, assim, um pretexto e uma excelente oportunidade para a "estrêla" vir matar saudades do Rio e de seu numeroso público. Dias antes, no entanto, outros telegramas afirmavam que a Carmen teria deixado os estúdios da Fox, transferindo-se, mediante novo contrato, para os da Universal. Seja como for, isso vem provar que a antiga intérprete do "Taboleiro da Baiana" continua provocando discussões e controvérsias, o que só pode favorecê-la. Aqui estão suas mais recentes fotos, enviadas por Luiz Serrano, nosso correspondente em Hollywood: — Ao alto, grupo feito na residência de Carmen, quando ali recebia a visita de Mitzi Mayfair, Herman Stelner e Hector Roseto, por ocasião de se inaugurar, no Hollywood Athletic Club, o grande campeonato de xadrez. Em baixo, Carmen e a atriz cubana Zedra Conde, num "set" de "Doll Face", na Fox.





Três novas atitudes de Carmen Miranda, a do centro obtida em sua residência de Beverly Hills, em dia de descanso, e as outras nos estúdios onde era terminado o filme "Dolly Face". Com elas podem ver os leitores, a "estrela" parece disposta a desbançar Marlene, na exibição de pernas, ao mesmo tempo que procurar ensinar o jogo de xadrez. Cuidado com ela quando voltar, amigos...

★ Conto de
MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ

★ Ilustração de
ARMANDO MOURA
CLASSIFICADO NO CONCURSO
DA "REVISTA DA SEMANA"

Sic Transit...

FOI um reboiço quando, uma tarde, a inspetora entrou na classe anunciando que a cadeira de História Universal, cujo lente falecera no princípio do ano, ia ser ocupada pelo prof. José da Rocha Domingues.

— Silêncio, meninas! Silêncio, senão vou chamar o diretor! O professor começará as aulas quinta-feira. Espero que vocês se comportem melhor do que...

Mas quem é que alguma vez prestara atenção às exortações de d. Marcolina? Sem acabar o discurso, a inspetora retirou-se de mão na cintura, no mesmo passo sinuoso com que entrara. As línguas, na classe, trabalhavam sem parar: quem se-

rá esse fulano? Será que é bravo como o coitado do "seu" Andrade? Será que é moço? Será...?

A curiosidade não ficou sem alimento porque no dia seguinte a vida do prof. José da Rocha Domingues era conhecida pelas alunas nos seus menores detalhes — e detalhes que talvez ele mesmo ignorasse. A informante fora Mariana, a filha de Mariana era amiga de uma senhora cuja irmã dava-se com uma cunhada do professor; e é sabido que histórias quanto mais contadas mais verdadeiras ficam.

— Ele foi sempre um levado da breca — sussurrava Verônica a Eugênia, que sentava na sua frente, enquanto o profe-



ser de francês chamava em tradução. — Parece que não é muito velho. Imagine que...

— D. Verônica, faça o favor de continuar do ponto em que parou sua colega. Verônica levou um susto mas levantou-se de livro na mão com toda a coragem, pedindo baixinho a Eugênia:

— Diga onde foi que ela parou. Onde foi?...

— Vamos, d. Verônica.

— Não sei onde ela parou.

— Naturalmente! Ninguém pode prestar atenção proseando como a senhora estava. Pode indicar o lugar, d. Eugênia.

— Eu também...

— A senhora também estava conversando. As duas vão levar uma marquinha na caderneta, e dêem-se por muito satisfeitas do castigo ser só esse.

Eugênia, que timbrava em ser boa aluna, ficou bastante mortificada; durante o intervalo, porém, esqueceu-se inteiramente do desgosto, na ânsia de saber das virtudes e defeitos do novo mestre.

— Foi expulso de três ou quatro colégios em menino — comentava uma.

— Desmanchou o casamento na véspera do "Dia"! A coitada da moça, dizem, até hoje não se consolou.

— Parece que vive namorando Deus e todo o mundo, e quando chega o momento crítico, pirai!

— Então é moço?

— Uns trinta e cinco anos, minha caral! A mais romântica das idades! — declarou Mariana, sem se lembrar de que, dias antes, chamara de "velho solteirão" um amigo de seu tio, que nem ultrapassara ainda a casa dos trinta.

— Agora vou contar uma coisa que vocês não sabem — disse Maria Antônia.

— O que é?

— Imaginem que descobri que ele é romancista; publicou um livro chamado "Mocidade de Fogo" ou coisa parecida.

— Você leu?

— Eu, não! Deus me livre! Papai trançou-o no armário, dizendo que **absolutamente** não servia para moças.

— Não sei por que é que os pais não de ser assim! A gente precisa, afinal, se instruir lendo coisas reais e não só romancinhos de água-com-açúcar. Depois, eles que não se queixem da gente ficar desarmada diante da vida — comentou Verônica com a autoridade indiscutível de seus quinze anos.

— Parece que esse livro é mesmo indcente. Já ouvi coisas sobre ele... Mas o nome do autor não é José da Rocha Domingues.

— Naturalmente! Foi publicado sob pseudônimo. A família não gostou do livro, brigou com ele, e o pai o expulsou de casa! Agora mora sozinho num aparta-

tamento da avenida São João. Leva uma vida de boêmio.

Leva uma vida de boêmio! Que mundo de estranhas e desencontradas suposições, que campo largo estas palavras abriam à imaginação daquelas cinquentas ginásianas de quinze anos! Vida de boêmio era vida de bebedeira, de pândega, de jôgo, numa atmosfera de luxo e extravagância, saturada de perfumes, brilhante de luzes, em que se movessem mulheres extraordinariamente belas e extraordinariamente decotadas! E uma criatura que vivia essa vida ia ser o professor daquele muito respeitável ginásio! Era de pasmar!

As meninas passaram os dias que faltavam para o princípio das aulas imaginando como seria o novo professor. Só podia ser alto, elegante, esbelto. Chegavam a brigar entre si, porque umas o queriam louro, outras moreno.

Afinal, chegou a célebre quinta-feira.

— Olhem, olhem a d. Marcolina. Mas que luxo!

A inspetora saíra da saleta, no extremo do corredor, e viera se postar quase à porta da sala de História, uma das mãos na cintura, sua pose favorita; trajava um vestido verde que mal lhe chegava aos joelhos.

— E' novo — cochicharam algumas. — Olhem os brincos! E os colares!

— D. Marcolina quer conquistá-lo, é tudo por causa dêles!

Esta conclusão num momento deu volta à classe, entre sussurros e risadas. E tantos e tais foram os comentários, as gracinhas, as caçoadas que ninguém ouviu tocar a campainha dando sinal para o início da aula. Quando deram acôrdo de si o diretor e o novo professor estavam de pé no estrado, pedindo silêncio.

— Onde já se viu uma coisa destas? O prof. Domingues entra nesta classe pela primeira vez e é recebido com barulhada e algazarra pelas alunas? Silêncio, senão o primeiro ato dêle nesta classe é dar a todas um zero na caderneta.

A classe aquietou-se como por encanto, não só devido à repreensão, mas também ao espanto causado pela figura do professor. Então era aquele o boêmio, o escritor de livros impróprios, o conquistador de corações? Francamente!

José da Rocha Domingues era um homem pequenino, menor do que a maioria das alunas; muito claro, de cabelos castanhos repartidos do lado direito e uma mecha volta e meia a cair-lhe no rosto, tinha a fisionomia viva, esperta do saqui, do qual também possuía a feitura. "Mignon" em tudo, tinha um amor de moço-zinha gorducha, bem feita, cheia de co-

(Continua na pág. 39)



BRADLEY estava repetindo seu sermão predileto.

— Meu caro John, você deve se casar.

John, entretanto, nem deu ao amigo a honra de um protesto. Estava demasiadamente preocupado com um espetáculo que lhe parecia interessante. O outro, vendo que ele não lhe dava atenção, tornou a calar-se. Alguns minutos de silêncio se seguiram, Bradley trabalhando em silêncio e John olhando pela janela. Lá vinha ela, novamente. Com seu vestido marron, colante, subia a rua, com passos apressados. A mulher estava esperando, como sempre. Era uma velha, alquebrada. Todos os dias a moça de marron vinha entregar um envelope à velha. Depois afastava-se como viera. Nos primeiros dias ele nem notara. Fôra, aliás, Bradley quem lhe chamara a atenção; mas depois, cansado de observar todos os dias aquela misteriosa transeunte, ele deixara-a aos cuidados de John, que fazia do incidente diário alimento para sua imaginação exaltada. Que queria ela? Com certeza vinha até ali para trazer alguma coisa importante. Seria um documento? Vagas reminiscências de romances policiais que lera...

— Você até parece que está apaixonado por essa moça.

Era Bradley novamente e desta vez ele ouviu.

— Se é possível apaixonar-se por uma pessoa que não se conhece, estou.

— Ora vejam só! Com que então o incurável romântico encontrou o prato preferido! Um caso misterioso, uma mulher que entrega um envelope a uma velha! Isso até parece romance...

— Que é que tem isso? Ela não pode deixar de ser uma moça direita. Vê-se pela maneira de andar e vestir.

— Hum... As aparências enganam, com perdão da frase tão gasta. Mas você está precisando de ouvi-la.

— Bradley, tudo isso só porque eu recusei sua proposta?

— Que proposta? Você está falando em Lynn? Sabe que ela também não quer vê-lo?

— Tanto melhor. Eu não compreendo como você, um pai, afinal de contas, extremoso, quer dar sua filha assim, sem mais nem menos.

— Meu caro. Não se trata disso. Estou sugerindo simplesmente uma coisa que me pareceu sensata. Somos sócios, você se casa com minha filha e...

— Já lhe disse que não aceitava. Além do mais, a moça, ao que parece, também não quer.

— E você gosta é dessa moça de vestido marron? Que nem conhece? Lembre-se de que tem mais senso a minha proposta do que a sua.

— Bem, não discutamos mais.

— Preciso falar com ela. Isto é positivamente ridículo.

Bradley levantou os olhos do trabalho.

— Vá logo.

John, compreendendo que, sem querer, falara alto, corou.

— Hum...

— Olhe, já que você encasquetou na cabeça que tem que ser essa moça, é bom ir falar com ela; assim, ou é uma desilusão para o resto da vida, ou você encontra o que estava esperando. E vá logo, antes que ela desapareça.

A moça estava cruzando a rua quando ele abordou-a.

— Senhorita — disse, e tirou por ela.

Nos romances os heróis sempre enganam palavras para dizer. Ela não se conteu.

— Que deseja?

Um milagre: a bolsa dela estava aberta e caíra o lenço no chão.

— Seu lenço a senhorita deixou cair.

Ela teve uma exclamação de susto. Segurou o lenço e disse:

— Obrigada.

— Senhorita...

— Mais alguma coisa?

— Preciso falar-lhe.

— A mim? Que há?

— Eu...

(Que dizer, meu Deus? Que dizer?)

— Senhorita, amo-a e queria casar-me com a senhorita.

— O que?

— Eu...

— O senhor está doido?

— Peço perdão. Não sei falar como devia... Todos os dias... daquela janela... eu a observo... Por favor... Queria poder fazer alguma coisa pela senhorita... Peça-me alguma coisa, para eu poder provar que estou à sua disposição, que...

Ela já se afastara. Ele voltou descorajado.

— Conseguiu alguma coisa? — perguntou Bradley.

— Nada.

O outro deu uma risada.

★

Ele mesmo não acreditava no que estava vendo. Da janela observava-a. Ela parara na calçada oposta e fazia-lhe sinal.

— Vou dar-lhe uma oportunidade.

— Muito bem.

— O senhor vai descobrir onde mora aquela velha.

Ele não esperou segunda ordem.

No dia seguinte encontraram-se novamente.

— Mora na rua Brighton 34, sobrado, num quarto alugado. O nome dela é Sadie Adams. Foi o que consegui apurar.

— Preciso descobrir onde ela está. Estou com medo. Meu pai... Creio que posso confiar no senhor. Meu pai tem um segredo... Um segredo que ninguém deve saber. E aquela velha sabe de tudo. Ele mandava todos os dias entregar um diário a ela. Para calar-se...

— Mas... Ela não apareceu mais.

— Por isso eu tenho medo. Pode ser que tenha acontecido alguma coisa...

Ele prometeu ajudá-la. Marcaram um encontro para mais tarde. Ao vê-la chegar, ele notou que estava radiante.

— Oh! Como sou feliz! Tudo descoberto! Papai juntou coragem e foi à polícia. A mulher foi presa.

— Graças a Deus...

— Bem, creio que nada mais há a dizer e...

— Vai esquecer-se de mim? Esqueceu que a amo? Não me acredita?

Ela riu.

— Você é engraçado. Acredito, sim. Mais tarde perguntou:

— Ainda não sei o seu nome...

Ele respondeu:

— E eu não sei o seu.

Riram juntos e ela apresentou-se:

— Lynn Bradley.

Antes de perceber perfeitamente o nome dela, deu o seu: John Powers.

De repente repararam.

— Meu Deus! — disse ele.

— Ora! — exclamou ela.

— Fomos leigos.

— O velho Bradley queria por força que nós nos conhecêssemos.

— E eu recusei-me a ver você.

— E o mesmo aconteceu comigo.

— Ele então arranjou uma forma de nos apresentarmos.

— Então, não levar pela nossa im-

A Moça do Vestido Marron

CONTO DE EDGAR WALLACE

ESCRAGNOLLE DORIA DE ENDEREÇO À HISTÓRIA

SEBRAM accepções à palavra Questão. Entre elas na História tem a accepção de conflito de interesses magnos de consequências graves. A Questão do Oriente foi de incessante pesadelo na vida politico-diplomatica do seculo XIX, a palavra Questão, em casos tais, subida a honras de maiuscula.

Quatro Questões agitaram o nosso Segundo Reinado. A Questão do Elemento Servil acompanhou todo todo aquele reinado; a Questão Christie proporcionou-lhe popularidade e homenagem da orgulhosa Inglaterra; a desarmonisadora Questão Religiosa deu abalo ao reinado; a Questão Militar foi-lhe mortal, por outra forma reeditando o Sete de Abril.

De 1872 a 1875 a Questão Religiosa trouxe, a combater a Igreja, o Governo, o Parlamento, o Conselho de Estado, a Maçonaria, a Imprensa, esta poder temível nos paizes onde se respira liberdade.

Não só os rios caudalosos conhecem pequenas nascentes. Muitas e muitas questões importantes proveem de causas às vezes infimas.

O ponto de partida da Questão Religiosa foi a ordem do bispo de Olinda determinando a certa irmandade do Recife a exclusão de irmãos averiguadamente maçons. A irmandade recalcitrrou em cumprir, os incidentes cresceram, o bispo de Olinda secundado em opinião e ação pelo bispo do Pará.

O que era fagulha passou a incendio. O governo, no proceder intransigente dos bispos, vio infração às leis do Imperio, nele a Igreja unida ao Estado, este a subsidiando.

Toda luta gera excessos de adversarios, deles não isenta a Questão Religiosa. Teve sequencia de vulto na prisão e no processo dos bispos, julgados e condenados pelo Supremo Tribunal de Justiça. Traria fecho à questão uma anistia geral decretada na segunda regencia do Imperio pela princesa imperial D. Isabel.

Nossa diplomacia participou da Questão Religiosa. Em missão especial entendeu o governo mandar a Roma um servidor marcante da diplomacia nacional, o Barão do Penedo, desligado de missão ordinaria em Londres, onde persona mais que grata á corte e povo.

Sobre a missão que o levára a Roma, em 1873, a entender-se com Pio IX e seu secretario de Estado, o cardeal Antonelli, explicou-se publicamente o Barão do Penedo, mas só em 1881. *A Missão Especial a Roma em 1873* — tal o título da não precipitada obra de Penedo.

Ao ser a obra dada á estampa já não existia o bispo de Olinda, falecido em 1878.

Restava ainda forte o bispo do Pará. Ilustrado, bem nutrido das lições da Igreja, o bispo respondeu a Penedo publicando, em 1887, meditado livro de contestação: *O Bispo do Pará e a Missão A Roma*.

Da primeira obra de Penedo, a de 1873, chegou exemplar á biblioteca de D. Pedro II em São Cristóvão.

O soberano era um grande e silencioso suportador de homens, também um recolhido analisador de livros, dando-lhes anotações.

Lançou algumas a paginas de Penedo, no seguir de leitura, traçando as notas com letra miúda, a lapis, sem obediencia á linha réta. Isto em algumas paginas,

noutras contentando-se o imperador em sublinhar, sempre a lapis, umas tantas asserções do autor do livro.

Segundo Pereira da Silva, em *Memorias Do Meu Tempo*, jamais foi publicada, em Roma ou pelo bispo de Olinda, uma carta de Pio IX, annunciada pelo cardeal Antonelli a Penedo, carta na qual o Pontifice dava ordens aos dous bispos brasileiros. Tratava-se da reposição das cousas no seu estado anterior, revogados os edictos relativos á maçonaria.

Conforme Penedo, ao dar-lhe noticia da expedição das ordens, o secretario de Estado citára as primeiras palavras da carta — *Gesta tua non laudantur*.

Quatro palavras latinas que suscitariam milhares de outras de polemica em torno da esperada carta.

Este breve esclarecimento torna-se necessario para comprehensão das notas do imperador á obra de Penedo publicada em 1873 por p.ãos londrinos.

Pagina 22 — Escreve Penedo:

"Desapprovando os excessos do bispo, disse-me o Santo Padre: *Che volete. E una testa calda*. Não foi em Roma que elle fez os seus estudos, foi em França, bem escrupulos tive de nomeal-o Bispo tão jovem, mas o Governo insistiu *para ser agradável ao Imperador*."

Sublinhou este as cinco ultimas palavras, escrevendo á margem: Não houve empenho da minha parte. Pagina 77 — A proposito da carta de Antonelli, entregue ao bispo de Olinda pelo Internuncio no Rio de Janeiro, e carta que o bispo declarou não recebida, anotou o imperador:

"E por que não cumprio as ordens do Papa como se diz que fez o Geral dos Jesuitas em Roma?!"

Pagina 78 — Tratando da asseveração do bispo de Olinda ao arcebispo de Buenos Aires de não haver recebido a carta Antonelli, escreveu Penedo:

"Chamado prematuramente o Revdmo Prelado á presença d'Aquelle que é o *Pai das Eternas Misericordias*, já deve ter dado conta da sinceridade de sua declaração".

Nota do imperador — Não pôde responder.

Pagina 101 — Disséra Rio Branco, chefe do Governo, a Penedo: "Procura-se demover o Bispo do cumprimento immediato das recomendações do Papa a pretexto de que a prisão do prelado não era caso previsto em Roma."

Nota do imperador — "Não poderiam negar os termos da carta se houvesse cópia desta. Desde que não veio a cópia que eu recei do resultado. Ha ex-ministros que confirmarão isto".

Paginas 104 e 105 — "Se não era politico demorar a instauração do processo (o dos bispos) até o resultado da missão, ou se depois de obtida a solução pedida em Roma já não era possivel suspende-lo, sem fazer intervir a amnistia que depois appareceu um anno depois, então a missão mandada a Roma estava desde o começo condemnada sem remedio a não ter resultado pratico, mesmo depois de conseguidos, como foram, todos os desejos do Governo e realizados muito alem das esperanças delle e do negociador." Declaração Penedo e nota do imperador:

"Tambem pouco esperei della".

Pagina 105 — Escreve Penedo:

"Mandado a uma embaixada de paz quando a guerra estava lavrando no seu auge obteve (o negociador) uma concessão tão valiosa (o levantamento de interdit) como inesperada e quando durante as negociações o Estado não queria ou não podia dar uma tregua ou assignar um armistício."

Nota do imperador — Com a reserva da minha parte a que me refiro á pagina 101.

Pagina 106 — Nela Penedo se refere ainda ao levantamento dos interditos lançados às irmandades do Recife e do Pará e aos seus efeitos.

Nota do imperador — E o effeito? Meu.....foi sempre e unicamente não ter vindo copia da carta a D. Vital".

Tais as notas de D. Pedro II á margem do livro do Barão do Penedo — *Missão A Roma em 1873*, livro que na folha de rosto mostra epigrafe:

...*Longa est injuria, longae Ambages.*

Traz o livro numerosos apensos permitindo bastante acompanhar os passos, os esforços do negociador no sentido de cumprir instruções dadas pela nossa chancelaria.

Mostram também os citados apensos um pouco do muito que a Questão Religiosa teve de parlamentar, trazidas então todas as momentosas questões nacionais ao exame e ao debate de Camara e Senado ao ser-lhes apresentado o conciso relatorio anuo da Fala do Trono.

Em discussão já argumentadora, já irritante da Questão Religiosa, empenharam-se parlamentares de vulto, alguns ultramontanos.

No Senado, o rispido Zacarias combateu rispidamente o gabinete 7 de Março presidido pelo visconde do Rio Branco, grão-mestre maçônico, a este se opoendo Zacarias, provedor da Santa Casa de Misericordia.

Na sessão de 25 de Junho de 1874, o Senado ouviu discurso notavel de Teixeira Junior, senador pelo Rio de Janeiro, notavel não só pela importancia politica de quem mais tarde, e tão dignamente, seria provedor da Santa Casa, notavel pela consideração de advertencia que lhe deu Zacarias e lhe deram, aparteando, Rio Branco, presidente do Conselho, e Junqueira, ministro da Guerra.

A Teixeira Junior não faltaram apartes de colegas. Embora o orador declarasse não o incomodarem aqueles apartes, antes apreciase. Acudio Jaguary, que presidia a sessão, com esta advertencia: "O nobre senador tem sido interrompido inconvenientemente e contra isto tenho reclamado".

Ao que replicou Teixeira Junior com leve mordacidade elegante: "Quero justificar a fórma do meu discurso, porque receio que me imputem uma obra que não será minha, mas dos nobres senadores, por isso é que faço esta observação (a de não o incomodarem as interrupções, severamente qualificadas por adverbio de Jaguary).

O discurso Teixeira Junior ficou nos Anais do Senado. Na Biblioteca de São Cristóvão ficaram as marginalia de D. Pedro II no livro de Penedo relatando sua missão especial junto a Pio IX.

Não seja descabido pôr ao notas do imperador de endereço à História. Tira esta proveito do a meia voz de seus atores e uma se parece ouvir lendo o anotado livro de Penedo.

D. PEDRO II EM 1873





CABE À SRA. PROTEGÊ-LOS
CONTRA O

Inimigo Invisível

A preocupação máxima
das mães é a saúde e a robustez
dos filhos

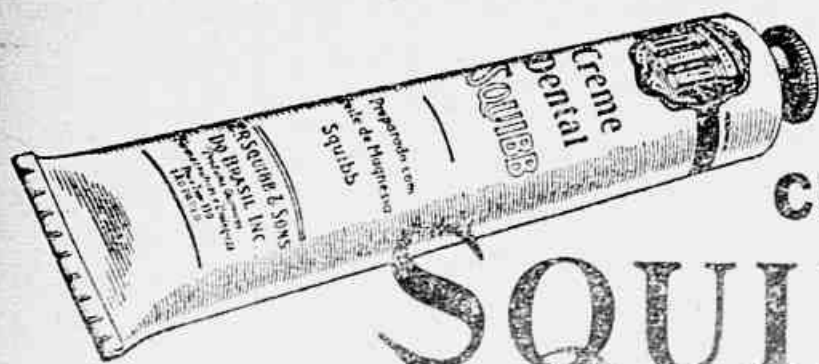
Mas... a sra. sabia que um "Inimigo Invisível" poderia estar agindo dentro da boca de seus filhos... conspirando contra eles... constantemente?

Esse "Inimigo Invisível" é a acidez bucal de origem bacteriana. Não respeita nem idade nem as esperanças dos pais. E, agindo continuamente, pode causar a cárie dental. Por isso, é AGORA que a sra. deve ensinar seus filhos a combater o "Inimigo Invisível", limpando os den-

tes com regularidade. Use o Creme Dental Squibb duas vezes por dia.

O Creme Dental Squibb limpa os dentes com segurança e eficiência — deixando na boca uma sensação agradável de frescura e limpeza de que até as crianças gostam.

O Creme Dental Squibb é mais do que um simples dentífrico. Contém Leite de Magnésia Squibb, anti-ácido seguro cujo contato neutraliza a acidez bucal.



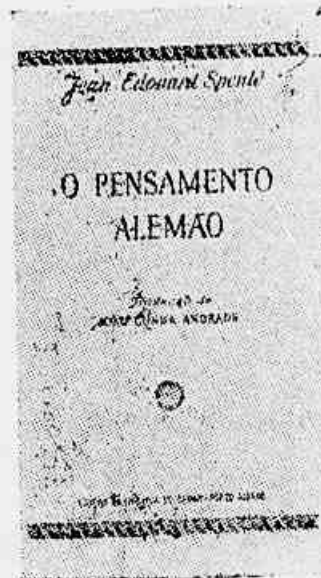
CREME DENTAL

SQUIBB

1003

Livros

O PENSAMENTO ALEMÃO — Jean-Edouard Spenlé — Tradução de João Cunha Andrade — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre.



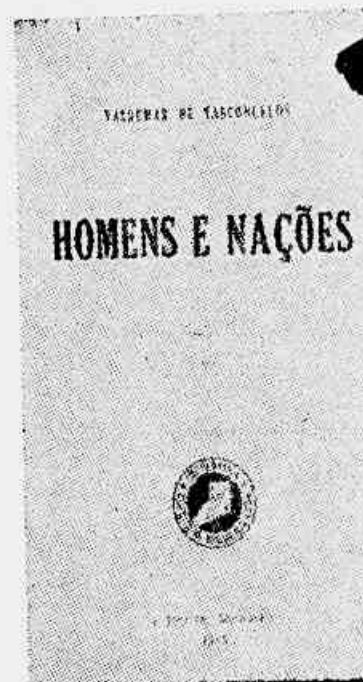
"O Pensamento Alemão", do pensador alsaciano Jean-Edouard Spenlé, é uma síntese perfeita da gênese, evolução e tendência da filosofia germânica.

Spenlé apresenta neste pequeno livro alguns dos aspectos essenciais e algumas das grandes etapas do pensamento alemão. O autor não pretende, em absoluto, dar, mesmo em resumo, um quadro completo da filosofia, da literatura ou da cultura alemãs. Não se prende, também, ao lado "técnico" das obras ou das doutrinas analisadas, mas unicamente ao seu valor documental ou simbólico, ao movimento interno que as anima, esforçando-se por mostrar como, em um dado momento, um pensador ou um artista trouxe uma fórmula original em que se resume o espírito de uma época.

Diz Spenlé: "Afinal, esta Alemanha de hoje, que tanto nos surpreende, nós já a conhecíamos: não temos simplesmente o sabido discernir seus traços verdadeiros. Assim, pois, se o estudo do passado ajuda a melhor compreender o presente, por sua vez as lições do presente podem lançar luz sobre o passado."



HOMENS E NAÇÕES, crônicas, discursos, conferências de Waldemar de Vasconcellos — Cooperativa Coeditora Brasília Ltda — Rio de Janeiro, 1945.



De espírito combativo e temperamento ardoroso, sempre o Sr. Waldemar de Vasconcellos andou empenhado em alguma campanha que lhe pareceu nobre, por alguma causa que lhe pareceu justa. A política sul-riograndense tem encontrado nele um batalhador infatigável e sem possível desilusão. E' um homem da sua bandeira, do seu partido. E é um poeta. Os seus livros de versos alternam com as séries de artigos de jornal, as excursões de propaganda, um ou outro movimento revolucionário. O Sr. Waldemar de Vasconcellos leva para as trincheiras — as trincheiras naturais que as coxilhas erguem ou cavam no solo — a mesma exaltação idealista com que sobe à tribuna ou compõe um poema. O amor, o sagrado apego ao torrão em todos os sentidos o inspira com igual veemência. No seu culto pela história e os grandes homens do Rio Grande, tanto significa a espingarda quanto a pena — ou a própria lira, diríamos se, nos tempos que correm, pudéssemos falar, sem antiquado preciosismo, dêsse instrumento dos deuses. E ainda no presente livro o mesmo sentimento batalhador e glorificador o leva a tratar de duas individualidades conterrâneas: Apolinário Porto Alegre e Alceu Wamosy.

A primeira dessas apologias assume o caráter de estudo profundo, intenso, do homem e da obra. Ocupa cerca de sessenta páginas; e logo na primeira vem o ímpeto de justiça que predomina em todas as outras: "Continua a dívida do Rio Grande a Apolinário Porto Alegre. Ela será saldada quando, ao menos, estiverem publicadas as suas obras principais como "Populário Sul-Riograndense" e "Raízes" inéditas ainda nesta altura de quase meio século após a sua morte e quando alguém lhe fizer o retrato de corpo inteiro no seu meio e no seu tempo, à luz da sua vida sofrida e corajosa, comentados seus trabalhos literários e científicos, assim como as suas polémicas de jornalista e patriota".

Este segundo pagamento o autor de *Homens e Nações* o efetua, não só honesta mas também entusiasticamente. O seu esforço de pesquisa foi intenso e profundo. De Apolinário nos fala, dando bem a impressão de que, no sentido informativo, nada mais haveria a dizer. E dos louvores insere por entre os dados documentais se pode fazer idéia pela amostra de estilo que acabamos de transcrever. As páginas sobre Alceu Wamosy, o poeta da *Coroa de Sonho*, impregnam-se de veneração e carinho. Grave ensaio de psicologia poética é o capítulo consagrado a Antero de Quental. E cheio de bela sinceridade é o elogio de Rui Barbosa como o panegírico de Roosevelt e os trabalhos de feição filosófica, social ou política que completam o volume.



A LUA, contos de Joel Silveira — Livraria Martins, Editora — São Paulo, 1945.



Contos, impressões, fantasias ou como se lhes queira chamar, estes trabalhos compõem um livro rico de poder sugestivo. Em muitas páginas se diria haver exclusivamente a lembrança de coisas acontecidas — cenas, imagens, júbilo ou tormentos que, em todo caso, deixaram saudades. Não as organizou o escritor em forma "novelística", de maneira a cativarem pelo enredo ou fazerem-se aplaudir pelo desenlace. Pouco lhe importou que observassem ou desprezassem o princípio, para tantas autoridades imprescindíveis da fabulação. O Sr. Joel Silveira cuida principalmente de nos transmitir as suas concepções e as suas emoções, tais como lhe acudiram ou as experimentou. Dá-se, pelo livro, vários pseudônimos, não, porém, para nos despistar. A nota individual está bem acentuada e domina geralmente.

Podem alguns destes trabalhos parecer de mera observação, quase fotográficos, entrando neles apenas como adorno a "maneira" do escritor, um estilo agudamente pitoresco e com traços já de benévola já de acerba ironia. Assim a *História de Leão*. Morreu o leão do circo provinciano, a sua grande atração, o número de programa que, entre as vulgares acrobacias e as palhaçadas sedições, verdadeiramente impressionava as arquibancadas e animava a bilheteria. E' uma tristeza e um desastre. Dom Pedro, o diretor, reúne os artistas para lhes comunicar a dissolução da companhia e dividir com eles o dinheiro em caixa. Todos: o clown, a bailarina, o hercules, o domador, querem renunciar ao respectivo quinhão — e que tudo fique para aquele de cujas mãos receberam, mais farto ora mais escasso, o pão da aventura nômade. Procurarão outros empregos, dizem eles; cada qual se arranjara como puder; e realmente o patrão é o mais necessitado. Dom Pedro, porém, recusa-se a aceitar o sacrifício coletivo e também apresenta as suas razões: tem no Sul um irmão a quem se arrimar, tem sobretudo as suas medalhas de diretor do Grande Circo Zoológico do Oriente. Leva as medalhas, é quanto basta. E a bela cena de solidariedade boêmia termina dolorosamente: Dom Pedro, sozinho, sentindo, num golpe de aragem, o cheiro acre que ainda vem da jaula vazia e esforçando-se por dominar, com o lenço nos olhos, a comoção romântica da despedida.

Novos

Outro episódio flagrantemente inspirado na vida dos que labutam e penam, divertindo o público: suicida-se um dos artistas do *show* e os outros, por imposição do diretor e por dever de ofício, teem que continuar o espetáculo. No *Homem da terra*, um sujeito alijado, amalucado, encarrapitando-se no alto da igreja, com uma espingarda e certa quantidade de munição, reage, a tiro agora, tiro mais logo, contra o bando de Lampeão que assaltou a localidade; e o defensor solitário não é morto nem propriamente sofre derrota, porque, impressionado com aquela valentia, Virgolino Ferreira — o retrato está tão fiel que só lhe falta o nome — ordena "que ninguém bula com o homem". Mas a nota capital, repetimos, a que sobretudo caracteriza o livro e no-lo faz apreciar é a revelação veemente, a espécie de confissão do que se passa na vida dum personagem cujo nome muda mas cuja intimidade continua. Eis o que torna o livro intensamente pessoal. O Sr. Joel Silveira deve efetuar nestas páginas uma enlevadora viagem pelo passado. A saudade é uma repetição. E recordar é reviver.



HISTÓRIA DOS DIAMANTES nas Minas Gerais por Augusto de Lima Júnior — Edições Dois Mundos — Rio de Janeiro, 1945.



"Quem compra um diamante compra um fragmento da eternidade, e quem usa um diamante adorna-se com um puro raio da aurora da Criação".

O Sr. Augusto de Lima Júnior, poeta e artista, inscreveu esse próberbio indiano na página fronteira ao prómio deste livro. E o prómio mesmo constitui uma digressão de poesia e de arte pelas esferas da realidade ou da ficção onde a rainha das pedras preciosas refalge, opulenta e inspiradora. Vai à Bíblia, à História, à Lenda e aos poemas. Assim o autor se demora a contar episódios verídicos ou criações da fantasia, mas em que sempre a beleza predomina. É um regalo que ele dá ao próprio espírito antes de passar ao esforço de pesquisa que o assunto do livro reclama. E, assim se comprazendo, o Sr. Lima Júnior nos prepara a mais ditosa das disposições para acompanhar e admirar a obra propriamente dita.

Como foi povoado o território das Minas Gerais e descobertos os seus diamantes? É o primeiro capítulo. E logo se patenteia a solicitude entusiástica, o empenho ardente com que o historiógrafo procura a verdade estreme e cuida de estabelecer, por entre as versões ou interpretações mais ou menos diferentes, a noção segura, indutível, dos fatos. Para conseguir este intento, com o escrúpulo que põe em todos os seus trabalhos, de muito lhe serviram as duas temporadas que passou na capital portuguesa. Ali teve à sua disposição os arquivos e bibliotecas mais ricos de elementos documentais e elucidadores. A Torre do Tombo facultou-lhe os tesouros que as suas nobres muralhas encerram e parecem ciumenta e heroicamente defender contra as bravazas do mar, as arremetidas das intempéries, todas as hostilidades do tempo e do destino... Para a sua mentalidade sempre ansiosa de observação e de estudo, foram períodos de venturosa festa. Por mais esforçado que se tornasse, por vezes, o seu trabalho, o resultado de cada capítulo o ia generosamente recompensando. Assim ele veio, de página em página, de época em época, até nossas dias ou, com rigorosa exatidão, até 1929. E em curto apêndice oferece aos outros estudiosos o problema da presença em Minas Gerais, na primeira metade do século XVIII, de Francisco Xavier de Oliveira, o famoso Cavaleiro de Oliveira.

Enriquecem o volume várias plantas e fotografias das terras diamantíferas, bem como das localidades às quais essa indústria mais tem interessado.

J. L.

A' MARGEM DO AMAZONAS — Por engano foi incluída nesta secção, antes das iniciais do redator habitual, a notícia sobre o livro *A' margem do Amazonas*.



FRUTA DO TEMPO — Armando Erse (João Luso) — (Editora A Noite, Rio, 1945).



Uma bem feita seleção de crônicas do nosso eminente colaborador, nome de vulto e marcante projeção nas letras do país, vem de aparecer reunidas em volume, para satisfação de seus leitores e amigos, que são quantos, alguma vez, pousaram os olhos e recrearam o espírito em qualquer de seus trabalhos. É João Luso uma figura ligada ao jornalismo e à crônica da cidade, por natureza de seu atilado e agudo dom de observação, como pelo grande e assíduo contacto com as nossas coisas. Na cadeira que ocupa na Academia Brasileira de Letras, na sua banca veterana do "Jornal do Comercio", aqui mesmo na REVISTA onde empresta o brilho de sua prosa ou nos livros que faz editar periodicamente, é João Luso um amante dos temas brasileiros e um cronista apurado, de estilo sempre leve e agradável. "Fruta do Tempo" vem, por isso, proporcionar aos amantes da boa leitura algumas horas de agradável entretenimento para o espírito, porque ali se encontram capítulos bem escolhidos da obra do prestigiado *conteur* e crítico. As antigas ligações do autor com o teatro denunciam-se em algumas dessas páginas, realçando ainda uma vez o

hábil e cintilante manejador do diálogo no mais belo estilo. "Primeiro do ano", "Temperada do Municipal" e "Anel e Aliança" constituem pequenas obras primas no gênero, sem com isso desmerecermos a classe do prosador de "Aquele sorriso" e "Fala a pérola", classe que ainda mais se traduz em "A Princesa Alma Sol", uma história singela para os meninos que vivem "numa terra abençoada", o Brasil. Mas onde se afirma o bom amigo das coisas cariocas é justamente em "O Relógio da Glória", um bem imaginado diálogo entre o autor e aquele tradicional cronômetro. Dando a palavra ao relógio da Glória, transmite-nos João Luso as suas confidências. — "Quem passa, olha, mas não compreende nem se dá ao trabalho de considerar. Quando muito, os homens puxam o relógio respectivo — por sinal que bem telamente — para conferir as horas. De que lhe serve averiguar se entre as minhas e as que eles levam no bolso há perfeita concordância ou divergência sensível? Eis o que não posso compreender, nem eles com certeza. Enfim, admitamos que seja um gesto mecânico, sem outra significação além da força do costume. Outros homens nem esse reparo inútil fazem ao passar. Seguem, sem dar por mim. E aqui estou eu, andando dia e noite sem sair do lugar, ao alto da minha coluna como um corpo humano que só para cima do pescoço sentisse e se agitasse, com a cabeça vibrando incessantemente e todo o resto do corpo em absoluta imobilidade! Como invejo as criaturas que, por diante de mim e através desses esbeltos, sorridentes jardins, fogem em automóveis próprios ou de aluguel, a caminho doutras paragens sem dúvida ainda mais galantes e rejubiladoras!"

É sempre assim, leve, fluente e convidando à leitura das páginas seguintes, o novo livro do nosso querido companheiro. Prosa simples e por isso mesmo encantadora, a de João Luso faz desse seu novo livro um brinde régio para seus leitores, a quem será superfluo recomendá-lo.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRINCIPE DE GALES
UM PRODUTO COSTA PENNA



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 48 - 5.º. - Rio de Janeiro.
Nome
Rua
Cidade Estado

R.S.



NO CALOR...

Dê à sua cutis uma agradável sensação de frescor, com uma leve fricção de Água de Flórida. Perfumada, desodorante, antisséptica e estimulante da circulação sub-cutânea, Água de Flórida mantém a pele fresca e perfumada o dia todo... A venda em todas as farmácias e perfumarias.

ÁGUA DE FLÓRIDA





JOCKEY CLUB MUNDANO

Os cronistas turfísticos da cidade prestaram expressiva homenagem póstuma ao dr. Lineu de Paula Machado, fazendo inaugurar, no Hipódromo da Gávea, uma herma daquele grande "turfman". Nas fotos acima reproduzidas vemos dois aspectos dessa herma, podendo-se notar o busto do famoso criador e a placa de bronze colocada no pedestal. Em baixo, dois magníficos e expressivos flagrantes apanhados na "pelouse" do hipódromo do Jockey Club Brasileiro, durante a realização do "meeting" de domingo transato, vendo-se elegantes "turfwomen" que acorreram ao Prado, a ver a realização do grande "Criterium".



vinhas, que falando agitava no ar — para mostrar as unhas bem tratadas, deduziu logo Maria Antônia.

Onde estava o rapaz alto, de olhos românticos, elegante, displicente, que todas tinham imaginado baseado, apesar de tudo, nos romancinhos água-com-açúcar?

Mas o professor José da Rocha Domingues conquistou a classe em menos de uma semana; por ser baixinho não perdera as qualidades raras de boêmio, autor, conquistador e todas as mais que lhe atribuíam as meninas. Além disso, tinha um jeito especial, só dele, de dar aulas contando anedotas, histórias, fatos verdadeiros ou não, dos quais possuía o mais variado e inesgotável repertório.

O que o tornava superiormente atraente, porém, era a mania de caçoar constantemente de Deus e todo o mundo, principalmente das alunas, dos artistas de cinema e de todo e qualquer sentimentalismo, com ironias finas que doíam muito e eram muito mais engraçadas do que as pilhérias a que se tinha acostumado a classe. Quantas brigas suscitou entre as meninas, umas indignadas contra as ironias, outras a defendê-lo com ardor! Quantas discussões! Quantas zangas! E quantos pilos e sermões de d. Marcolina, esbravejando contra a barulhada infernal que invariavelmente se armava após as aulas dele!

Fôssem inimigas ou defensoras do Domingues, o certo é que todas tinham uma "quedinha" por ele.

— Que aulas estupendas, hein? Vocês não acham que ele fica um amor quando fala levantando aquela sobrancelha? E' sempre ao dizer uma ironia; a sobrancelha forma direitinho um ângulo reto. E é só com a direita que ele faz, vocês repararam? — comentavam as espetivadas como Maria Antônia, ao terminar a aula.

As quietas como Eugênia (principalmente Eugênia, que sempre adorara História e nunca tivera um professor tão bom) sofriam caladas toda a espécie de tormentos, principalmente os da inveja e do ciúme. Não tinha coragem, como algumas, para falar ao Domingues no corredor, para dizer gracinhas quando ele passava; eram tão tímidas que nem uma lição conseguiam ler com sangue frio, quando chamadas.

Eugênia muita vez projetava:

— Hoje vou brilhar, vou escrever uma prova como ele nunca viu.

A prova, de fato, era sempre das melhores da classe, mas o Domingues tinha o hábito de mandar a autora lê-la em voz alta, antes de corrigi-la.

Chegava a hora da aula; o coração de Eugênia batia como um desesperado. O Domingues entrava na classe mais amarelo do que habitualmente, com umas olheiras fundas, o chumaço de cabelos caído na frente.

— Meu Deus! — a classe toda tremia.

— Ele teve outra crise de fígado!

Quando, em meio ao silêncio sepulcral (nos dias de crise de fígado nem Rosa se atrevia a abrir a boca), o professor dizia no seu costumeiro tom zombeteiro:

— D. Eugênia, levante-se, reze uma oração e leia o seu trabalho.

Ou:

— D. Eugênia, já disse o seu "De profundis"? Então pode ler.

A coitada, naturalmente, perdera a voz.

— Mais alto! Mais alto! A senhora esqueceu de almoçar? Ou gritou tanto nos intervalos que enrouqueceu? Sente-se, d.

Eugênia, e antes da próxima aula lembre-se de tomar gemada.

A pobre Eugênia, desconsolada mas incapaz de controlar os nervos, sentava-se para ouvir Mariana ou qualquer outra desembaraçada tirar uma nota alta com trabalhos inferiores ao seu.

Mariana era do grupo das indiferentes, das que costumavam dizer:

— Não sei o que é que você acham de tão extraordinário no Domingues!

Eram essas, porém, as primeiras que corriam a pôr pó de arroz e passar "báton" antes que ele entrasse na sala.

Mas o divertimento de todas era a inspetora. D. Marcolina estava mesmo decidida a conquistar o professor de História; postava-se à porta da classe durante o intervalo, à espera do sinal, afim de não perder a entrada "dêle"; dizia-lhe então duas palavras; tinha a pachorra de ir, eia mesma, anunciar o fim da aula, embora existisse campanha para isso; variava vestidos, colares, penteados e estreara um novo modo de andar inteiramente inédito, mesmo entre as "estrelas" do cinema.

Pobre d. Marcolina! Quando às seis horas, fechada a escola, se retirava para casa, era com o coração pesado de amargura que palmilhava os quarteirões; o Domingues invariavelmente não reparava no brilho dos brincos novos, nos olhares quebrados e nem sequer no perfume francês que comprara e que abria uma brecha nas suas economias!

O Domingues faltava raramente. Nos intervalos das aulas, os comentários ferviam:

— Hoje nem sei o que fiz como lição — dizia Verônica. — Vou tirar zero, no mínimo.

— Ih! Você lembra daquele dia em que o Domingues disse à Rosa: "D. Rosa, nunca se esqueça do dia quatro de abril; nesse dia a senhora disse a maior asneira da sua vida!"

— Rosa começou a chorar e ele continuou: "Pare com isso! Não quero saber dessas lágrimas de crocodilo!"

— Rosa fez muito bem em sair da classe; foi o cúmulo o Domingues ter feito o que fez!

— Mas depois ele pediu desculpas. Ao terminar um desses intervalos tão interessantes, d. Marcolina apareceu com cara de catástrofe, anunciando:

— Silêncio, meninas! Podem descer, mas em silêncio!

— Descer! Por que?

— O prof. Domingues (um suspiro) não vem; está muito doente.

— Que é que ele tem?

— Apanhou uma congestão pulmonar... (outro suspiro.) O diretor disse que o caso é grave.

As meninas foram saindo da classe silenciosas, nesse silêncio fúnebre que acompanha as grandes calamidades. O Domingues gravemente doentel!

— E ainda para cúmulo ele sofre do fígado! — lembrou Maria Antônia numa voz trêmula de choro.

Aquela semana foi a pior da vida das meninas. Eugênia, mal se levantava, corria a abrir os jornais, para se assegurar de que o nome "dêle" não estava no obituário. Mariana pediu notícias à senhora cuja irmã dava-se com uma cunhada do professor, mas ficou muito admirada quando a tal senhora mostrou ignorar a morte.

Nenhuma delas, porém, teve coragem suficiente para se dirigir ao diretor ou simplesmente à portaria em busca de novidades. Nunca tinham feito isso quando

(Continua na pág. 44)

A remodelação do Palácio do Trabalho



○ Palácio do Trabalho, tanto pelo volume da sua construção como pelas suas linhas arquitetônicas, é um dos mais imponentes edifícios da cidade. Planejado e executado em proporções tais que pudesse ele atender a seu desenvolvimento futuro, todavia a previsão mais otimista foi ultrapassada, de modo que, em pouco tempo, o vasto edifício já era exíguo, pelo que foi necessário ampliá-lo. A área do edifício era, segundo o plano da construção, de 37.500 m². A ampliação acrescentou àquela mais a área útil de oito mil metros quadrados.

A ampliação foi executada dentro das possibilidades disponíveis. O prédio, de acordo com o plano primitivo, possuía 412 vãos, passando a ter, depois de ampliado, 556, isto é, houve um acréscimo de 144 vãos. Assim se tornou possível fazer uma redistribuição racional de serviços, pelos vários andares, desafogando-se as repartições e departamentos, tanto como instalar a seção de Assistência Social e um bar-restaurant para os funcionários do Ministério. Pela redistribuição feita, os órgãos conexos ficaram situados num mesmo andar; as repartições mais procuradas pelo público ficaram localizadas nos andares menos elevados. Foram criados, ou remodelados, os seguintes órgãos: Dependência Ministerial, Serviço de Documentação, com magníficas instalações para a biblioteca; Serviço de Mulheres e Menores da Divisão de Higiene e Segurança do Trabalho; Serviço Atuarial, Tesouraria, amplo auditório para as aulas do Centro de Estudos Econômicos e Conferências; Serviço mecanizado do S. E. P. T.; Comissão Executiva Textil; Comissão Técnica de Orientação Sindical; Serviço de Recreação Operária, e a Fundação Rádio Mauá, cujas instalações ocupam toda uma ala do segundo andar.

Na gravura aparece o Palácio do Trabalho na primeira fotografia publicada depois de sua remodelação.

DESEMBARQUE DO SR. ROMEU NUNES — Regressou a esta capital após dois meses de permanência nos Estados Unidos, onde visitou as principais organizações comerciais e industriais norte-americanas, o sr. Romeu Nunes, diretor-presidente das firmas "Drogadada", "André Nunes & Filhos", "Casa dos 40" e "Fonte Platina". Os flagrantos que abaixo estampamos foram colhidos no Aeroporto de Congonhas, por ocasião do seu desembarque, vendo-se neles o conceituado viajante rodeado por pessoas de sua família, chefes das organizações que dirige e numerosos amigos.





Flagrante tomado durante a conferência pronunciada pelo padre Pierre Charles S. J., professor da Universidade de Louvain, no Rotary Club do Rio, subordinada ao tema "O mundo de amanhã".



A ilustre professora de línguas Miss Allegonda Maria Pynappel, que serviu durante longo tempo em Malta e no consulado americano de Lisboa, e que atualmente leciona no Rio de Janeiro.

FIGURAS E FATOS



Regina do Carmo, filha do dr. Theomar Jones e d. Maria Aparecida Fonseca Jones, residentes em Barra do Pirai.

Flagrante do casamento religioso da srta. Edith Sotomaior Cordeiro com o major Luiz da Silva Guimarães, realizado na Igreja de Nossa Senhora de Copacabana, nesta Capital, em setembro último.



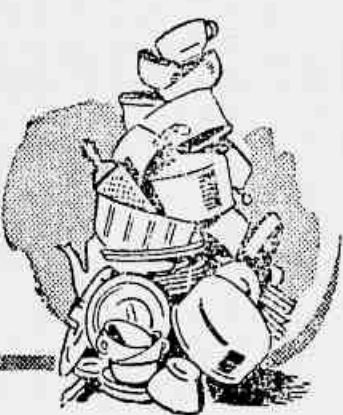
A mulher de Paris e de Londres

Paris — (H. P.) — A mulher moderna de Paris e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todas as épocas de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento OKASA, à base de Hormônios frescos e vivos (extratos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade). OKASA, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelas conhecidos Laboratórios Hermo-Pharma de Londres e Paris; é importado agora diretamente de Londres. O tratamento OKASA é uma medicação de escolha, ultra-racional e científica, conhecida pela sua eficácia terapêutica cientificamente comprovada.

oferece o máximo de sucesso em todos os casos ligados à deficiência do sistema glandular, do aparelho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher.

Experimente OKASA e se convencerá. Pega a fórmula drágeas "ouro" em todas as boas Drogeries e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informações e pedidos ao Distribuidor: Produtos ARNA — Av. Rio Branco, 109 — Rio — Tel. 43-3378.

Quem gosta de lavar panelas?



Lavar pratos e panelas... Haverá tarefa mais ingrata para a dona de casa? Entretanto, também na pia, trabalha contente e depressa quem trabalha com Minerva. Também na pia o Sabão Minerva demonstra o seu valor, eliminando a gordura, removendo a fuligem e deixando as louças e panelas, num instante, tão claras e limpinhas, que dá gosto vê-las! No tanque ou na pia, exija o sabão que o Brasil prefere... exija Minerva! Verifique no carimbo o retrato de Dona Minervina, a Lavadeira Feliz!



DONA MINERVINA AFIRMA:

Lava mais!

Minerva lava três dúzias de roupa, enquanto outros lavam apenas duas!

Elimina os germes!

Indicado especialmente, portanto, para as roupinhas do bebê!

Rende até o fim!

Porque não espedra nem efra e é o mesmo sabão de confiança até o último pedacinho!



Sabão MINERVA sai barato porque protege o que lhe é caro!

M U S I C A

Durante o último espetáculo da Temporada de Bailado, Edith Pudelko recebeu do sr. Florv Gama uma estátua de Nijinsky, o prêmio que lhe coube como a melhor bailarina da Temporada, na decisão do júri, do qual faziam parte, entre outros, Vaslav Velichok e o maestro José Siqueira.

Seria descabido duvidar da autoridade da decisão de um coreógrafo ilustre como Velichok e um maestro do valor de José Siqueira, para só citar dois nomes; porém o resultado a que chegou o júri não agradou a todos.

Pessoalmente, sem desconhecer a idoneidade daqueles que integravam a comissão julgadora, acho que talvez Edith Pudelko merecesse menção honrosa, pelas qualidades demonstradas durante a temporada, porém não conferiria o prêmio a ela.

Parece-me que foi sobrestimado o valor dessa jovem bailarina, que ainda tem um grande futuro à sua frente e que poderá, mais tarde, vir a fazer jus a prêmios até mais difíceis de conseguir. Não é, porém, uma artista completa por enquanto. Por isso é que, se bem que esteja de pleno acôrdo em exaltar a sua atuação, na curta série de espetáculos a que assistimos, entendo que ela poderia esperar um pouco mais pela consagração, pois, a meu ver, algumas de suas colegas são mais habilitadas a essa distinção especial.

Também recebeu um prêmio a bailarina Tamara Capeller. Quanto a essa escolha, tenho o maior prazer em juntar os meus arlaustos aos da comissão.

Berta Rosanova mereceu também um voto, porém Edith e Tamara foram as únicas agraciadas.

O último espetáculo da temporada consistiu de uma repetição do "Clair de Lune", que já tinha sido apresentada na primeira recita, o 2.º Concerto de Saint Saens, e o bailado "Contes du Bouffon", uma série de canções russas habilmente orquestradas pelo maestro Francisco Mignone.

O 2.º Concerto de Saint Saens foi talvez o ponto mais alto da noite. Nele Schwesoff deu liberdade à sua imaginação e, baseado simplesmente nas sugestões da música, criou uma coreografia rica em feitos plásticos, especialmente no primeiro movimento, na minha opinião superior aos outros dois, também muito interessantes, porém menos sugestivos.

Sobretudo no segundo movimento, sobressaíram Nathaniel Stoudenmire e Julia Horwarth.

"Contes du Bouffon" é uma alegre história de camponeses russos, cheia de vivacidade. Amalia Lozano e Wilson Morelli se destacaram.

Além dos três "ballets", houve um pequeno "Divertissement", com trechos de outros bailados.

Maryla Gremo e Wilson Morelli dançaram a "Valsa" de Chopin.

Carlos Leite enfrentou uma comparação com Nathaniel Stoudenmire, com uma nova versão da dança da fita dançada pelo americano na "Papoula Vermelha".

Repetiu-se o excelente "pas de quatre" do "Lago dos Cisnes" e o adágio do mesmo bailado, onde Julia Horwarth teve o seu maior sucesso, sendo muito aplaudida. Graça e precisão de movimentos caracterizam-na, não lhe faltando sequer aquela elegância e aquele porte imprescindíveis para o papel.

A Temporada que agora se encerra só pode ser louvada, pelo alto nível que atingiu, pela qualidade das obras apresentadas e sobretudo pela direção segura de Igor Schwesoff, que, nos poucos meses que teve para organizá-la, conseguiu fazer muito mais do que se poderia esperar.

Roberto Lyra Filho

JULIA HORWARTH, que a crítica consagrou como um dos elementos mais valiosos da Temporada de Bailados.



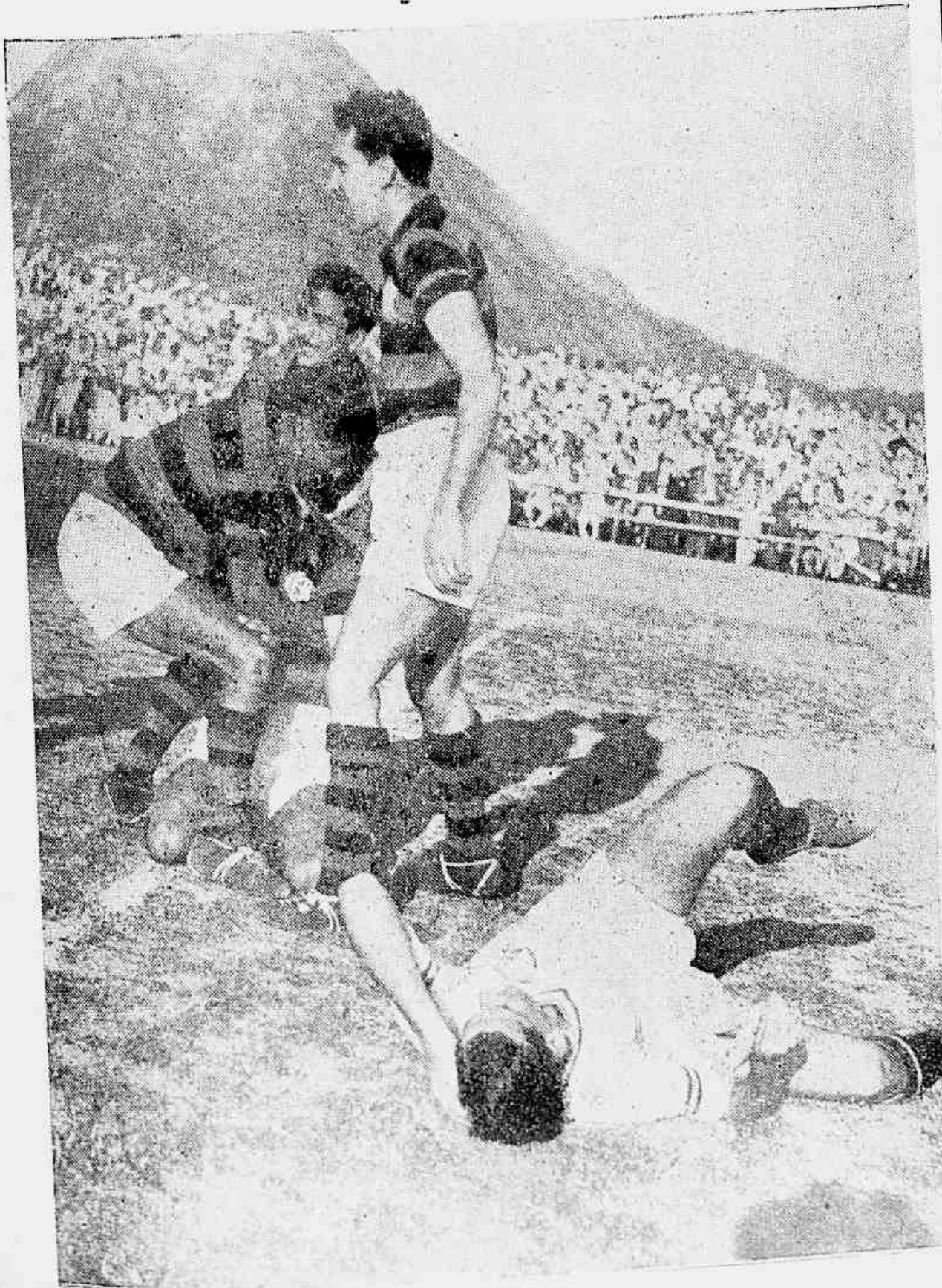
ESPORTES

O ESPORTE SUBVENCIONADO PELAS APOSTAS

Vamos apreciar a questão das apostas em um país europeu, no que diz respeito ao futebol, aproveitando a oportunidade sugerida pela sensacional aposta que dois torcedores fizeram sobre a renda do jogo Bonsucesso x Botafogo, fixando o prêmio em dez mil cruzeiros. Um dos apostadores, que tinha fixado em 28 mil cruzeiros a renda do citado choque, soube, no controle das bilheterias, que as mesmas tinham, apenas, arrecadado 22 mil cruzeiros. Ele resolveu comprar seis mil cruzeiros de entradas, e ganhou na aposta 4 mil cruzeiros. Na Suécia isto não teria acontecido. As apostas de futebol, como agora no Brasil, representavam uma autêntica febre. Ora, o governo sueco, há onze anos, decidiu não aplacar essa febre, mas aproveitá-la, estabelecendo o monopólio das apostas. O governo da Suécia conseguiu arrecadar com as apostas de futebol, desde 1934, mais de 200 milhões de coroas, tendo sido a metade distribuída entre os apostadores premiados. A máxima parte dos rendimentos do monopólio das apostas destinava-se a fomentar os desportos e divertimentos públicos. Assim são subsidiados campos de jogos, piscinas, pistas para saltos de "sky" e de patinagem, clubes navais e cursos de instrutores. Não faltou, também, arrimo aos escoteiros, bem como a diversos organismos, visando o desenvolvimento da vida ao ar livre. Ao todo o Estado Sueco distribuiu mais de 170 milhões de cruzeiros de fundos procedentes de monopólios de apostas. Tivemos a oportunidade de contar tudo isto ao vice-presidente da Confederação Brasileira de Desportos, sr. Luiz Galotti, numa viagem de lotação para a cidade. Sugerimos o aproveitamento da febre de apostas por parte do C. N. D., como fonte de receita para a subvenção de todos os esportes no território nacional. O exemplo da Suécia é frisante. Todos apostam em futebol. Aproveitemos essa boa vontade, para acabar com o maior obstáculo ao desenvolvimento esportivo: a falta de verba.

Levy Kleiman

Assim é o esporte no Brasil: tourada, etc. Falta de fiscalização acarreta brigas por causa de um "foul" ou de uma aposta. Este belo espetáculo tanto pode ser observado no gramado quanto nas arquibancadas.



PÍLULAS DE BRISTOL

Estimulam suavemente os intestinos e eliminam os resíduos e toxinas.

Vegetais e açucaradas

HMB

2

VINHO DA MADEIRA

Meio Doce

H.M. BORGES, SUCCS. LTDA

Estabelecidos desde 1872 - Rua da Madeira

HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS

Pilulas de Herva de Bicho

compostas misturadas

LIC. 3.518

14-3-925-D.N.S.P.

DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use **AURIS-SEDINA**

Feliz descoberta

ANTISARDINA

creme miraculoso

LABORATORIO ANTISARDINA

Caixa Postal, 80

CURITIBA - PARANÁ

Senhores:

Em signal de gratidão pelos benefícios que obtive com o uso de **ANTISARDINA**, — o creme miraculoso para o tratamento da pele, unico que produz os efeitos que anuncia; ofereço-vos uma fotografia em homenagem a **ANTISARDINA** que é a mais feliz descoberta para o embelezamento da cutis.

Respeitosos cumprimentos

(a.) Ivonete Jacyra Nascimento

(Firma reconhecida)

SIC TRANSIT

(Continuação da pág. 39)

os outros lentes ficavam doentes, os outros iam achar esquisito que assim procedessem agora.

Também, que alívio no dia em que d. Marcolina, de olhos brilhantes e voz embargada pela emoção, entrou na classe contando:

— Graças a Deus, está em franca convalescença!

A gritaria foi tamanha que o diretor veio correndo do fundo do corredor e passou um pito tremendo na classe toda.

— Agora precisamos fazer alguma coisa para mostrar que estivemos inquietas. Coitado! Com certeza nem teve ninguém da família para tratá-lo.

— Se mandássemos uma flores? — alvitrou Verônica.

— Ótimo!

— Melhor seria se uma comissão de

alunas fosse fazer a visita levando as flores.

— Você está louca, Maria Antônia? Afinal de contas, você sabe muito bem o que é.

— O que é? Nenhum bicho-papão para nos comer, d. Eugênia. Não é uma só que vai: vão seis pelo menos.

— Mas a gente pode encontrar lá uma mulher qualquer... Você compreende, é boêmio... E com que cara ficamos?

— Com a cara de sempre. Todo dia na rua você está acotovelando mulheres dessas, Eugênia, e tem medo de ficar com uma delas cinco minutos?

— Não é bem medo, é... é... repugnância.

— Que bobagem! Olhe, se uma dessas esteve tratando do Domingues, mostrou que tem muito mais coração, que vale muito mais do que toda a respeitável família dele, que com certeza nem se importaria se ele morresse abandonado. Eu,

nesse caso, me honraria de apertar a mão dela.

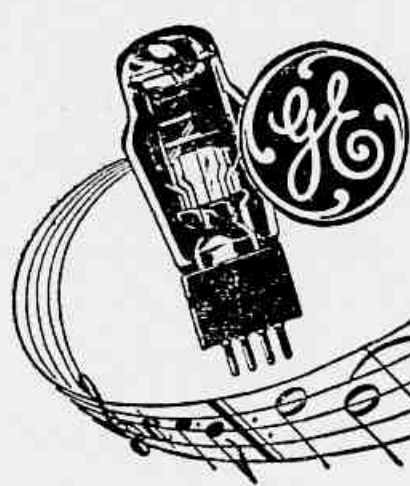
— Uma criatura de idéias elevadas, moderna, sem preconceitos, não tem medo de encontro nenhum.

Mariana venceu. Diante do argumento decisivo (todas elas se julgavam modernas, sem preconceitos, de idéias elevadas) as colegas se renderam e começaram a cogitar acerca de quem formaria a comissão.

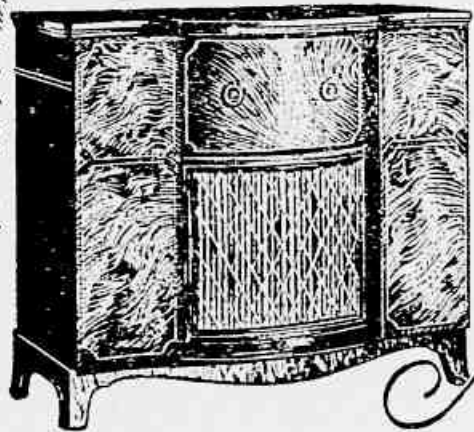
— Eu vou porque foi quem lembrou a visita — declarou Maria Antônia. — Eu, Mariana e Verônica devemos ir de qualquer jeito. As outras tiram a sorte.

A sorte designou Rosa, Conceição e a própria Eugênia, que, apesar de todas as repugnâncias, aceitou na mesma hora, bem decidida a nunca mencionar em casa tal visita.

— Talvez ele não receba vocês — alvitrou uma das sem sorte. — Talvez ele nem tenha ainda se levantado.



YVONNE DE CARLO, estrêla do tecnicolor de Walter Wanger para a Universal, "A IRRESISTÍVEL SALOMÉ"



Adeliciosa
YVONNE DE CARLO

candidata-se a um novo "Musaphonic" G-E Tom Natural

E não é de admirar... Porque o luxuoso rádio-fonógrafo "Musaphonic", da nova série de rádios Tom Natural General Electric, será um instrumento incomparável, que trará ao seu lar três mundos diferentes de delicioso entretenimento... Por um lado, o inesgotável tesouro da música gravada, o deleite inefável de sinfonias e óperas, o ritmo contagiante do samba, a suavidade cadenciada da canção mexicana, a volúpia do tango portenho, ou o louco estridido do jazz... Depois, ao simples girar de um botão, o "Musaphonic" G.E. lhe oferecerá o mundo infinito das ondas curtas, com as últimas e sensacionais notícias do momento internacional... E, naturalmente, V.S. poderá gozar, com pureza e clareza tonais jamais igualadas, divertidas comédias, dramas emocionantes e outros movimentados programas de sabor local, transmitidos pelas emissoras nacionais de ondas longas. E tudo com tanto realismo e fidelidade que cada som,

cada nota, cada instrumento musical soará aos seus ouvidos com a palpitante emoção da realidade. Por fim, a insuperável qualidade técnica do "Musaphonic" G.E. terá a realçar a elegância do móvel artisticamente produzido pelos nossos mestres artífices, de acordo com os gostos do público latino-americano, evidenciados pelos resultados de uma recente investigação realizada pela General Electric.

Assim como a deliciosa Yvonne de Carlo, V.S. apreciará no "Musaphonic" Tom Natural G.E. um instrumento maravilhoso, pelo qual vale a pena esperar e cuja propriedade lhe produzirá legítimo orgulho.

Ouça "BAZAR FEMININO" com Helena B. Sangirardi, todas as quartas-feiras às 16 horas pela PRE-S, Rádio Nacional, 930 kc.

MELHORAMENTOS COMPROVADOS NA FRENTE DE BATALHA

Foi a General Electric que fabricou a maior quantidade de aparelhos de rádio para uso bélico. Os melhoramentos obtidos com esta experiência contribuíram para fazer do seu novo rádio G.E. o melhor que V.S. jamais possuirá.

MUSAPHONIC DE LUXO
Musaphonic
GENERAL ELECTRIC



Construção à prova de CLIMA TROPICAL

No Câmara Higroscópica G.E., os receptores e as partes que os compõem são submetidos a uma atmosfera artificial mais rigorosa que a dos climas tropicais, trazendo constantes melhoramentos ao rádio General Electric.

Larga Tradição
de alta qualidade



Consagrado por uma preferência de meio século, graças à sua pureza e qualidade, o Sabonete de Reuter é o indicado para as epidermes mais delicadas. Isento de substâncias nocivas, o Sabonete de Reuter constitui um verdadeiro tratamento de beleza para a cutis, tornando-a macia e aveludada.

Sabonete de Reuter

I-A SR-3

A resposta de Maria Antônia foi superior a todas as insinuações da inveja:

— Ele é bastante educado para não nos fazer uma grosseria assim. Deve ficar satisfeito de ver que as alunas não o esqueceram. Nunca o julgarei capaz de uma falta de delicadeza.

O Domingues capaz de uma falta de delicadeza? Nunca! Todas protestaram. Porque uma pessoa é boêmio, há de ser sem educação ou há de ter todos os vícios? Absolutamente! Os boêmios, geralmente, são bem educados, generosos, não abertos, fiéis aos amigos, leais, têm, enfim, todas as qualidades — isto é: todas, todas, não porque então não seriam boêmios; mas uma boa quantidade delas.

As seis escolhidas passaram a noite sonhando com o apartamento do Domingues na avenida São João. Com certeza era todo atapeado, com móveis antigos, cheirando a couro da Rússia e a cigarros turcos.

— Deve ser bege e "bordeaux" — disse Rosa. — São as cores da moda em decorações.

Como apareceram elegantes no dia da visita! Cada qual levava pelo menos duas horas em frente ao espelho, arranjando

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem enver. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

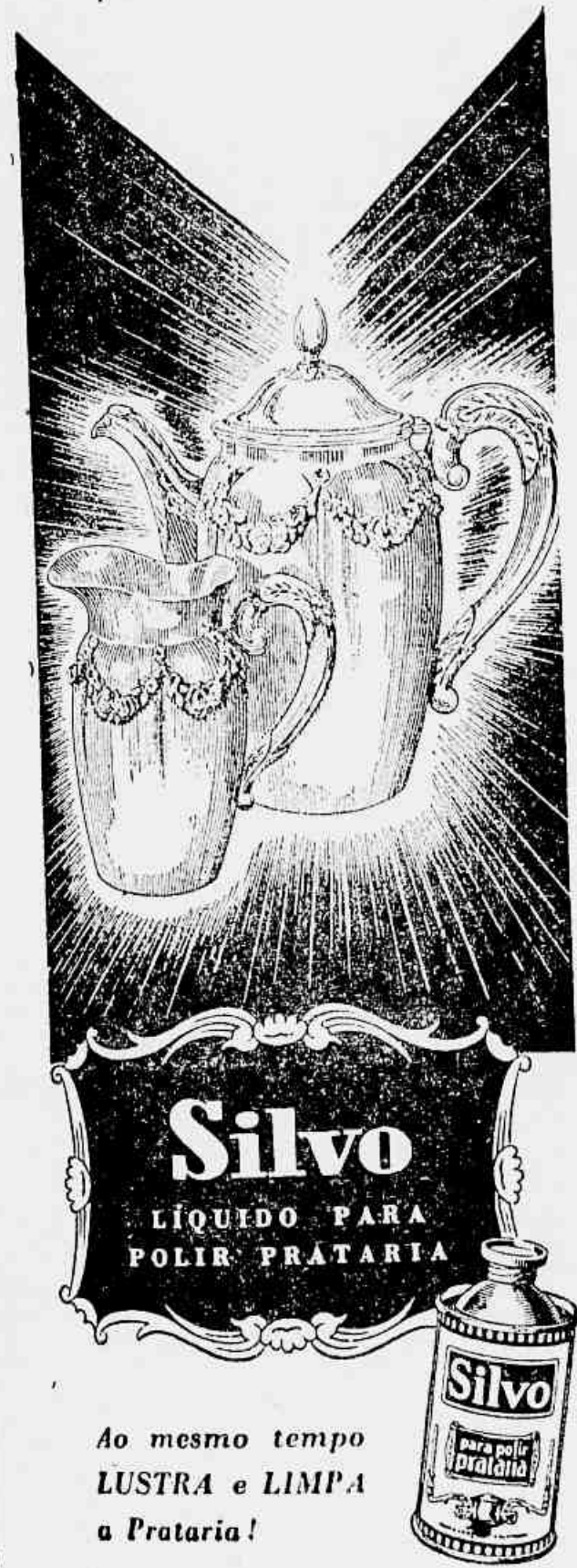
Agora já temos o creme de aliace ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resaca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Aliace permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele alva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Aliace "Brilhante". Experimente-o.

*Suas pratas
espelham
sua personalidade!*



— Criançal! Afí tem criança! — sussurrou Eugênia apavorada, arrependida de ter ido. — E ele não é casado!

Tôdas elas hesitavam, interditas, escutando aquêl chorinho fino. Uma criança no apartamento do prof. Domingues! Um bastardo! Um filho natural! Teriam coragem de afrontar tamanho horror? Sentiam tanta repugnância quanto se fôssem ver uma criança aleijada, um fenômeno de duas cabeças e três pernas.

— Entramos?

— Já estamos aqui...

Bateram de leve, a medo. De dentro, uma voz de mulher gritou:

— Antoninho, meu filho, vá abrir que mamãe está ocupada.

— Viu? Viu? — resmungou Eugênia.

— "Ela" está aí, e "êles" têm filhos!

Então um menino de cinco anos, limpinho, engraçadinho, abriu a porta.

— Que é? — perguntou como quem está acostumado a servir de porteiro.

Foi Maria Antônia a única que se conservou calma para responder:

— Papai está em casa, meu bem?

— Papai está doente, na cama. Mamãe, mamãe, tem uma porção de mças aqui!

A mãe logo apareceu.

— Ah! Devem ser alunas do José. Entrem, entrem, meninas. Meu marido, felizmente, já está melhor, mas não pode se levantar. Quanta bondade a sua, trazendo flôres tão bonitas!

A palavra "marido", até as mais tímidas se tranquilizaram. Quem é que podia duvidar da sinceridade, diante daquele rosto aberto, franco, no qual leves rugas perto dos olhos mostravam as conseqüências e trabalhos de mulher de professor? Além disso, lá estava eloquente a aliança na

mão esquerda. Não era possível haver dúvidas.

Lá dentro a criancinha continuava chorando.

— Antoninho, vá dar a chupeta a Maria Lucia e conte a papai que as alunas dêle... De que ano? Do quarto ano? Parabéns! As alunas dêle do quarto ano vieram visitá-lo e trazer-lhe flôres.

Após dois minutos de prosa, Mariana aventurou:

— Calcule a senhora que nos tinham dito que o prof. Domingues era solteiro, de modo que quando chegámos à porta, ouvindo choro de criança, ficámos sem saber se batíamos, com medo de nos terem dado enderêço errado.

— Que engraçado! Estamos casados há sete anos; Antoninho faz seis no mês que vem.

(Continua na pág. 53)



Regina

A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P.F.

o cabelo ou pintando cuidadosamente a face. Conceição, cujo pai não deixava que ela usasse nem "bâton" — que horror de homem! — almoçara em casa de Rosa para se preparar à vontade. Maria Antônia e Verônica levavam as flôres, dois enormes ramalhetes de rosas vermelhas.

Nessa manhã, ao perguntarem na portaria o enderêço do prof. Domingues, tinham tido uma surpresa: ele morava num prédio de apartamentos da rua Oriente. Mariana foi a mais espantada: e o apartamento suntuoso da avenida São João?

— Com certeza os gastos com a moléstia fizeram-no mudar para um mais barato.

Esta suposição consolou-as.

Ao chegarem à rua Oriente entreolhavam-se inquietas, diante da escadaria tenebrosa que levava ao quarto andar. Subiram afinal. A escada terminava diante de uma porta de madeira escura, na qual se destacava um cartão de visitas: "Prof. Dr. José da Rocha Domingues".

De trás da porta vinha um rumor suspiro de choro de criança.

SOFRE DO FÍGADO?

1ª PARTE

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARANIERIMA

O caso das mãos criminosas

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 17

Minutos depois chegavam a uma residência luxuosíssima. Ela não tocou a campainha. Enfiou uma chave na fechadura e entrou.

— Por aqui — disse, indicando uma porta ao fundo do hall.

Instalados no gabinete confortável, ela perguntou:

— Pode falar com franqueza: foi ele quem o mandou?

— Não sei a quem a senhora se refere.

— Então por que me seguiu? Não está vendo que sua história é inverossímil? Vamos, diga: foi ele? Não é preciso ter medo de falar. Ele não está aqui.

— Nada tenho a dizer.

Ela não insistiu. Foi até o cofre, tirou um masso de notas, depois de abri-lo com uma chave que trazia na bolsa, e jogou o dinheiro sobre a mesa.

— Isso não serve para persuadi-lo?

Gary compreendeu que se persistisse no seu mutismo perderia uma ótima oportunidade para ficar sabendo de tudo.

— Sim, foi ele quem me mandou — disse.

— Eu sabia! Eu sabia! — disse ela.

— E que quer de mim?

— Quero saber tudo. Quero que me diga tudo — começou ela. — Pagarei. E depois quero que continue a trabalhar para ele. E venha sempre me dizer tudo.

— Impossível!

— Quer mais dinheiro?

— Quero mais garantias.

— Que posso oferecer-lhe?

— Quero um contrato entre nós, assinado por ambos, em que a senhora dará todas as razões para essa combinação; explicará tudo.

— Mas se eu estou pagando para ocultar a verdade.



Suscite admiração

Que atinja o coração...

"Amor" é o tom

Ideal do seu Batom...

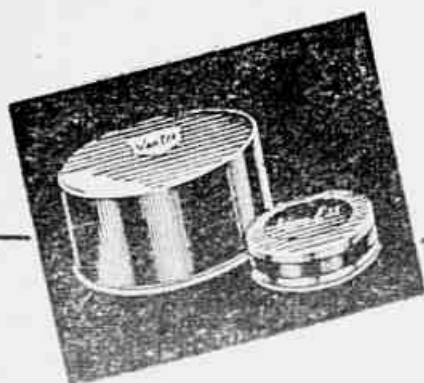
tonalidade sensacional... divina...
sem igual... a base exclusiva de
"creme veludo" desta famosa marca
norte-americana suaviza, protege
e embeleza os lábios.

Batom para os lábios

Van Ess

a famosa marca americana!

criação ao mesmo tempo da arte e da ciência!



★ Use também o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS, que tornarão irresistível a sua cutia.

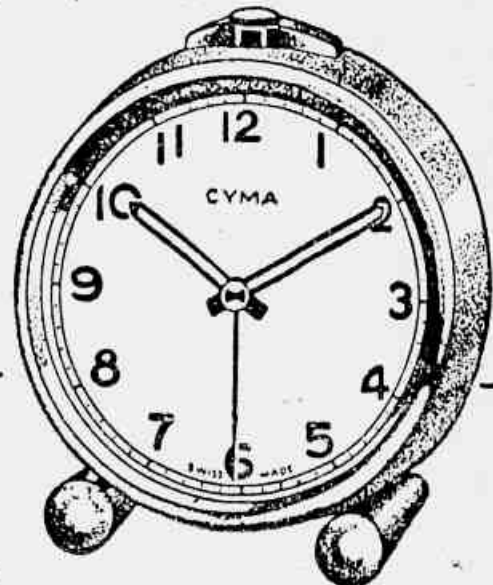
A GARANTIA CYMA

agora também em despertadores
DE PRECISÃO!



A marca CYMA acaba de aparecer também em despertadores! De funcionamento preciso, o despertador CYMA traz a garantia das longas pesquisas de técnicos experimentados, que apresentam esta nova obra-prima de relojoaria.

- ★ Montado em rubis, aumenta a durabilidade e garante um funcionamento preciso.
- ★ Uma só "corda" para propulsionar as horas e o despertador.
- ★ Construção simples e robusta, com "corda" de 40 horas.
- ★ Mostrador e aspecto geral de linhas modernas elegantíssimas, tornando-o precioso para presente.



CYMA • GARANTIA DE PONTUALIDADE

— Será um acordo secreto... e uma garantia. A senhora sabe como ele é temível.

Ela acreditava, com certeza, que ele fora mandado pelo chantagista para segui-la, para descobrir o que ela estava fazendo para aterrorizá-la.

— Que pretende ele?

— Lucros.

— Dinheiro?

— Talvez. Não sei.

— Que diz ele?

— Que tem o trunfo na mão. Que sabe de tudo e pode agir a qualquer momento se a senhora se recusar a obedecer.

— Só isso?

— Por enquanto.

— Não me amedronta.

— Tanto melhor.

SAGRAMOR, REPORTER EM NOVA YORK

Continuação da pág. 19

cidra. Ali é a horta da Vitória. Na frente e dos lados o jardim, cheio de roseiras. Atrás, veja estes retratos: o galinheiro. Tenho uma grande criação de galinhas.

— Gosta disso? — E' o seu passatempo?

— Passatempo? Não! Eu gosto, sim, mas vendo grande quantidade de ovos todos os dias!

Não posso deixar de sorrir. Sonny Tufts vendendo ovos... E lembro-me do sítio de Anita Spá, da Rádio Mayrink Veiga, e dos ovos que de lá chegavam todas as segundas-feiras...

E' tarde e a entrevista acaba. Encontro o Central Park, uma das maravilhas da cidade, à frente do hotel. Penso: "Por isso que eu gosto da vida simples, tal qual Deus quis fazê-la um dia, de novo". Um "astro" famoso — ganhando fortunas, estudando "scripts" românticos — criando galinhas e vendendo ovos...

VINOVITA



TONIFICA O SANGUE **ESTIMULA O CEREBRO** **DA ENERGIA AOS MUSCULOS**

— Como vamos nos comunicar?
— A senhora não esqueceu o acôrdo?
— Lógico que não.
— Quando vai redigí-lo?
— Agora mesmo.
Ela tomou uma folha de papel e uma caneta.
— Aqui está — disse, depois de terminar. — Assine.
Ele leu:
— Eu, Maria String, comprometo-me a pagar ao sr. (havia um espaço em branco) a quantia de mil libras por mês, para que me mantenha informada a respeito de Stratford Eyerth e seus desígnios. — Maria String.
— E a confissão?
— Como garantia, isso já basta. Suspeito que o senhor sabe menos do que diz e quer descobrir os fatos por esse meio.
— Mas...
— Esse documento é suficiente.
Gary pensou que seria mais prudente concordar. Assinou.

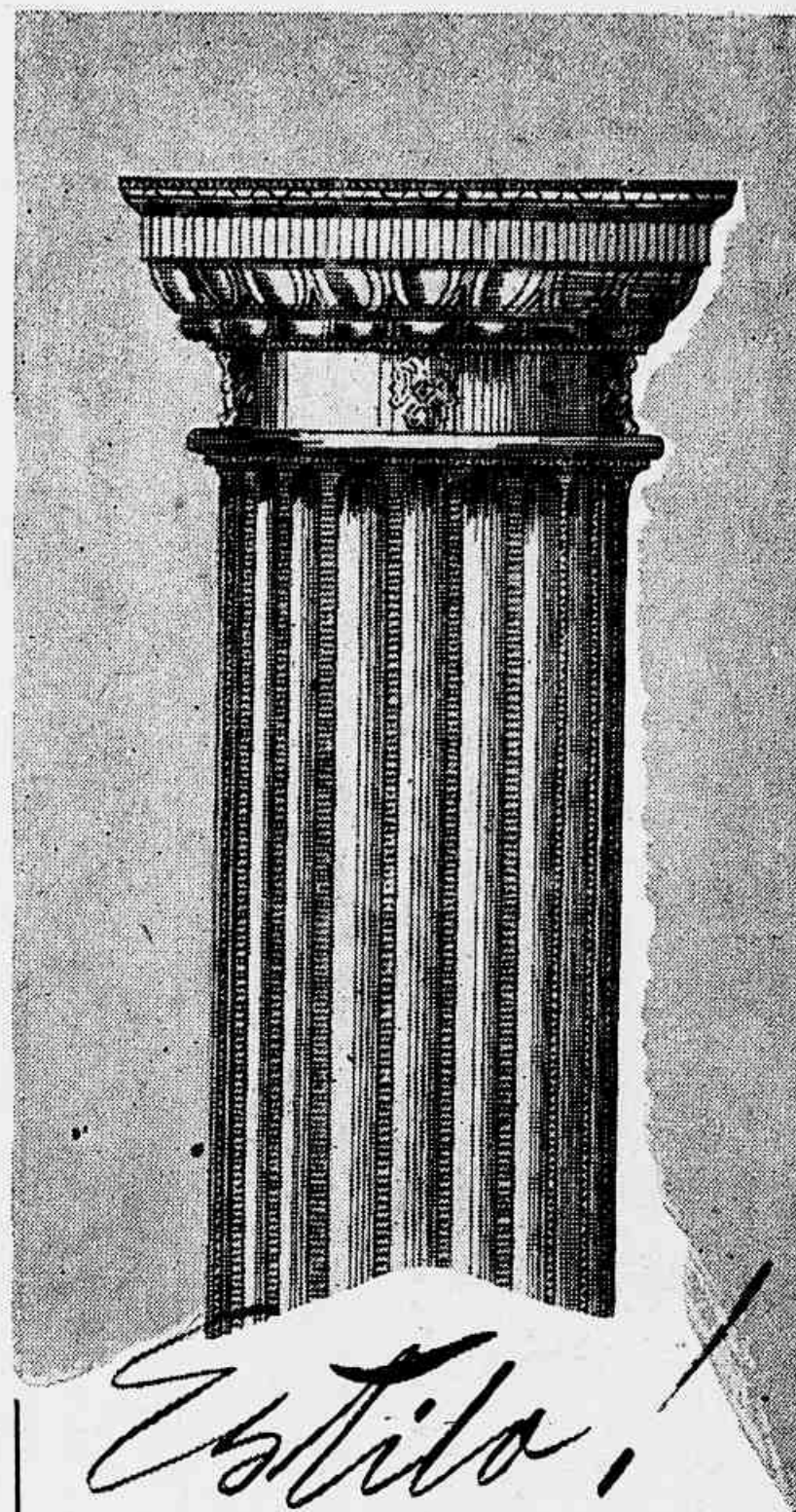
— Pode ir.
— Mas...
— Já tenho o que necessitava. E lembre-se: se falar não ganhara mais nada. Espero-o aqui, amanhã à noite, às nove horas. Agora, pode ir.
Gary não teve outro remédio senão obedecer.
Notou que um mordomo abria-lhe a porta, ao sair.
A noite estava escura. Gary ia meditando sobre o caso, quando sentiu que alguém o observava. Meio oculto pelas árvores que havia nas calçadas, ele notou a silhueta de um homem. Parou, hesitante. Mas resolveu que era mais prudente retirar-se.

No dia seguinte pela manhã Gary recebeu uma visita matutina. Mal acordara foi surpreendido pelo criado, que disse:

— Há uma pessoa aí em baixo que quer falar com o senhor.
— Quem será?
— Creio que... creio que é da polícia — disse o criado, amedrontado.
— Da polícia?
Imediatamente ele se lembrou da mulher misteriosa da véspera. Dissipada a primeira surpresa diante da notícia, ele raciocinou: "E' lógico. Procuram-na. Descobriram que eu estive com ela. Está vigiada. Querem informações."
— Esse homem está só?
— Não, senhor. Vem com uma mulher.
— Hum...
— "Prenderam-na, com certeza. Querem meu testemunho. Mas por que trazê-la até aqui?"
— Bem. Diga a ele que eu desço já.
— Sim, senhor.

— Sr. Gary Martin?
— Sim.
O policial virou-se para a mulher. Era Maria String.
— E' este?
Ela confirmou:
— Ele mesmo.
— Queira ter a bondade de acompanhar-me.
Gary espantou-se. Mas o que querem comigo?
— O senhor está preso.
— Como?!

— ...E o acusado, sr. delegado, foi à minha casa. Encontrei-o na rua, como disse, e ele revelou-se agente de



Como esta coluna grega obedece ao seu estilo dórico, MÓVEIS SUPREMA segue com toda a perfeição as exigências de cada estilo na execução dos seus móveis.

Técnicos especializados estudam com dedicação a decoração de seu lar, proporcionando-lhe o maior conforto e dão ao seu ambiente o máximo de beleza.

Exposição e vendas
CATETE 103-105
Tel. 25-3173

A Suprema móveis

Meyer. Imediatamente tratei de segurá-lo com uma promessa qualquer. Ofereci dinheiro e ele aceitou. Naturalmente, não me deu informações a respeito. Mas assinou uma verdadeira confissão quando subscreveu o documento que eu lhe dei. Não é difícil provar que Stratford Eyerth é Kurt Meyer, agente nazista. Está, portanto, estabelecida a ligação entre esses dois facinorosos.

— Congratulo-a pela sua brilhante atuação nesse caso, miss String. Estávamos querendo há muito tempo descobrir quem era o homem que se encarregava de fazer os trabalhinhos cacetes que Meyer não tinha tempo para tratar.

No mesmo dia, duas horas mais tarde, o delegado conversava com o chefe de polícia.

— Não há dúvida que foi um bom trabalho, senhor delegado, porém uma coisa me preocupa. Por que esse

(Continua na pág. 49)

Em São Paulo...
é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil
Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

CREME DENTAL
ATLAS

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 43 — 2ª Lda



MALTOGENO
"Granado"

Medicação
tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



T. TARQUINO

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

Moças e senhoras "chics"



A "Depilina Sarah" destrói os cabelos supérfluos em qualquer parte do corpo que se deseje. Maravilhoso invento norte-americano de fácil aplicação. Faça seu pedido a F. S. NEVES - Caixa Postal 2298 - Rio de Janeiro. Cr\$ 20,00 em valor declarado ou pelo Serviço de Remessa.

embolso Postal. A venda nas Perfumarias, Drogarias e Farmácias do Brasil.

*Uma joia no
tocado*



Faça de sua beleza um desafio ao tempo! Conserve a formosura e o esplendor dos seus cabelos! Ondulados ou lisos, louros, castanhos ou pretos, proteja-os sempre com o famoso Tônico Oriental. Revigora, amacia, evita a queda e prolonga a vida dos cabelos. É delicadamente perfumado.

**Tônico
ORIENTAL**

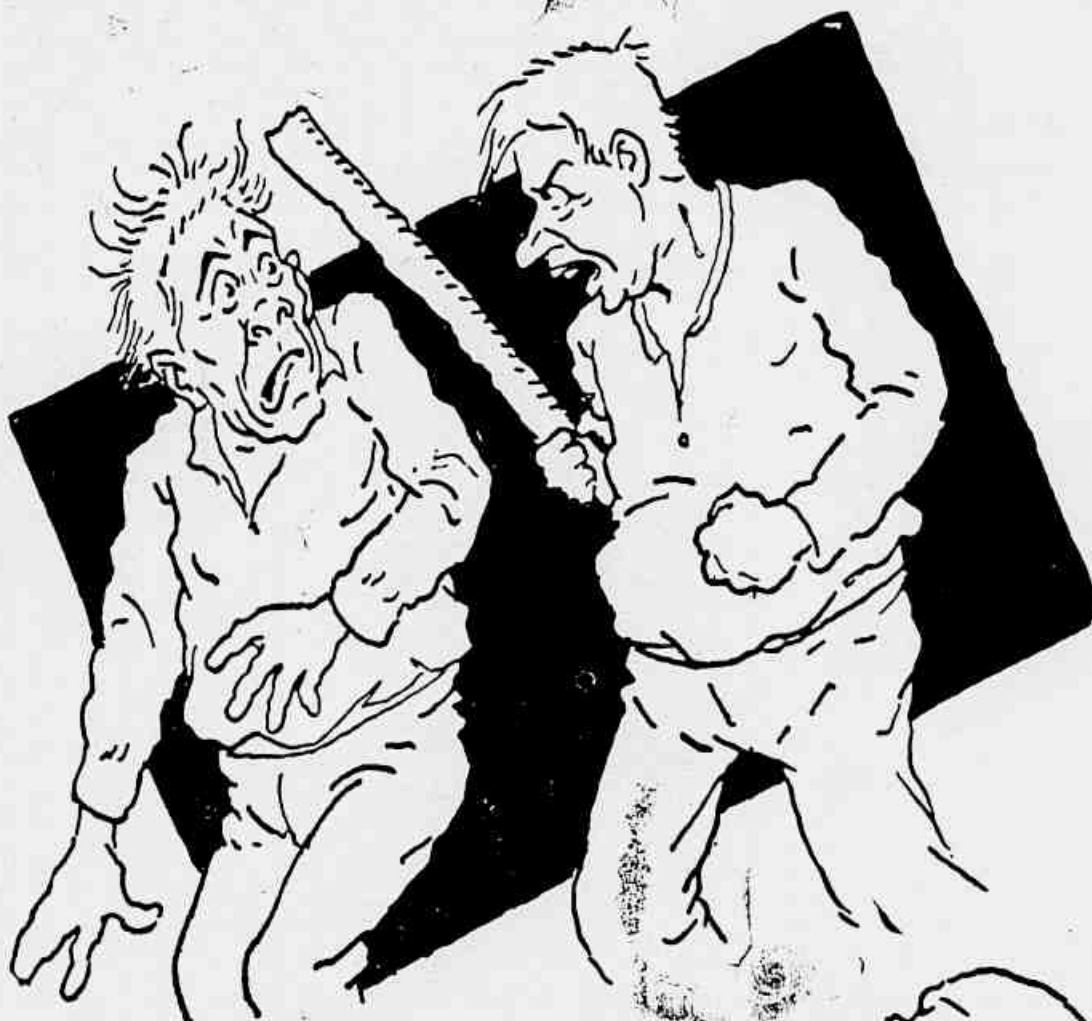
Nômes impróprios



Jacinto Leite.



Aquino Pinho.



Armândo Guerra.



Conchita Casimira.



Agat Romêu.



Esther Lina.



Abel Prazêr.



Heliobrândo.

CABELOS BRANCOS? LOÇÃO Brilhante

Machado de Assis e a crônica...

(Continuação da página 15)

Niterói não pede nada, olha, escuta, vai para a barca, se tem cá o emprego se o tem lá mesmo, vai ver chegar ou sair a barca. Vê sempre alguma cousa, outrora as lanchas, — depois as barcas. Pobre suburbio da velha Côrte, não tens força para reagir contra a descapitalização; não representas, não reaesquisas. Vai para a galeria da assembléa ouvir as razões com que te tiram o chapéu da cabeça não indagues se são boas ou más. São razões.

Vale-lhe uma cousa: não está só. O Estado de Minas Geraes, que desde o tempo do imperio já sonhava com outra capital, põe mãos à obra devéras, mandando fazer uma capital nova. Já aí saiu uma comissão em busca de território e clima adequados. Ouro Preto tem de ceder. Dizem que lhe custa mas o que é que não custa? Quanto à capital da Republica, é materia constitucional, e a comissão encarregada de escolher de delimitar a area já concluiu os seus trabalhos, ou está prestes a fazê-lo, segundo li esta mesma semana. Telegrama de Uberaba diz que ali chegou o chefe, Luiz Cruls.

Não ha dúvida que uma capital é obra dos tempos, filha da história. A história e os tempos se encarregarão de consagrar as novas. A cidade que já estiver feita, como no Estado do Rio, é de esperar que se desenvolva com a capitalização. As novas devemos esperar que serão habitadas logo que sejam habitaveis. O resto virá com os anos.

Entretanto, os donativos e ofertas por parte de algumas cidades fluminenses mostram bem que nem as cidades querem andar na turba-mul-ta, por mais que a produção e a riqueza as distingam. Tudo vale muito mas não vale tudo, antes da coroa da ministrativa. Datar as leis de Campos é dar o comando a Campos data-las de Vassouras é da-lo a Vassouras e nada

O caso das mãos criminosas

(Continuação da pág. 47)

homem se deixou envolver numa armadilha tão fácil de descobrir?

— Querendo apanhar esse cúmplice inglês do agente nazista, nós tratámos de preparar uma boa isca. Miss String, uma agente secreta efficientissima, tratou de frequentar um café onde dizia-se que Meyer se encontrava com seu cúmplice. Nada era possível provar. Miss String entretanto conseguiu atrair a atenção de vários indivíduos suspeitos, e fazer com que a seguissem. Depois investigou cada um para saber se poderia ser ele. Gary não tardou em revelar-se.

★

Apesar de seus protestos de inocência, de acôrdo com a prova acumulada contra ele, Gary foi sentenciado a prisão perpétua. Ainda continua apelando para todos os tribunais. Desta vez, ao que parece, ele vai cumprir o seu compromisso consigo mesmo de nunca mais dar atenção aos seus palpites. E assim ficou encerrado este caso, que foi chamado "Das Mãos Criminosas" só para atrair a atenção do leitor, pois antes de começá-lo o autor já sabia que as mãos eram más do que inocentes: eram oficiais, legais e... implacáveis.

vale o comando, nem a propria san-tidade.

A capital da Republica, uma vez estabelecida, receberá um nome devéras, em vez deste que ora temos, méro qualificativo. Não sei se viverei até à inauguração. A vida é tão curta, a morte tão incerta, que a inauguração póde fazer-se sem mim, e tão certo é o esquecimento, que nem darão pela minha falta. Mas, se viver, lá irei passar algumas ferias, como os de lá virão aqui passar outras. Os cariocas ficarão sempre com a baía, a esquadra, os arsenaes, os teatros, os bailes, a rua do Ouvidor, os jornais, os bancos, a praça do comercio, as corridas de cavalos, tanto nos circos, como nos balcões de algumas casas cá em baixo, os monumentos, a companhia lirica, os velhos templos, os rabequistas, os pianistas.

Ponhamos também os melhoramentos projetados na cidade. São muitos, e creio haver boa resolução de levar a obra ao cabo. Oxalá não desanimem os poderes do municipio. Também ficaremos com os processos de toda a sorte, as sociedades sem cabeça e as sociedades de duas cabeças, como a Colonizadora, imitação da aguiá aus-

triaca. Aqui ficará o grande banco. A mesma ponte truncada da baía, que o mar começou a comer, e as montanhas russas inacabadas da Gloria também ficarão aqui, tão inacabadas e tão truncadas como podemos pedi-lo aos deuses.

Perderemos, é certo, o Supremo Tribunal de Justiça; mas, tendo a camara

Os Disturbios Glandulares na Mulher e o seu Tratamento Moderno

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que enco-traram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher.

Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares pouco abundantes ou excessivas, como também é emprega-

do com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade critica (menopausa). Seu uso proporciona logo as primeiras drageas aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral. PANSEXOL "F" MININO encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmacias.

Fórmula do Prof. AUSTREGÉSILO
Remetemos, pelo Reembolso postal
Cr\$ 25,00 o vidro
Produtos Panvital - Rua da Estrela, 8
RIO DE JANEIRO



NÃO É BELEZA!

— é apenas *Beleza de Máscara!*

QUE É BELEZA-DE-MÁSCARA? É essa falsa aparência de beleza conseguida com os recursos de um "maquillage" excessivo, com o fim de ocultar ou disfarçar imperfeições da cutis. Além de artificial e efêmera, essa "Beleza-de-Máscara" constitui perigo para a vital respiração da pele.

PARA EVITÁ-LA, NÃO OCULTE, NÃO DISFARCE! CORRIJA AS IMPERFEIÇÕES COM LEITE DE COLÔNIA!

É inadiável que, neste momento, você consulte seu espelho... Mas, não para um colóquio superficial! Não! Mire-se nele como quem procura a verdade! E, se imperfeições aparecerem, você só tem dois caminhos - o errado e o certo! O errado é cair no perigo da "Beleza-de-Máscara", pretendendo ocultar

ou disfarçar rugas, sardas, cravos, espinhas e manchas. O certo é seguir este método fácil, simples e prático-corrigir as imperfeições, eliminando-as. O certo, é recorrer ao Leite de Colônia, que limpa, alveja e amacia a pele, tornando-a suave, aveludada e dando-lhe uma beleza real!



ÉIS O FACIL TRATAMENTO
DIÁRIO PARA SUA PELE!

Use Leite de Colônia pela manhã e durante o dia como base para pó. A noite, para tirar o "maquillage" e limpar a pele. Use-o igualmente para proteger sua cutis contra os efeitos do sol.

Leite de Colonia

LIMPA, ALVEJA E AMACIA A PELE!



J. W. T.



Mesa do dr. Benjamin Constant

NOITE ATLANTICA

A "boîte" do Atlântico continua a ser o ponto preferido da alta sociedade carioca. Por uma porção de motivos que se resumiram num só: o "grill" verde-ouro e infinitamente simpático. Tem um jeito de intimidade gentil, como se fôsse uma casa amiga recebendo para uma festa. E que festa! Trio Mixteco com a graciosa Carmen Molina; Yolanda Varga, cantando amores e ciúmes; Quatro Ases e Um Coringa, o conjunto cem por cento perfeito; as Irmãs Aragon, bailarinas espanholas que veem atuando com grande sucesso. E' a noite atlântica. A suavíssima noite da "boîte" do Pôsto Seis, a "boîte" que reúne tôdas as noites a alta sociedade carioca.

Mesa do dr. Castro Araujo e a Baronesa Lacerda



Mesa do dr. Plinio Uchôa



JUSTINO — Ela, dona D., não podia imaginar uma coisa dessas! Ela parece mesmo uma moedinha, não é, dona Josefa? E' por causa de ser magrinha. Viu como é negócio a gente ser fininha, ser elegante?

ZÉ PEDRO — Olho aqui, rapaz...

ALZIRA — Bom... vamos deixar a conversa para depois. O altar já está armado. Agora vamos colocar as flores. Vamos. "Seu" Justino, o senhor pode ir vendo o serviço lá dentro.

JOSEFA — E' isso mesmo. Já são cinco horas e é preciso não esquecer que o casamento é amanhã. E logo cedo a Regina, o doutor Luiz e a Luízinha estão aí.

JUSTINO — Bem... com licença.

(Passos)

ZÉ PEDRO — A senhora é sempre camarada, hein, tia Alzira?

ALZIRA — Eu? Por que?

ZÉ PEDRO — Deu um jeitinho p'ra esse mulato sestroso dar o fora... a senhora fez muito bem... porque... se a coisa demorasse um pouco mais eu metia o braço nele...

(Música)

LUÍZ — Você é maravilhosa, Regina! Como educou a nossa filha! Você fez da Luízinha uma mulher completa. E como é bonita a sua casa! Você é uma criatura estupenda, minha Regina!

REGINA — Todos os meus sacrifícios estão regamente pagos por este momento. Você ao meu lado, minha filha que se vai casar, o Geraldo... Oh, meu Deus! Bendito seja o sofrimento quando o seu caminho, negro e áspero, nos leva às regiões claras de uma alegria, como a que eu sinto nesta hora de felicidade tão profunda e tão serena!

(Música)

(Ruído de automóvel)

GERALDO — Então, André? Emocionado?

ANDRÉ — Bastante, meu pai. Já estamos quase em S. Vicente.

GERALDO — Você está um noivo elegantíssimo. E eu estou um pai orgulhosíssimo de seu filho.

ANDRÉ — Eu só estou imaginando a minha Sereia como deve estar maravilhosa no seu vestido de noiva!

(Música)

JOSEFA — Fique quieta, Luízinha. Será possível que nem na hora do casamento esta menina não tenha sossego? Assim eu não posso pregar o véu. Vire para o lado. Assim. Agora este raminho, e pronto.

ALZIRA — Não esqueça a Luízinha! Está linda! O meu nota vai lá, no delantão na hora que a Luízinha aparecer...

(Batidas na porta)

REGINA (fora) — Vamos, Luízinha. O Geraldo e o André já estão aí. Pode-se entrar?

LUÍZINHA — Abra a porta, Josefa.

JOSEFA — Esperem. Eu já vou abrir.

(Passos e porta abre)

ANDRÉ — Luízinha. Como você está linda! Minha Sereia!

LUÍZINHA — Meu Netuno, meu querido, meu amor!

JOSEFA — Mas o que é isto, Luízinha? Você está amarelotando o véu. Deixem os abraços para depois.

LUÍZ — Ora, Josefa. Não reclame. Venha cá, minha filha. Agora quem a quer abraçar sou eu. Minha filha! Minha filha!

LUÍZINHA — Meu prazinho do coração!

GERALDO — Mas o que é isto? Eu também quero abraçar a noiva.

LUÍZINHA — Tio Geraldo. Irmão de minha mãe e pai de meu André!

(Música: marcha nupcial)

ANDRÉ — Como a senhora está pálida. O seu braço está tremendo. Que tem a senhora?

ALZIRA — E' que o meu coração está indeciso.

ANDRÉ — Indeciso? Por que?

ALZIRA — Entre a alegria desta hora e a lembrança de minha filha, que não experimentou nunca esta alegria. Perdoe estas idéias tristes, na hora de seu casamento, sim, André?

ANDRÉ — Eu já disse que a senhora é a minha segunda mãe. E às mães tudo se deve perdoar!

(Transição musical sempre com a marcha nupcial)

REGINA — Lá está a nossa filha diante do altar. Chegamos mais perto, Luiz. Assim, apoiada no seu braço, eu tenho a impressão de que nos casamos hoje também!

LUÍZ — Sim, Regina. E este é que é o nosso verdadeiro, o nosso legítimo casamento...

REGINA — As núpcias da minha e da sua alma.

LUÍZ — A minha alma liberta, e espiritualizada, na mais gloriosa das ressurreições!

(Sebe a marcha nupcial; fusão com música para encerrar o último capítulo de "Ressurreição")

— F I M —

que me fará infinitamente feliz se me der a sua absolvição, absolva essa que só mesmo a mãe de Zé Pedro me poderia dar.

ALZIRA — Sim, doutor Geraldo. Minha filha teve pelo senhor um amor tão grande que eu me sinto obrigada a o estimar também. Eu não posso odiar uma pessoa que a minha filha tanto amou.

GERALDO — Obrigado. Muito obrigado. Eu nem sei como é que o meu coração pode conter uma emoção tamanha!

ANDRÉ — Seu coração vai precisar conter uma emoção bem maior, meu pai. Prepare-o para receber uma notícia maravilhosa. Prepare-se, meu pai. Eu vou lhe revelar uma dessas coisas incríveis que a vida às vezes se compraz em realizar. O senhor sabe quem é a mãe de Luízinha? Quem é a mãe de minha namorada? Oh, meu pai! Eu tenho até receio de lhe dar essa notícia. O senhor vai ter uma dessas alegrias que podem matar.

GERALDO — Eu sei, André. O meu coração já me avisara. Oh, meu Deus!... E Regina, é a minha irmã, não é?

ANDRÉ — Isto mesmo, meu pai. Mas o senhor já sabia?

GERALDO — Desde que vi aquele instantâneo que você esqueceu dentro do meu carro, eu desconfiei... ela é parecidíssima com a Regina. Mas não percam tempo. Agora que eu tenho a certeza, eu quero ver a Regina, eu preciso, quanto antes, ir procurar minha irmã. E é preciso dizer tudo ao Luiz. Aquêle idiota. Então ele não reconheceu a sua mulher? Mas... ela não está deformada? Em suas cartas ele me diz que ela é linda... como se explica isso? Conte-me tudo, André. Vamos. Fale. Conte-me tudo de uma vez... Fale, André!

ANDRÉ — Meu pai... eu estou esperando... para poder falar...

GERALDO — Ah, é verdade. Eu, eu estou falando o tempo todo, não é? Oh, meu Deus! Mas é que... eu, eu tenho a impressão de que enlouqueço de alegria. Você não acha que eu tenho razão? Minha irmãzinha querida! Mas como foi que ela conseguiu iludir o Luiz? Conte, André. Vamos! Conte tudo de uma vez!

ALZIRA — Doutor Geraldo. O senhor me deixa falar?

GERALDO — Como? Ah, sim. Fale, dona Alzira.

ALZIRA — Sua irmã quando fugiu foi para S. Vicente. Escondeu-se na colônia de pescadores, bem longe de todos os olhares, numa casinha bem retirada. E foi lá que nasceu a Luízinha. A Josefa e o Zé Pedro se casaram e ficaram a vida inteira com ela. Tempos depois a dona Heloisa...

GERALDO — Heloisa? Quem é?

ALZIRA — Heloisa foi o nome que ela usou para não ser reconhecida. Mas, como eu ia dizendo, tempos depois ela resolveu se operar com um médico estrangeiro que esteve em S. Paulo, e que fazia verdadeiros milagres no rosto das pessoas. E foi aí que ela ficou completamente mudada e com feições de chinesa, mas uma chinesa linda, com aqueles olhos verdes repuxados para o lado, mas tão

estranha que até parecia uma estranha. A pele, de tão branca, ficou igual a uma camélia. O cabelo já era lúcio, negro e cheio de ondas. De maneira que ela ficou bonita e esquisita, mas um esquisito que a gente não se cansa de olhar. Luízinha, que já está uma moça, começou a querer saber uma porção de coisas, a reclamar a vida que levava naquela praça sem poder ir nem mesmo ao centro de S. Vicente. Aí, então, ela resolveu procurar o marido. Soube que ele estava em S. Paulo, veio para o mesmo hotel em que eles estão, e o resto o senhor já sabe...

ANDRÉ — Tio Luiz está apaixonado por ela mas não sabe que ela é a sua mulher. E por isso, meu pai, eu acho que o senhor deve ter um pouco de paciência e esperar que ela mesma se revele.

GERALDO — Você deve compreender como eu estou ansioso para abraçá-la! Mas esperarei. Sim. E' isto mesmo. Eu devo esperar!

(Música)

JOSEFA — Bom dia, Regina.

REGINA — Você já abandonou o outro meu nome? Não acha que é cedo ainda, Josefa?

JOSEFA — Tome o seu café. Depois eu queria que a gente conversasse um pouco.

REGINA — Que cara tão séria! Que é que você tem? Vá falando. Eu vou tomando café e vou ouvindo o que você quer dizer.

JOSEFA — Escute, Heloisa. Arre! Lá vem o tal nome que eu não quero mais usar...

REGINA — Josefa. Você não acha que quem manda no meu nome e na minha pessoa sou eu?

JOSEFA — Não. Não acho. Eu acho que você é mãe. E depois que a gente é mãe tem tanta responsabilidade que que já não é tão dona da sua pessoa. E era justamente o que eu queria falar com você. Luízinha já está presente neste apartamento há quatro dias à espera que você acabe de uma vez com esta encrenca. A menina está ficando nervosa. Ela sabe que o pai está lá em baixo, neste mesmo hotel; está numa aflição louca para conhecê-lo, e você nunca mais decide esta história. Fica de namoro com o velho, com briguinhas e ciúmadadas próprias de meninas e que não ficam bem para uma senhora, enquanto a sua filha continua prisioneira dentro de um quarto, como se o crime fosse dela e não de vocês. E eu vim lhe dizer isto, dona Regina Vilela: se a senhora, hoje mesmo, não tomar uma resolução, eu, ouviu, eu desço esse elevador, vou bater à porta do senhor seu marido e destrinço de uma vez essa embrulhada toda.

REGINA (rindo) — Mas que é isso, Zefinha? Como você ficou brava! O Zé Pedro tem razão. Você está ficando rabugenta.

JOSEFA — Eu sou madrinha de sua filha. Ajudei você a criar essa menina e acho que tenho o direito de me sentir por ela. Você acha pouco o que a pobrezinha tem sofrido?

REGINA — Eu lamento apenas, Josefa, que você tenha esquecido o que eu sou. E não compreenda que, por isso mesmo, eu tenha um verdadeiro pavor de sofrer!

JOSEFA — Eu não esqueci nada. Mas é que agora não dá tempo para pensar em Luizinha.

(Telefone)

REGINA — Deixe, Zefinha. Eu vou atender. (Atendendo) Alô... sim, sou eu mesma. Bom dia. Desculpe. Aquilo foi um nervosismo tolo. Eu também não dormi a noite inteira. Quem? Seu cunhado? Oh, lamento muito! Mas não posso descer para o almoço. Ele não volta amanhã? Pois então amanhã você me apresentará a ele. Está bem. Escute, Luiz. Logo mais à tarde você pode encontrar-se comigo no mirante? Pode? Então até logo, à hora do costume. Até logo, meu amor! (Desliga.)

JOSEFA — Ainda temos mais colóquios no terrço? Qual! Você perdeu o juízo, senhora dona Regina Vilela!

REGINA — Mas Josefa. O Geraldo está em S. Paulo. Ele vem almoçar com o Luiz. E eu não poderia ver o Geraldo sem atirar-me nos seus braços. Foi por isso que eu disse que não podia descer para almoçar. Você não acha que eu tenho razão? Ele está hospedado em outro hotel. Depois que ele sair... Escute, Josefa: Luizinha já acordou?

JOSEFA — Há quanto tempo. Você não sabe que Luizinha está acostumada a acordar cedo? Coitada. Fica melada naquele quarto, olhando as ruas lá fora que nem passarinho na gaiola.

REGINA — Vá chamar Luizinha. Eu preciso muito conversar com ela...

(Intervalo)

ANDRÉ — Boa tarde, meu pai. Então? Que me conta? Esteve com tio Luiz?

GERALDO — Estive. Almocei com ele. Mas não a vi. Oh, meu Deus! Por que é que a Regina não resolve este caso de uma vez?

ANDRÉ — É' isto mesmo. Eu também já estou achando de mais. Sim, porque, enquanto as coisas não se decidem, eu não posso procurar a Luizinha.

GERALDO — Você tem muito tempo, meu filho. Mas nós, os velhos...

ANDRÉ (atalhando) — Velho, não. O senhor não tem nada de velho, meu pai. A Josefa não contou à minha avó que a Luizinha quando o viu na rua do Ouvidor pensou que o senhor fosse o meu irmão mais velho?

GERALDO — Pois bem. Será como você quer. Mas, como eu ia dizendo: nós, os que nos aproximamos do inferno, nós, os que já estamos à sombra do outono, temos sempre uma pressa enorme! As folhas caem. As árvores se despem... Daí a ansiedade, daí a sofreguidão. E queremos aprisionar entre os braços toda a alegria da vida, todo o brilho dos dias, antes que a penumbra e o frio da velhice venham escurecer e enregelar o nosso coração.

(Passos)

ALZIRA (entrando) — Boa tarde, doutor Geraldo e euvi, agora quando ia entrando, a sua última frase, o protesto. A velhice não escurece e nem geia os corações. A velhice pode escurecer a vista da gente, pode talvez sifir o nosso sangue. Mas a alma, doutor Geraldo, esta alma que é eterna e que Deus soprou dentro de nós, esta não! Tudo permanece vivo, florido e claro dentro dela desde que, dentro dela, brilhe a fé em Deus e a esperança na Eternidade.

(Campainha de porta)

ANDRÉ — Entre.

GARÇON — O doutor vai jantar agora?

ANDRÉ — Quer jantar agora, meu pai?

GERALDO — Sim. Dê-me o braço, dona Alzira. Vamos jantar. Continuaremos lá a nossa discussão.

(Música)

LUIZ (monologando) — Aqui estou eu, de novo, à espera da minha estirpe. Vamos ver se hoje ela se decide a falar.

(Passos)

LUIZINHA — Com licença, doutor Vilela.

LUIZ — Oh, quem é você?! Mas... quem é você? Diga! Eu... eu tenho a impressão de que estou sonhando. Parece uma ressurreição! Eu estarei sonhando? Não sorria assim, tão calada. Fale. Diga-me de uma vez. Quem é você? Parece uma ressurreição! Igualzinha a Regina... Isto não será um sonho, não será uma alucinação?

LUIZINHA — Não. Não é um sonho. Dê-me as suas mãos. Veja como eu sou uma realidade. Veja. Deixe-me abraçá-lo. Para que se convença de que eu não sou uma visão.

LUIZ — Mas diga, então. Quem é você? Diga! Pelo amor de Deus. Antes que eu enlouqueça. Diga, por favor!

LUIZINHA — Quem sou eu? Eu sou... bem... antes eu gostaria de me sentar...

LUIZ — Oh, desculpe senhorita! A sua aparição causou-me uma tal surpresa que eu até me tornei indelicado. Sente-se, por favor.

LUIZINHA — Sentemo-nos, doutor Vilela. Fique aqui. Assim. Diante de mim. Agora eu vou lhe dizer quem sou. Eu tenho dezesseis anos, nasci em S. Vicente e me chamo Luizinha Vilela.

LUIZ — Como? Repita! Você se chama...?

LUIZINHA — Luizinha Vilela.

LUIZ — Vilela? Você é filha de quem?

LUIZINHA — De Regina e de Luiz Vilela.

LUIZ — De Regina? De Luiz Vilela? Mas... onde está Regina? Eu preciso acreditar neste sonho. Onde está Regina? Mas meu Deus! Eu enlouqueço. Fale!... Oh, tenha pena de mim!

LUIZINHA — Minha mãe está ainda com ciúmes? Não, não está. Ela já se esqueceu de tudo.

LUIZ — Mas... isto é deslumbrante! Então você é minha filha?

LUIZINHA — Sim, meu pai. Eu não resisto mais. Deixe-me abraçá-lo!

LUIZ — Minha filha. Minha filha. Tão linda e tão parecida com sua mãe! Mas por que ela não veio com você?

LUIZINHA — Minha mãe está com ciúmes.

LUIZ — Ciúmes? Ciúmes de quem?

LUIZINHA — De Madame Casa Branca...

LUIZ — Ela está é envergonhada de me ter iludido como iludia. Naturalmente ela se oporreu para mudar assim, não foi?

LUIZINHA — Ela fez uma operação plástica.

LUIZ — A minha Regina! Por isso é que eu me apaixonei tão perdidamente. E ela ainda tem ciúmes... quem eu amava na Heloisa era a própria Regina. Eu preciso dizer-lhe isto quanto antes. Vamos vê-la. Vamos, minha filha.

(Música)

REGINA (beijos) — Chega, Luiz! Você me sufoca! Basta, meu amor! Deixe-me, Luiz.

LUIZ — Não, Regina. En tão você acha pouco o que eu esperei? (Beijos) Agora sou eu que me vingo — Madame Casa Branca!...

JOSEFA — Luizinha, vá dar um passeio lá fora; a atmosfera aqui dentro está um tanto carregada...

LUIZ — Não é preciso não, Josefa. Deixe a minha filha comigo. Você é que vai me fazer o favor de telefonar ao Geraldo. Diga-lhe que venha imediatamente e que abraça o André.

LUIZINHA (grito) — Meu pai. Quem é que o senhor disse? André? Quem é esse André?

LUIZ — André? É... é um seu primo. André Montenegro.

JOSEFA — É' o filho do doutor Geraldo, não é? É' o Netuno, Luizinha!

LUIZINHA — Então você sabia, Josefa?

JOSEFA — Eu desconfiava. E agora fiquei sabendo.

LUIZINHA — Mas então... ele é meu primo? E... ele não foi à Europa?

LUIZ — Ele embarcou, mas por causa da guerra a sua viagem foi interrompida.

LUIZINHA — Que felicidade, meu pai! Que felicidade, meu Deus! Vá, Josefa. Vá telefonar!

(Música)

(Barulho de martelo e de madeiras arrastando)

ZÉ PEDRO — Uff... eu já estou cansado. Mas já está quase pronto, não é?

JOSEFA — E está bonito, não está? Vamos, tia Alzira, vá lá e veja o que está pronto.

ALZIRA — Pronto. Agora é só provar com umas taratinhas. Parece mentira, não é, Josefa? Mas eu bem dizia à Luizinha que ainda havia de assistir ao seu casamento aqui nesta capela. Agora o que eu não pensava é que o casamento fosse com o meu neto.

(Mesmo ambiente)

JOSEFA — É' como a senhora diz, tia Alzira. A vida gosta de pregar peças à gente.

ALZIRA — Se gosta, hein? E às vezes faz cada surpresa que quase nos mata. Você não viu o doutor Geraldo? Eu pensei que ele fosse morrer quando abraçou a dona Regina naquele dia. E a Luizinha quando viu o André?

JOSEFA — E a senhora quando teve que contar a sua história? Eu pensei que a senhora não aguentasse.

ZÉ PEDRO — Josefa e tia Alzira me desculpem... Mas eu acho que conversando o serviço não rende, e este altar precisa ficar pronto hoje. Vamos tratar do presente. O passado não interessa mais.

JOSEFA — Passado!... Uma coisa dessas nem depois de muitos anos a gente esquece...

ALZIRA — É' isto mesmo, Zefinha. Faz apenas dois meses que aconteceu tudo isto. E eu até hoje ainda tenho um apêto no coração quando me lembro daquela cena no quarto do hotel.

ZÉ PEDRO — Quando eu cheguei e a Josefa me contou que todos estavam reunidos e que tudo já estava explicado, e que a Luizinha estava ao lado do doutor André, eu nem sei o que senti. (Chora) E quando eu entrei para abraçar o doutor Geraldo e o doutor Luiz, eu até cuidei que fosse morrer... eu... eu confesso que fiquei abafado...

(Batidas na porta)

JOSEFA — Vá ver quem é, Zé Pedro.

(Passos e porta abre)

JUSTINO — Boa tarde. Eu vim trazer as flores. Eu sou o Justino, companheiro do doutor André. Por favor, venha me ajudar. Tem flôr que não acaba mais. Eu trouxe tudo no carro do doutor Geraldo.

(Transição musical)

JUSTINO — Ela beleza! Que coisa tão linda, não é... dona... como é mesmo o seu nome, senhorita?

ZÉ PEDRO (enfizado) — Josefa. Ela se chama Josefa. Mas não tem nada de senhorita. Ela é uma senhora e é minha mulher.

DIAGNOSTICO PRECOCE DA GRAVIDEZ PELO EXAME DE URINA
Exames de sangue, espermatozóides, Vaginose autóloga
Laboratório CURVELLO DE OLIVEIRA
Rua São José, 85. 4.º andar. Telas 485-488
(Edifício Candelária) — Fone 22-2717

SIC TRANSIT

(Continuação da pág. 45)

— Seu marido não é o autor do livro "Mocidade de Fogo"?

— Ah! Já percebo a confusão. O autor do livro é o dr. João da Rocha Domingues, primo de meu marido, um levado da breca, com o qual nunca tivemos relações; esse, sim, é solteiro, mas não é professor; não trabalha, não faz nada, não passa de um vadio e um boêmio.

Terminada a visita, quando todas já tinham descido a escada, rerveram os comentários.

— Quem havia de dizer! O boêmio é pacatíssimo pai de família!

— Nós pensando em tanta bobagem!

— Foi Mariana quem contou tudo errado.

— É, mas não inventei, não. Aquela amiga de mamãe é que fez a confusão.

— Mesmo assim, esse Domingues é bem sem-vergonhazinho; onde já se viu ir dar aula sem aliança? Alguma coisa do primo ele deve ter!

— E d. Marcolina? Ela também teve formação errada e passa o dia se arrumando para pescar o Domingues!

Lá se foram a caminho da escola, falando apenas da descoberta sensacional. De repente:

— Que vamos dizer às outras? Contar tudo?

Ah! Ah! Ah! Se tivessem encontrado o apartamento bege e "bordeaux" da avenida São João, contar toda a aventura seria um prazer celeste. Mas descrever os móveis antiquados, o apartamento barato, contar que o prof. Domingues era legalmente casado com uma simpatia de mulher e tinha dois filhos! Que não era o autor boêmio de "Mocidade de Fogo"!

— Vamos fazer um mistério da visita. Nada de comentários nem de descrições.

Diremos que tudo foi bem, que ele continuava na cama, sem entrar em detalhes.

A idéia de Verônica era mesmo boa. As restantes da classe debalde pediram, suplicaram, imploraram, rogaram, só conseguiram como resposta um sorriso misterioso, cheio de subentendidos, com esta simples frase:

— Foi tudo muito bem. Fomos muito bem recebidas.

Ninguém soube nunca quem foi que contou, mas o mistério não durou quinze dias e a classe sossegou. A classe? Era melhor dizer a escola toda, que estava num estado de efervescência incompreensível para professores e diretores.

Quando o prof. Domingues reassumiu a cadeira, notou nas classes uma transformação enorme que o surpreendeu muito desagradavelmente. Parecia que uma brisa carregada de emanações rebeldes soprara sobre a escola; e ele, que até então olhara os colegas com certa superioridade, foi obrigado a confessar que também não sabia o que havia de fazer para aquelas diabinhas estudarem e prestarem atenção!

— No começo eu era novidade, tudo eram rosas. Agora...

As referidas diabinhas nunca mais se lembraram de comentar seus gestos, nem de declarar "um amor" o ângulo da sobancelha direita. Assim desceu o prof. Domingues da categoria de semi-deus e nivelou-se aos outros mortais.

Sic transit gloria mundi.

Só d. Marcolina, ignorante de todo o



drama (como era divertido vê-la chegar paramentada!) continuou a se enfiar diariamente para a entrada do professor de História, devo confessar que sem resultado algum.

O Pó de Arroz que realça a BELEZA!

Nas cores:

- Branco
- Rosa
- Raquel
- Ocre-claro
- Ocre-escuro
- Ocre-rosée
- Gitane
- Péche



A VENDA EM TODO O BRASIL

• Infever •

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

O preço desta edição é de Cr\$ 1,50 em todo o Brasil, não podendo ser vendida por preço maior.

CASPA! CABELOS BRANCOS!

use **LOÇÃO XAMBÚ**

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM A SUA COR NATURAL ELIMINA A CASPA - EXITO GARANTIDO




PARA QUE SUA EPIDERME MANTENHA
TODO O ENCANTO DOS 20 ANOS...

CRISTAIS PARA BANHO E TALCO

ALLÂNIA

PRODUTOS DE ALTA CLASSE

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE



MENACOL
REGULAR



De cada 5 pessoas
- 4 estão ameaçadas

de **PIORRÉIA**

sem sequer suspeitá-lo

Inimiga da beleza
dos dentes e da saúde
das gengivas

Gengivas sensíveis e que sangram são geralmente o primeiro sinal da piorréia.

Se não for combatida a tempo, a piorréia provoca o amolecimento e a desfiguração das gengivas com o conseqüente afrouxamento e perda dos dentes.

Não se arrisque com a piorréia! Comece a proteger-se hoje mesmo com o dentífrico FORHAN'S para as gengivas! Forhan's é feito especialmente tanto para limpar os dentes como para massagem nas gengivas, sendo o único dentífrico que contém o adstringente especial anti-piorrético do Dr. Forhan.

Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de piorréia apresentaram notável melhora no fim de apenas um mês de uso do dentífrico FORHAN'S.

Comece a usar o dentífrico FORHAN'S hoje mesmo!

Escove os dentes com

Forhan's



R. J. Forhan D.D.S.

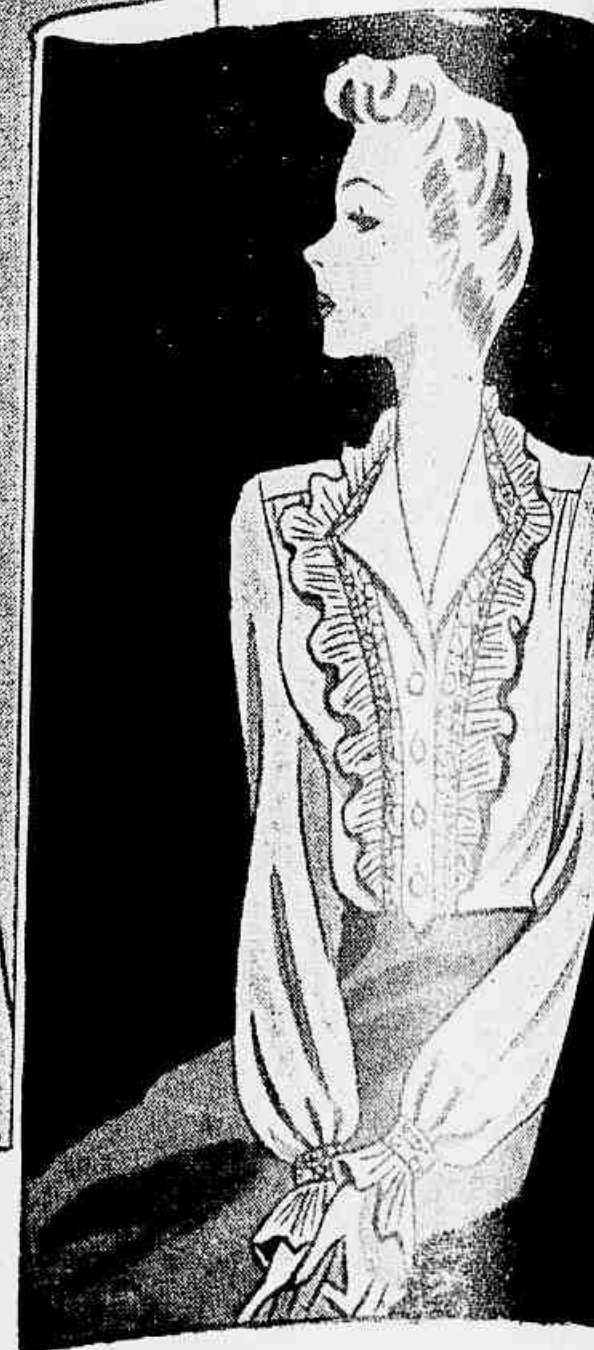
"Não espere sofrer de piorréia para usar Forhan's — use Forhan's e evite a piorréia."

5FP1



PARA O SEU
«TAILLEUR»

Prática, indispensável e sempre em moda,
a blusa é a eterna companheira da elegância feminina. Aqui estão alguns modelos para a escolha das nossas leitoras.



PREFIRA
AGUA DE COLÔNIA LEGÍTIMA
MARCA
RION
UMA COLÔNIA CLÁSSICA

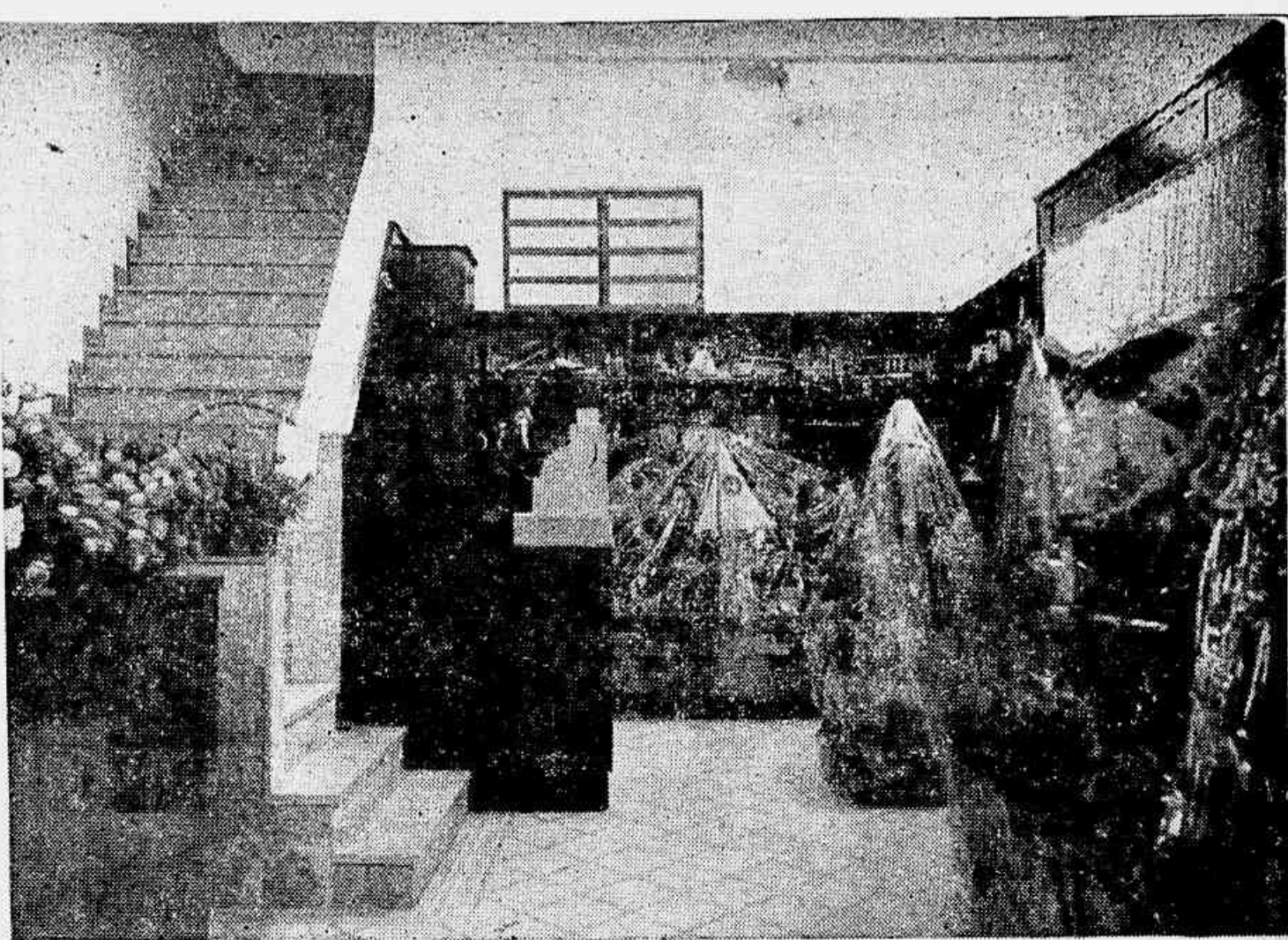


Rion



AGUA DE LAVANDA
RION

TIPO PERFEITO DE
OLD ENGLISH LAVANDER



NO CORAÇÃO DE *Copacabana*



COPACABANA conta, desde o dia 12 do corrente, com mais um estabelecimento comercial nos moldes dos melhores armazéns do seu gênero da América do Norte e Inglaterra. Trata-se de SCOL, propriedade dos srs. Alcides de Castro Neves e Adil da Silva Vaz, naquele dia inaugurado e aberto aos seus distintos clientes.

Essa inauguração foi assinalada por uma brilhante festa, que congregou na nova e elegante casa elementos destacados da nossa alta sociedade, figuras de relêvo dos nossos meios comerciais e representações da imprensa e do rádio. Aos presentes foi oferecida lauta mesa de doces, tendo falado ao champagne o publicista dr. Abrahão David Benoliel, saudando os proprietários e augurando ao estabelecimento franco sucesso em seus negócios.

O estabelecimento ora inaugurado em Copacabana está situado à avenida Copacabana n.º 685-A, e se dedica ao comércio de rádios, vitrolas, refrigeradores, discos, presentes, utilidades domésticas, objetos de arte e brinquedos. Esta é mais uma preciosa aquisição do aristocrático bairro.

Nesta página: ao alto, em sequência da esquerda para a direita: aspecto da solenidade de inauguração, vendo-se elegante grupo de senhoras e senhoritas; a exposição de brinquedos; grupo de distintas convidadas, entre as quais se destaca Mme. Alcides de Castro Neves; Mme. Alcides de Castro Neves é brindada por senhoras. Em baixo: fachada do novo estabelecimento comercial de Copacabana.

A direita — O sr. Presidente da República corta a fita simbólica, inaugurando a eletrificação do ramal que vai de Campo Grande a Santa Cruz.

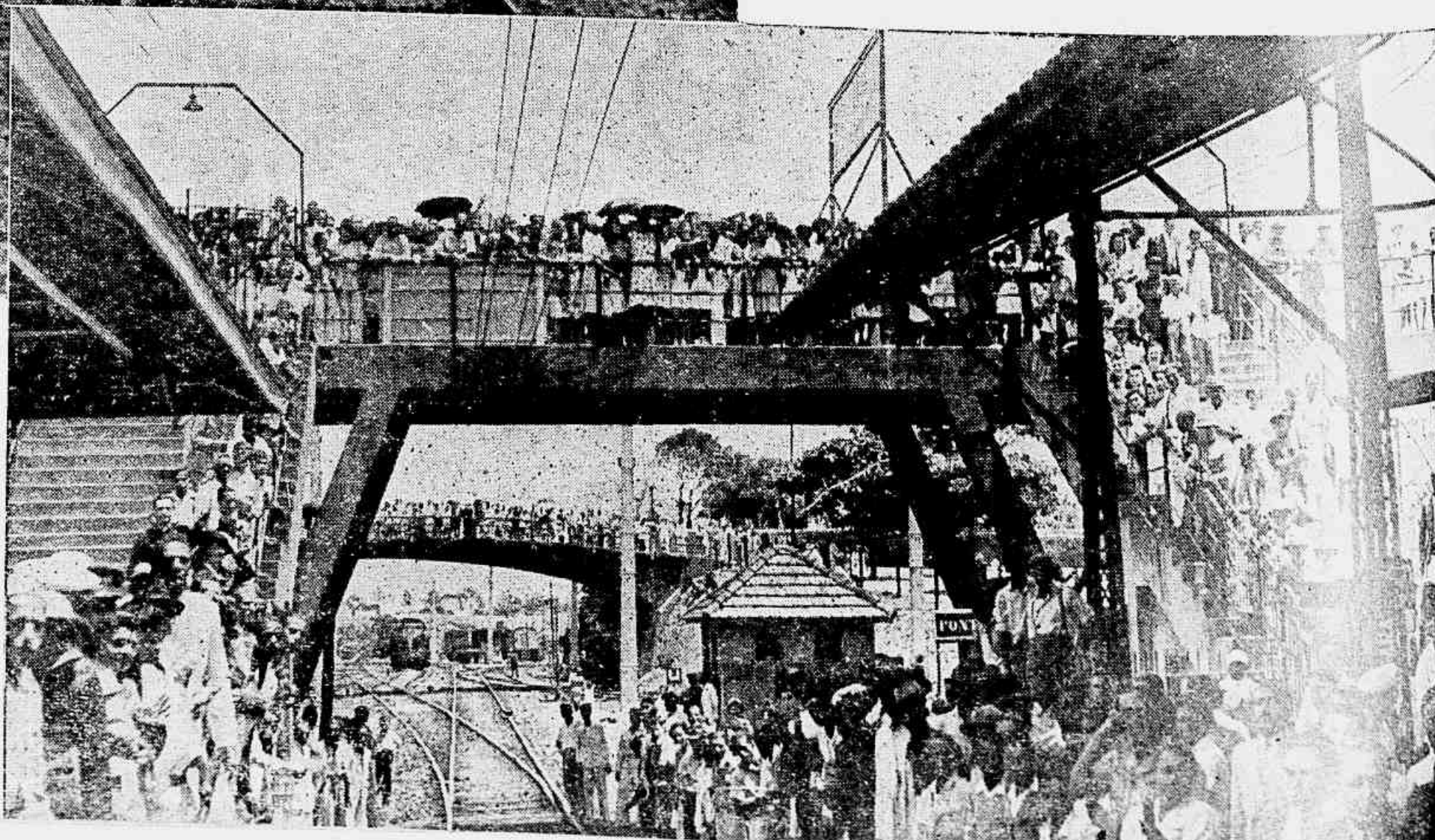


A inauguração do ramal eletrificado de Santa Cruz

Realizou-se, no dia 14 do corrente, a solene inauguração do novo ramal eletrificado pela Central do Brasil, no trecho compreendido entre Campo Grande e Santa Cruz. A cerimônia foi presidida pelo sr. Getúlio Vargas, à mesma comparecendo os ministros Mendonça Lima e Salgado Filho, coronel Alencastro Guimarães, engenheiros, autoridades, jornalistas e pessoas de relevo em nossa sociedade. Beneficiando uma rica e próspera região do Distrito Federal esse melhoramento era reclamado há vinte anos. O povo, reconhecido ao primeiro mandatário do País por mais esse empreendimento, soube tributar a S. Excia. sinceras homenagens. Em trem especial, o Presidente da República e a numerosa comitiva partiram da estação da Central, com destino a Santa Cruz. Os srs. Mendonça Lima, Alencastro Guimarães, Eurico de Souza Gomes e Astolfo Serra iam dando informações ao Chefe do Governo, que fez o percurso na plataforma de um carro ligado à frente da composição.

Em Paciência, Campo Grande e demais estações, o sr. Getúlio Vargas foi alvo de várias manifestações. O sr. Carlos de Abreu Godinho, em Inhoaíba, e o comendador Serafim Sofia, em Kosmos, saudaram o primeiro magistrado do País, salientando a significação da cerimônia que se ia realizar. Pouco depois das 11 horas chegava a Santa Cruz o Chefe do Governo. Na estação, grande massa popular aguardava o trem presidencial, empunhando disticos e cartazes que assinalavam a importância da obra. Ao cortar o sr. Getúlio Vargas a fita verde-amarela comemorativa da inauguração, fez-se ouvir o Hino Nacional, repetindo-se as manifestações populares. Nessa ocasião falaram diversos oradores, entre os quais o sr. Alencastro Guimarães, diretor da Central, que se referiu à eletrificação dessa ferrovia e ao programa de obras em execução. Em seguida o Chefe do Governo dirigiu-se à Escola Técnica de Santa Cruz, onde lhe foi oferecido um churrasco, tendo nessa ocasião falado o sr. Cesarão de Melo e diversos outros oradores, aos quais S. Excia. respondeu, agradecendo.

Nestas páginas damos diversos aspectos da inauguração, vendo-se, à esquerda destas linhas, parte do trecho eletrificado.



A direita — Na estação de Santa Cruz o povo aguarda a chegada do trem presidencial, que iria pouco depois inaugurar o novo ramal.



Em cima — A massa popular postada ao redor da estação de Santa Cruz. Foi um dia de grande júbilo aquê, para a população do futuroso subúrbio.

A direita — O sr. Getulio Vargas falando no almoço que lhe foi oferecido.



Em baixo, à esquerda — Ao terminar o seu discurso, o sr. Cesario de Melo saúda o Chefe do Govêrno; à direita — O sr. Getulio Vargas servindo-se de churrasco, tendo ao seu lado o sr. Alencastro Guimarães.



Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreto

Informações:
Rua Flack, 153 - Rio. T. 23-2840
OLEO — LOÇÃO



Talvez como um símbolo, as mulheres gostam dos laços... E agora os laços aparecem nas "toilettes" como um encantador motivo de adorno. Laços pequenos, laços multicores, isolados ou em grupos graciosos os lacinhos vão pontilhando os trajes femininos expressivos e encantadores...

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTA



A MODA DOS LAÇOS

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVANÇAM-SE RECENTAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ

ÓCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

DE OURO

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



DORMITORIO

COLONIAL

Eis aqui o que se pode chamar estilo colonial puro. Sem estilizações deformantes, estes móveis são trabalhados em madeira nobre, com colunas torneadas à maneira dos velhos marceneiros do Brasil Colônia. Apenas o guarda-casaca, dividido em três partes, mostra uma ligeira influência da arte mobiliária modernista. A cômoda, a mesa e a penteadeira são dignas de figurar em qualquer dormitório genuíno que porventura guardem os nossos museus. A cama guarda também alguns detalhes modernos quanto ao tamanho e à altura, mas em seus bordados e talhas mostra todas as características de um estilo colonial puro.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Cia de Cigarros
SOUZA CRUZ

Creuda